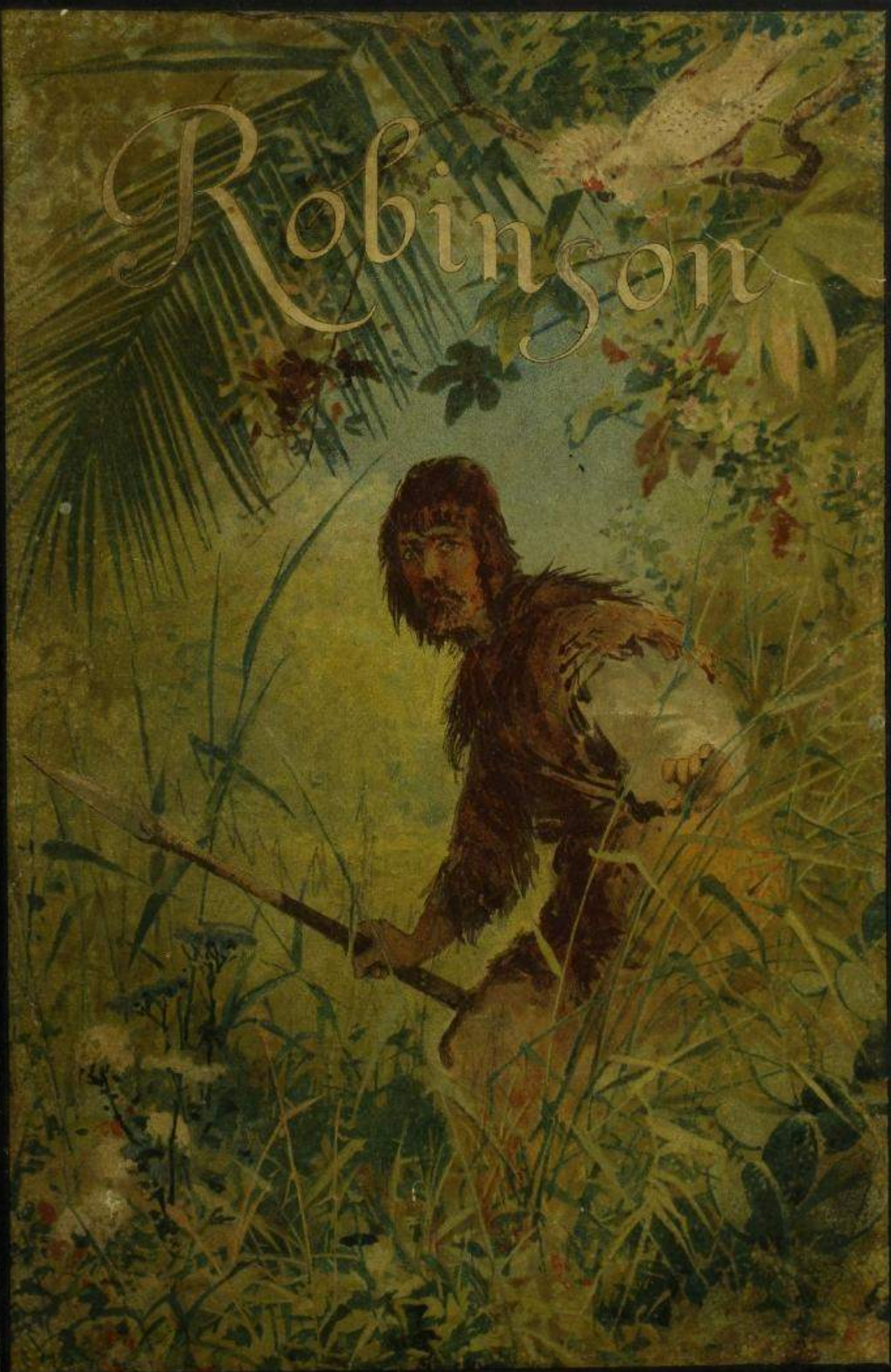


Robinson



LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
NELLO BARJONA & COMP.
58, Rua 15 de Novembro
Caixa Postal 388
S. PAULO

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

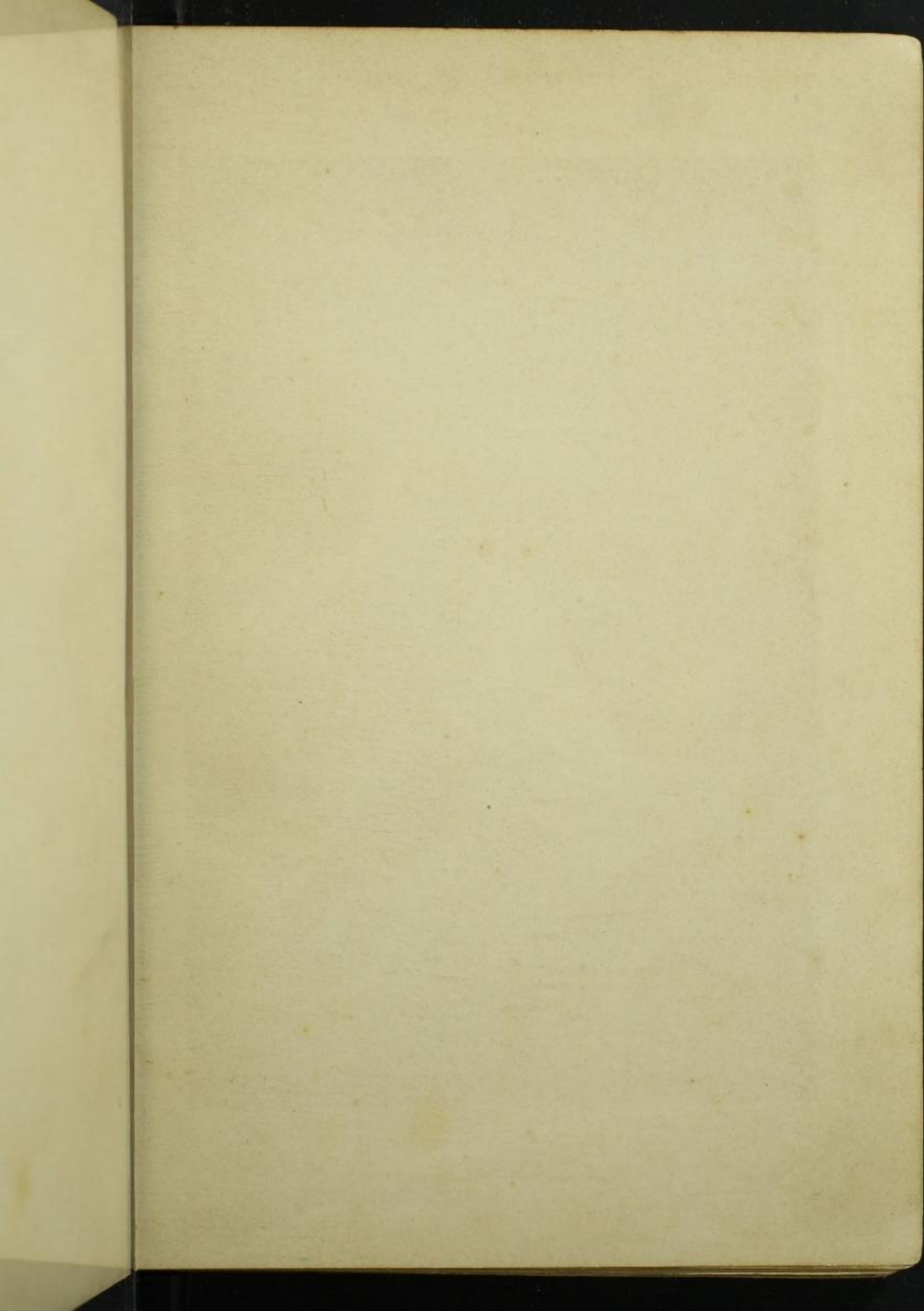


LN

LIVRARIA C.
MELLI



[The main body of the page is blank, showing signs of aging and discoloration.]





R

ROBINSON CRUSOÉ.

REDIGIDO PARA A MOCIDADE
BRAZILEIRA, SEGUNDO O PLANO

DE

F. HOFFMANN,

POR

CARLOS JANSEN,

DO COLLEGIO D. PEDRO II.

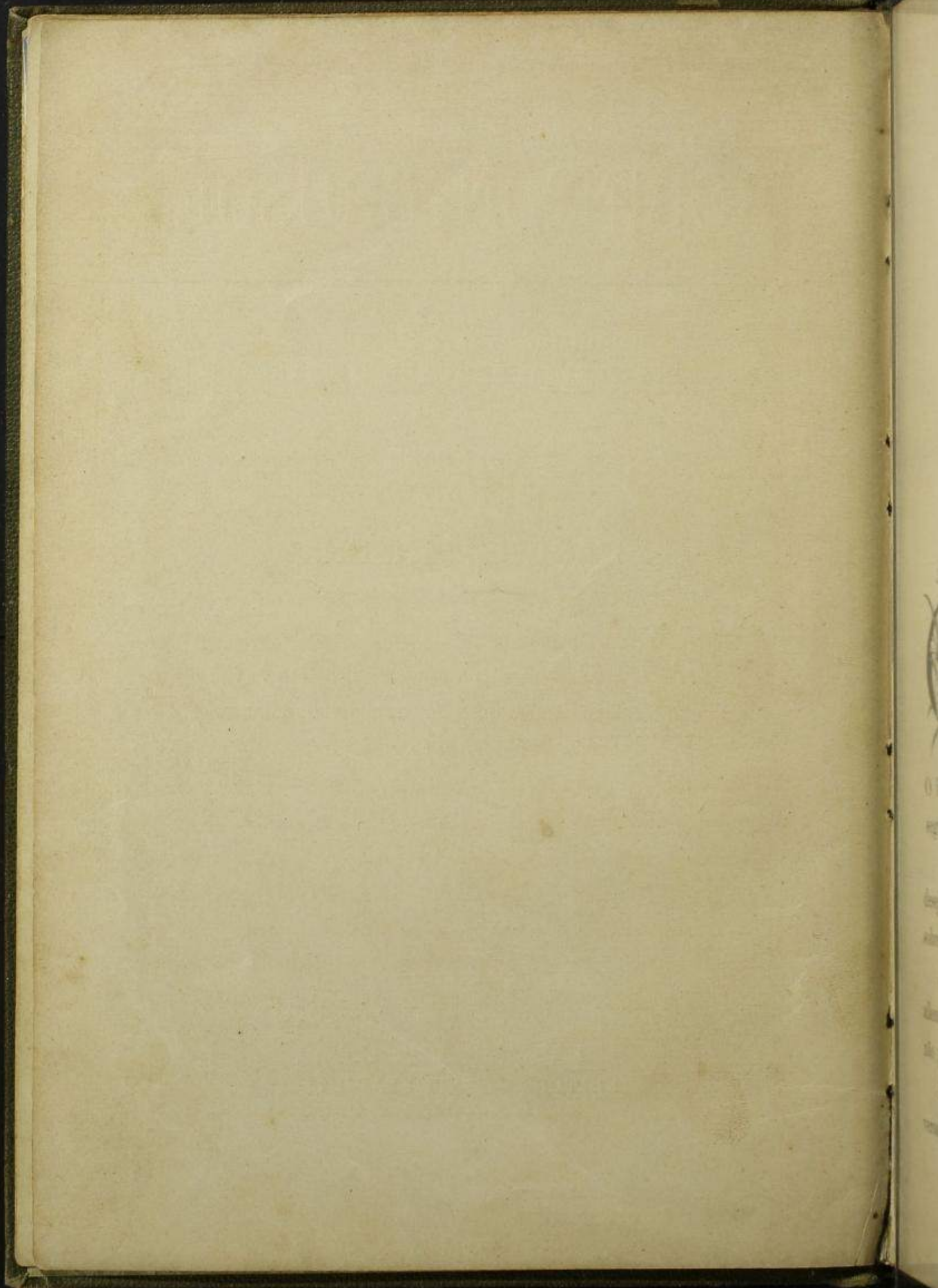


SEGUNDA EDIÇÃO, ADORNADA COM ESPLENDIDOS CHROMOS.



RIO DE JANEIRO. — S. PAULO. — RECIFE.

LAEMMERT & C.,
EDITORES-PROPRIETARIOS.



PREFACIO.



Sr. professor Carlos Jansen, a quem as letras e a pedagogia brasileira já tanto devem, acaba de traduzir o celebrado romance *Robinson Crusóé*, de Daniel de Foe. — O livro foi pelo traductor adaptado ao nosso meio soçial, segundo o plano de F. Hoffmann.

Não é este o lugar mais proprio para satisfazer o desejo, que ha muito experimento, de dizer alguma cousa sobre a individualidade litteraria de Carlos Jansen.

Jornalista, professor e novellista, este distincto escriptor allemão-brazileiro merece um estudo especial e acurado, que não pode ser feito nestas paginas.

Nada será dito tambem agora sobre os meritos universalmente reconhecidos do estimavel Daniel de Foe.

O insigne puritano, filho d'um povo de navegantes e colonisadores, symbolisou em seu livro o ardor, a energia, a coragem que deve o homem exercer em lucta contra a natureza. — É uma epopéa *sui generis*, propria dos tempos modernos, industrial, mercantil, rude e honesta; livro que só poderia ser escripto por um inglez; livro que é uma especie de laço trançado entre os antigos *reis do mar*, de que procedem os compatriotas de Cook e Penn, e os *yankees*, que delles descendem.

O *Robinson* está julgado pela critica universal.

Direi apenas duas palavras sobre o plano pedagogico de Carlos Jansen.

Acredito na lei do *consensus* proclamada por Spencer.

A modificação produzida n'uma das ramificações da actividade humana, repercute em todos os outros dominios e estende-se por toda a área do pensamento.

Em outros termos, a evolução é geral e harmonica em todas as manifestações da intelligencia. Nosso seculo tem sido testemunha de applicações maravilhosas, estupendas desta lei.

Quatro ou cinco systemas capitaes, que hão regido a philosophia de nosso tempo, têm modificado as velhas tradições em todos os districtos do saber.

Cosmographia, physica, biologia, historia, critica, direito, politica, moral, arte, a orbita inteira da intelligencia, hão recebido o impulso das tendencias modificadoras.

Esses systemas, divergentes em algumas intuições e

tendencias, obedeceram a certas predisposições immanentes ao pensamento moderno.

Hegelianismo, positivismo, transformismo, para só fallar nestes tres, produzirão uma litteratura inteira, vasta, variada, completa, em que os principios fundamentaes dessas philosophias fôram applicados a todás as sciencias e a todas as artes.

A pedagogia não escapou a esta lei, e já muitos e valorosos são os trabalhos, especialmente entre inglezes e allemães, em que a sciencia da educação assenta em bases experimentaes e positivas.

A applicação do evolucionismo transformista lhe tem sido em particular de alcance vasto e admiravel.

Banidos os velhos methods, que faziam a sciencia de cima para baixo, partindo d'uma idéa ou d'um principio geral, a que os factos se deveriam por força accommodar; banidos os velhos methods, a pedagogia teve de firmar-se nos factos, e partir com elles á busca das leis que regem o desenvolvimento do individuo e da sociedade. Dest'arte ella não pôde prescindir dos auxilios valiosissimos que o estudo systematico das creações humanas tem accumulado em nosso seculo sob os nomes de anthropologia, ethnographia, demographia, etc.

A idéa de educação trouxe em todos os tempos a idéa de *disciplina*, de *correção* das energias physicas, moraes e intellectuaes do homem. Isto, que todo o mundo repete, é em parte verdadeiro, mas só em parte.

Assim concebida, é facil avaliar o quanto se pode abusar da idéa fundamental da educação; e o estado, a que esta tem por vezes chegado nas epocas de decadencia, é por demais eloquente.

Cumpre saber em que sentido e até que ponto a educação deve ser uma corrigenda imposta á natureza.

Neste ponto é que o experimentalismo se interpõe, e acaba com as divagações *a priori*.

A educação, dizem os humanistas, é uma sciencia, e toda sciencia é um producto humano, é um resultado evolutivo de nossa intelligencia, não se apanha á mão no mundo exterior como os fructos das arvores ou as aves do ar.

Não ha duvida, — educação, moral, religião, arte, sciencia, sabe-se bem que são productos da civilização, lentamente elaborados; effeitos que depois têm vindo a cooperar como causas no proprio desenvolvimento da humanidade.

Não se contesta; mais isto é em si muito esteril e pode conduzir-nos a um subjectivismo aniquilante, se não fôr entendido habilmente.

Resta-nos sempre determinar quaes as leis, os estimulos, as provocações que o homem experimentou, quer da natureza exterior, quer de sua propria natureza physica; leis, estimulos ou provocações que determináram o seu desenvolvimento e o leváram a produzir a civilização e, com

ella, todas aquellas creações que ficáram acima indicadas e que elle suppõe filhas de seu capricho.

Cumpre-nos tambem não esquecer a immensa somma de experiencias accumuladas que por via de hereditariedade o homem recebeu de sua origem ancestral primitiva, e nós hoje possuímos de modo inconsciente.

Não olvidar as energias mentaes capitalizadas que o homem de hoje, pelo mesmo processo, adquiriu das raças, dos povos que nos antecederam.

Ha, portanto, na educação, como em todas as creações que se lhe prendem e assemelham, um elemento autonomo, *natural*, espontaneo, que não obedece, que não deve obedecer aos caprichos de nossa vontade.

Por outra: — a civilização e todas as suas grandes feituraes são productos da actividade humana; mas esta actividade mesma obedece a leis, a forças que lhe são impostas pela natureza do meio externo e interno em que se desenvolve o proprio homem. — E tanto é isto assim, que o homem não produziu a sua cultura porque o quizesse.

Não é verdade que elle não a produziria, se assim o entendesse. Elle é o que é, ou o que as leis cosmicas o deixáram ser; e neste sentido, a civilização, com o que ella tem de mais elevado, é producto da natureza. A vontade é um phenomeno natural; a intelligencia, a sciencia, a moral, a educação tambem o são. — A objectividade rege, mais do que se suppõe, os destinos humanos. A synthese

puramente subjectiva da cultura e da sciencia é um simples preconceito. — A synthese é bi-lateral, pelo menos.

A pedagogia deve attender a tudo isto; deve collocar-se no terreno dos factos e da experiencia, e concorrer para o desenvolvimento normal do homem.

A educação não deve ser puramente uma especie de *selecção artificial*; ao contrario, cumpre-lhe ser, o mais possivel, um auxiliar da *selecção natural*.

Este pensamento é facil de ser comprehendido.

Em regra geral a normalidade é a lei dos seres vivos; na maioria dos casos a natureza humana é impellida por moveis aproveitaveis. O educador deve desenvolve-los, e nada mais.

E como não é só a vida animal que produz monstros, seres teratologicos, como a vida social tambem os produz, a estes devem ser applicados todos os recursos da sciencia do educador, todos os meios da *arte* para chamar a extravagancia á normalidade, ou á verdade da *natureza*.

Eis porque a pedagogia deve ser puramente *realista*, mais realista do que a litteratura, do que a arte.

Mas não foi para discorrer sobre a sciencia da educação que tomei da penna; foi apenas para lembrar que um dos mais humildes ramusculos da pedagogia, aquelle que prescreve as leituras mais apropriadas ás classes primarias, tambem entrou em via de transformações.

Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras lettras apprendia-se a lêr em velhos autos, velhas *sentenças*

fornecidas pelos cartorios dos escrivães forenses. Historias detestaveis e enfadonhas, em sua impertinente banalidade, eram-nos ministradas nesses poeirentos quartapacios. Eram como clavas a nos esmagar o senso esthetico, embrutecer o raciocinio, e estragar o character.

Era então precisa uma abundante seiva nativa para resistir á semelhante devastação.

As *sentenças* manuscriptas eram secundadas por impressos vulgares, incolores, proprios para ajudarem a destruição.

Era o lêr por lêr, sem incentivo, sem prestimo, sem estímulo nenhum. Hoje esta face da educação provoca um cuidado especial. Ministram-se ás crianças leituras que lhes desenvolvão o senso moral e esthetico, o raciocinio e a imaginação, o coração e o espirito.

Acho, porém, que vai-se talvez neste ponto cahindo n'um extremo que deve ser combatido.

Refiro-me á exclusiva leitura de trechos technicos, utilitarios, praticos, capazes por certo de fornecer, desde a primeira infancia, algumas noções positivas adequadas aos usos da vida; mas esterilizantes para a imaginação e o senso poetico, fontes de prazeres espirituaes de purissimo quilate, e que têm influencia decisiva sobre a intelligencia e o character.

Tal defeito não encontrei partilhado pela *Deutsche Schule* desta côrte, cujos livros de leitura contêm versos, historietas, phantasias e trechos litterarios dos bons autores

allemães, ao lado de paginas mais positivas e praticas. —
Nesta boa senda caminha o Sr. Carlos Jansen.

O *Robinson Crusóé*, redigido para a mocidade brazileira,
e um presente magnifico, um mimo que vai encantar, ins-
truindo os nossos filhos; e os vai instruir sem affectações,
sem lamurias e pieguices nocivas.

Rio, Outubro de 1884.

Silvio Roméro.

INDICE.

CAPITULO I.

- Robinson Crusóe. — Sua predilecção pelas viagens. — Excursão improvisada a Londres. — Grandes projectos commerciaes. — Como indo para a Guinéa, muda de rumo, navega para o Brasil, e por fim naufraga de veras. 1

CAPITULO II.

- Na escola da necessidade, Robinson aprende a ser activo 11

CAPITULO III.

- Robinson faz descobertas preciosas, e volta para a casa com uma verdadeira fortuna 22

CAPITULO IV.

- Augmenta-se o bem estar de Robinson. — Descobre um thesouro que trata com summo desprezo 28

CAPITULO V.

- Robinson continúa a sua vida solitaria, augmentando de dia em dia o seu bem estar á força de trabalho e reflexão 33

CAPITULO VI.

O terremoto e as chuvas: consequencias destes dous phenomenos . . . 43

CAPITULO VII.

Robinson renova o seu traje, e adoeece 51

CAPITULO VIII.

Convalescença de Robinson. — Novas descobertas. — Horario de trabalho 56

CAPITULO IX.

Robinson descobre vestigios humanos. — Chegam á sua ilha anthropophagos, e Robinson salva uma das suas victimas. 64

CAPITULO X.

Sexta-feira faz fogo. — Refeição deliciosa. — Reflexões de Robinson. . 75

CAPITULO XI.

Robinson fortifica a sua habitação. — Estação das chuvas. — Trabalhos domesticos. — Robinson ensina a Sexta-feira a religião christã. . . 79

CAPITULO XII.

Conclusão da barca e viagem infeliz 87

CAPITULO XIII.

Naufragio 92

CAPITULO XIV.

Robinson e Sexta-feira concluem a balsa e navegam para o navio. — Naufragio e perigo de vida. 102

CAPITULO XV.

Bem estar devido ao naufragio 113

CAPITULO XVI.

Novo desembarque dos selvagens. — Robinson e Sexta-feira salvam duas victimas, sendo uma o pai do joven indio 118

CAPITULO XVII.

A narração do hespanhol 125

CAPITULO XVIII.

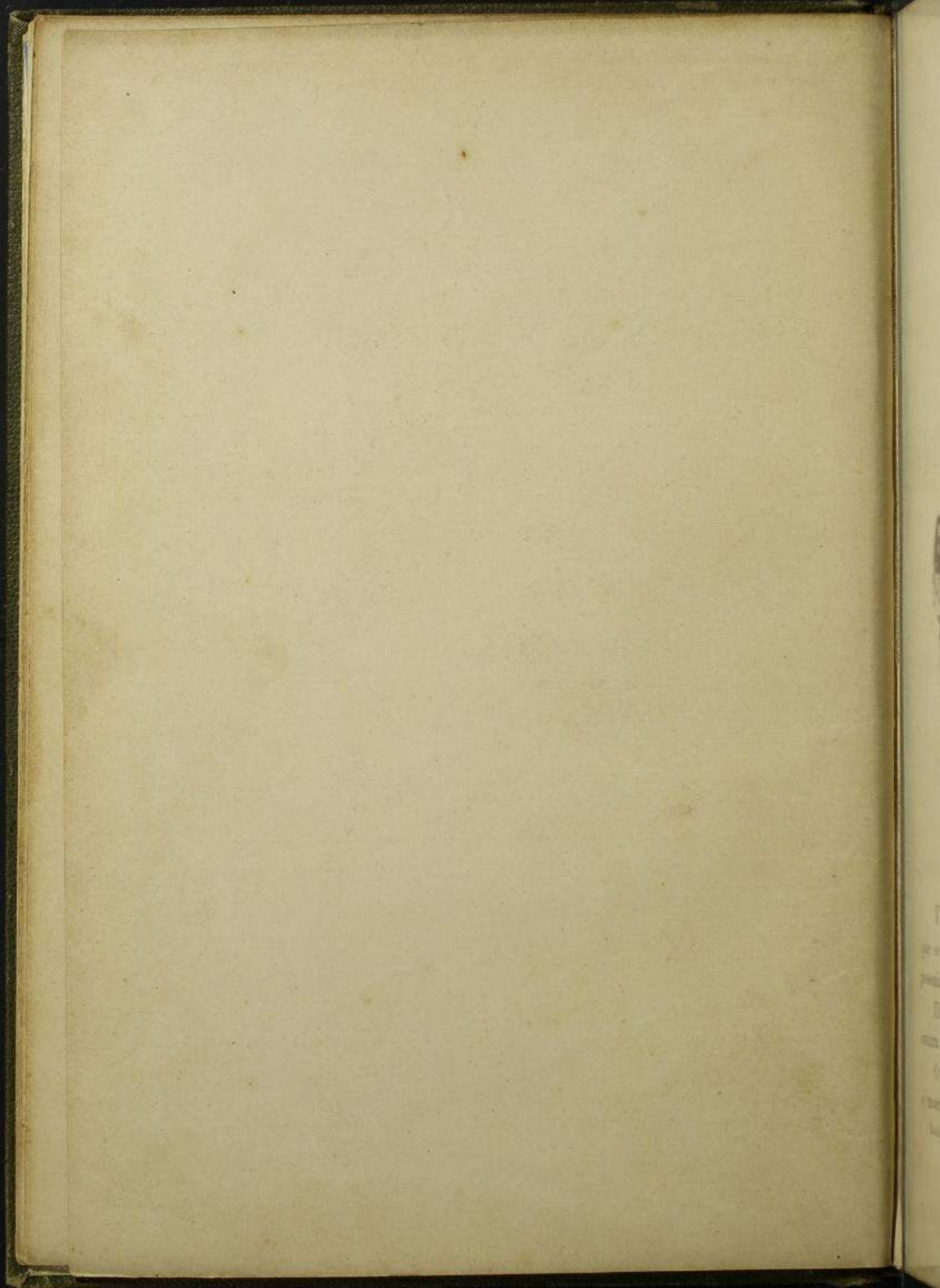
Cresce o numero de subditos de Robinson. 128

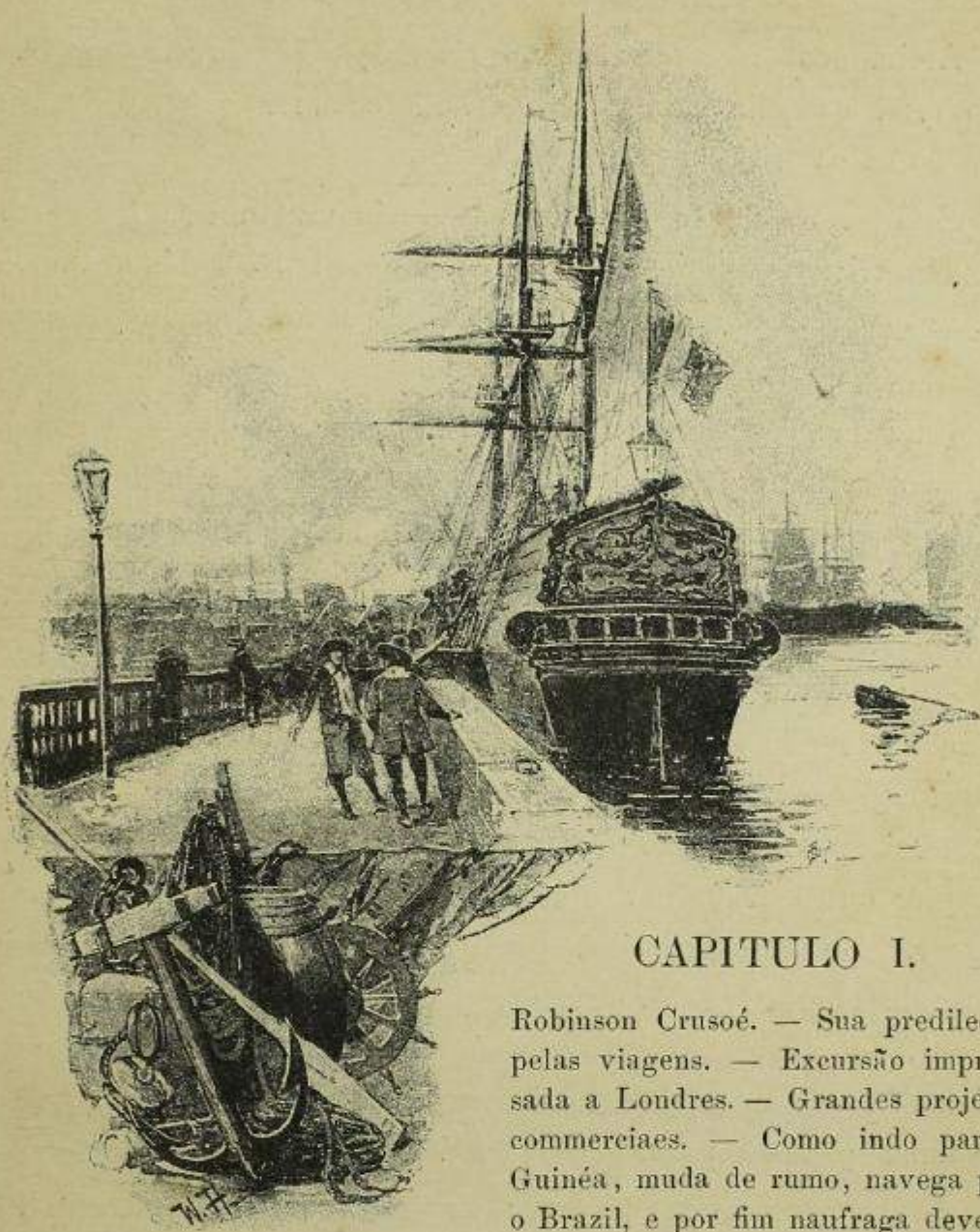
CAPITULO XIX.

Navio á vista. — Façanhas de Robinson e Sexta-feira. 134

CAPITULO XX.

Volta á patria 143





CAPITULO I.

Robinson Crusoe. — Sua predilecção pelas viagens. — Excursão improvisada a Londres. — Grandes projectos commerciaes. — Como indo para a Guinéa, muda de rumo, navega para o Brazil, e por fim naufraga de veras.

Vivia em Hamburgo, em tempos passados, um homem honrado, que se chamava Robinson, e que, ao lado d'uma modesta fortuna, possuia tres filhos.

Um destes fez-se soldado, e foi morto em uma batalha ferida contra os francezes.

O segundo apanhou accidentalmente uma grande constipação, e morreu do peito.

Robinson Crusoe.

Assim ficou só o terceiro, o mais moço, que se chamava Crusóé, e no qual os pais concentráram todo o amor que outr'ora dividiam entre os tres.

Esta accumulção de carinhos devia ser funesta para o heroe da nossa historia, porque a ternura paternal não sabia achar o freio salutar e o remedio efficaz para a indolencia que predominava no espirito do menino.

Entregue, por assim dizer, á sua propria vontade, Crusóé empregou a maior parte do seu tempo em passeios e brinquedos, e os poucos e raros momentos consagrados ao trabalho apenas podiam dar ao menino alguns conhecimentos truncados e desalinhados, sem utilidade pratica.

Com este modo de educação mal entendido, Crusóé foi crescendo, sem que seus pais soubessem o que delle haviam de fazer. E certo que o pai afagava o desejo de dedicar o seu filho á carreira commercial; mas o menino aborrecia os algarismos mais ainda que qualquer outro trabalho, e só mostrava immensa predilecção pelas viagens. De que proveito, porém, podiam ser estas a um joven ignorante como Crusóé? Esta reflexão judiciosa influia no animo do pai, para mostrar-se surdo ás supplicas do menino, e nesta resistencia era acompanhado firmemente por sua mulher, que nem por nada queria separar-se do seu idolo.

Assim tivessem mostrado tal firmeza em todas as cousas!

Tardia, como veio, esta opposição só serviu para aguçar mais os desejos vehementes de Crusóé; só faltava uma occasião tentadora, e esta não tardou em apparecer.

Uma tarde que o joven Robinson vagava pelo caes a deleitar-se no aspecto dos navios embalados nas ondas do Elba, e das lidas dos marinheiros occupados na carga e descarga dos barcos, espectaculo que sempre lhe inspirava o mesmo interesse, encontrou-se com um moço, mais ou menos de sua idade, filho do commandante d'um navio prestes a largar para Londres.

De envolta nas phrases de despedida, Crusóé soltou esta exclamação lastimosa:

— Ah! como és feliz por viajar assim!

O outro, desejoso de ter um companheiro de travessia, retorquiu:

— E por que não vens commigo?

— Eu? — respondeu tristemente Robinson; — meus pais nunca consentiriam em tal viagem, e assim não teria dinheiro para pagar a minha passagem.

— Quanto ao dinheiro, — disse o amigo, — delle não precisas, porque serás hospede meu, e terei summo prazer em proporcionar-te occasião de divertir-te. Agora, quanto a teus pais, o remedio seria manda-los prevenir por alguma pessoa, depois da nossa partida, de que ao cabo de algumas semanas tornar-te-hão a ver, mais forte e mais robusto, e com a superioridade d'um rapagão viajado.

Manda a justiça declarar que esta proposição causou ao principio susto não pequeno ao nosso heroe. Apartar-se de seus pais sem o seu consentimento e sem delles despedir-se, affigurou-se-lhe procedimento horrendo. Mas de outro lado a tentação era immensa, e o tentador tão eloquente, que o espirito fraco do moço teve de ceder depois de alguns momentos de hesitação.

Encarregaram então os dous um trabalhador do porto do recado para os pais de Robinson, e em seguida fôram ter a bordo do navio, que sem demora se fez de vela.

Encostado na amurada, Robinson engolphava-se com prazer indizível no espectáculo risonho das margens do rio, que, com suas brancas casas mettidas entre verdes bosquetes, pareciam fugir arrastadas mollemente pelas ondas azuladas, e, como em meigo sonho, ouvia as explicações que o seu amigo, já costumado a taes excursões, lhe dava acerca das diversas localidades do formoso panorama.

Estava-se realizando o sonho dourado que ha tanto tempo o havia subjugado: viajava!

Mas como todas as cousas desta vida têm dous lados bem differentes, tambem as delicias que Robinson gozava em breve apresentaram os seus espinhos.

A medida que o navio se acercava da foz do rio, tendo refrescado sensivelmente o vento, as aguas se encresparam, e o barco, até então embalado meigamente, soffreu rudes sacudidellas, que não só inspiravam ao nosso Robinson sérias apprehensões, como ainda lhe despertaram o terrivel incommodo do enjôo, que lhe parecia o principio de uma doença mortal.

Prostrado physica e moralmente no seu beliche, torturado por ancias indiziveis, lembrou-se de seus pais, e lagrimas amargas lhe sulcaram as lividas faces.

Comtudo não era este incommodo afflictivo mais que o pre-nuncio das horriveis torturas que em breve o deviam assaltar.

O vento continuou a refrescar e a cavar sempre mais as aguas do mar. Por fim declarou-se um temporal desfeito, acompanhado de trovoadas medonha. Como fragil casca de noz, o navio erguia-se nos cumes esbravecidos das ondas, para despenhar-se em abysmos profundos, e estalava com grandes queixumes em todas as suas juncturas. A coberta era varrida constantemente por verdadeiras montanhas de agua, e, por cumulo de confusão, um raio veio partir o mastro da mesena, que em sua queda arrancou grande parte da armação. Ainda estavam os valentes marinheiros a livrar o convés dos destroços, quando, do fundo do porão, uma voz angustiada annunciou que o navio estava fazendo agua.

Todos corrêram ás bombas, e Robinson, mais morto do que vivo, foi obregado a participar da lida geral; mas um tiro de peça, dado para chamar soccorro, causou susto tamanho ao moço, que cahiu sem sentidos no chão. Desmaio feliz, que pelo menos o livrou da consciencia do perigo que trazia gelado o resto dos tripulantes, até o momento em que varias embarcações, enviadas de

bordo d'um outro navio, pudêram a custa de esforços heroicos, recolher os naufragos, devendo Robinson a sua salvação á dedicação do seu amigo, que o desceu a uma das embarcações salvadoras.

Apenas estas se haviam afastado um pouco, o navio desarvorado sossobrou. Felizmente amainou então o vento, de modo que os botes puderam sem avaria alcançar o seu navio, onde os naufragos fôram acolhidos com grande carinho. Poucos dias depois chegaram todos a Londres, destino que trazia o veleiro salvador.

A circumstancia de pizar terra firme, e a variedade das scenas que se offerecêram aos olhos de Robinson na immensa metropole do mundo, amortizaram singularmente a lembrança dos episodios terriveis da travessia; e, forca é dize-lo, os remorsos que o nosso heroe havia sentido nas ancias da morte, com o perigo passado, haviam desaparecido.

Comtudo restava-lhe uma preocupação, e muito de momento: que faria agora na capital da Inglaterra? E como voltaria ao patrio lar?

Já sabem os nossos leitores que o moço não dispunha de um ceutil, e que em Londres, agora como sempre, sem dinheiro qual-quer tem o direito de morrer de fome.

Não podia mesmo Robinson deixar de pensar nisto, porque, depois do almoço, o pai do seu joven amigo perguntou-lhe a que tinha vindo á Inglaterra, e quando soube da escapada, que Robinson ingenuamente lhe confessou, grandemente ficou indignado.

— Desgraçado! — exclamou elle; — abandonaste o lar paterno sem o consentimento de teus pais! Cedeste ás tentações de um moço tão inconsiderado como tu, sem pensar nos soffrimentos que devias causar áquelles que têm todo o direito de exigir de ti amor e obediencia! Mas isto é a mais negra ingratição que se possa imaginar, e eu mesmo sinto-me horripilado por ter-te servido de instrumento inconsciente!

Robinson e seu amigo ouviram aterrados as justas arguições do bom do velho, e não ousaram erguer as vistas. Por fim a

commoção arrancou lagrimas ao nosso heroe, e entre soluços disse lastimosamente:

— Mas, que hei de fazer agora?

— Que has de fazer? Voltar o mais depressa possivel, arrojarte aos pés de teus pais e implorar-lhes o perdão da offensa que lhes fizeste.

— E o senhor quer levar-me?

— Eu? Pois não sabes que acabo de perder o meu navio e a maior parte da minha fortuna? Não ha de ser tão cedo que eu possa sahir d'aqui, e tu deves partir quanto antes.

— Mas eu não tenho dinheiro . . .

— Sei, e esta circumstancia peiora ainda o teu procedimento, porque só em caso de



grande necessidade deve-se aceitar o que não se pode retribuir. Não seja esta, porém, a duvida. Meu filho teve parte em teu delicto, e é obrigação minha contribuir o quanto possa para que tudo volte aos seus eixos. Aqui tens alguns guinéos, acrescentou o nobre marujo; procura no porto um navio com destino a Hamburgo, paga a tua passagem, e se o teu arrependimento fôr sincero, Deus te dará melhor travessia do que a que tivemos nós.

Robinson, constricto e envergonhado, despediu-se de seus hospedes, e encaminhou-se para o porto.

Pelo caminho, tendo a grande agitação das ruas amortecido um tanto a impressão causada pelas nobres exhortações do marujo, Robinson pôz-se a reflectir:

— Como me hão de receber os meus pais? De certo me hão de castigar desapiedadamente. E os meus companheiros o que dirão, quando me virem de volta, tendo eu apenas visto algumas ruas desta magnifica capital! Agora que o mal está feito, não seria melhor aproveitá-lo para ver mais alguma cousa?

Nesta perplexidade chegou ao porto, e depois de indagações minuciosas obteve a certeza de que não havia navio algum prompto a largar para Hamburgo.

Era o seu ultimo informante o commandante de uma barca prestes a singrar para a Guinéa.

Este homem, vendo a curiosidade com a qual Robinson contemplava todas as cousas de bordo, e achando graça em sua conversação ingenua e vivaz, convidou-o a ser seu companheiro de viagem.

No primeiro momento Robinson assustou-se do convite; mas o commandante pintou-lhe a viagem com côres tão agradaveis e seductoras, e além disto ponderou-lhe de tal modo a possibilidade de fazer facilmente fortuna entre os negros da Costa, trocando missangas, facas, machados e outras cousas de pouco valor, contra ouro e marfim, que Robinson anteviu a possibilidade de voltar escudado de riquezas, e só objectou que apenas possuia tres guinéos.

— E pouco, — disse o commandante; mas gostei de ti, e quero ajudar-te a fazer fortuna. Toma mais estes seis guinéos, e vai fazer as tuas compras. Avia-te, porém, que não ha tempo a perder.

Robinson succumbiu a esta segunda tentação, como havia succumbido á primeira; os seus mais sagrados deveres ficaram prejudicados por uma miragem funesta. Poucos dias depois achava-se navegando em alto mar, com bom tempo, e dono de parte da carga, de uma parte diminuta na verdade, mas que se lhe afigurava valendo milhões.

Desta vez ficou isento do enjôo, o que contribuiu muito a tornar-lhe a viagem agradabilissima.

Na altura da ilha da Madeira, porém, descobriu-se que o navio estava fazendo agua, e arribaram ao porto, para fazer concertos.

A paisagem formosa entreteve Robinson durante os primeiros dias; mas prolongando-se o lapso necessario para os trabalhos, o nosso heroe sentiu invadir-se pelo tedio e a habitual sede de novidades.

Aconteceu arribar igualmente um navio portuguez chamado a *Gaiivota*, destinado ao Brazil, e tendo conversado com o commandante acerca das riquezas deste paiz, Robinson sentiu um desejo vehemente de mudar de rumo, tanto mais que o portuguez lhe offerecêra passagem gratuita.

O moço confessou esta resolução ao seu amigo, e este, tendo sabido que Robinson viajava sem o consentimento de seus pais, folgou em poder desfazer-se delle, e lhe fez presente do dinheiro que lhe havia emprestado; Robinson passou-se com as suas mercadorias para a *Gaiivota*, que sem demora suspendeu o ferro, velejando em busca do Brazil. Já se vê que tudo se conspirava para que o nosso heroe pudesse mudar de rumo tão facilmente como mudava de pensar.

Durante muitos dias tiveram uma viagem de rosas. Estendia-se o oceano como regio manto azul, bordado de dia com os fios dourados do sol, salpicado de perolas de noite, pelas estrellas brilhantes que nelle se espelhavam.

Robinson tecia os mais fagueiros projectos; enriquecia em poucos tempos, e voltava para a patria opulento e poderoso, prodigalizando a seus pais as maiores delicias, para fazer-lhes esquecer a mágua que lhes havia causado.

Estes bellos projectos, porém, que mostravam que Robinson apenas era inconsiderado, mas não tinha máo coração, deviam desfazer-se como uma fragil bolha de sabão.

Sobreveiu de repente um temporal, que durou seis dias, e arrojou o navio de um rumo para outro, a ponto que o piloto da *Gaiivota* não sabia mais onde se achavam.

Ao amanhecer o setimo dia, o homem da vigia annunciou terra.

Quando todos corrêram ao convés para contemplar esta terra tão desejada, a *Gaiivota* bateu tão fortemente, que todos cahiram ao chão. Achava-se o navio encalhado entre dous rochedos, como se estivesse pregado. As ondas enfurecidas varriam o convés, e de momento a momento augmentavam a sua obra de destruição.



Não havia possibilidade de safar a *Gaiivota*; tratou-se então de salvar as vidas, embarcando todos na lancha grande. Mas o mar era muito, o vento rijo; e a terra ainda estava longe. Comtudo todos fizeram os maiores esforços de approximar-se da praia. De repente, porém, uma onda encapellada arrojou-se sobre a lancha, e a sepultou com todos os tripulantes no abysmo do mar enfurecido.

Mas o momento de morrer não havia chegado para Robinson. A mesma onda que sepultára seus companheiros, arrojou-o contra a costa, e tão violento foi o choque que sentiu de encontro á rocha,

que sahiu do torpor que as ancias da morte lhe haviam causado. Com força desesperada agarrou-se nas anfractuosidades do rochedo, e conseguiu sahir do dominio das aguas tumultuosas, cahindo depois em profundo desmaio.

Quando ao cabo de algumas horas Robinson, despertado pelos raios do sol, abriu os olhos, sentiu estremecer-se profundamente. Da *Gaiota* e dos seus companheiros não restavam vestigios. *Elle*, só elle havia escapado á morte. Arrojou-se então de joelhos, alçou as vistas ao céo, já azul e sereno, e agradeceu do fundo d'alma ao Creador, que tão milagrosamente o salvára.

CAPITULO II.

Na escola da necessidade Robinson aprende a ser activo.

Passados os primeiros momentos de effusão, apresentou-se ao espirito de Robinson a necessidade de conservar a vida tão singularmente escapa das ondas: cumpria saber se o lugar em que se achava offercia os recursos precisos para a existencia.

Deitou o naufrago as vistas em redor de si, e bastante desconsolador foi o espectáculo que encontrou.

Em um terreno arenoso apenas cresciam plantas rasteiras, sobrepujadas aqui e acolá por grupos de arvores, sem vestigios de fructos, sem indicios de habitações humanas.

Tristes pensamentos invadiram a alma de Robinson. Só no meio desta região esteril, entregue ás suas proprias forças, quasi nullas, corria o perigo de morrer de fome, além de outro ainda, de ser atacado por feras silvestres ou homens selvagens!

Aterrado por estas apprehensões crueis, nos primeiros momentos não se atreveu a dar um passo.

Qualquer ruido, a folha que se desprendia do galho, o passaro que atravessava a folhagem, lhe infundiam terrores indiziveis, e o lançavam em um estado verdadeiramente febril.

Por fim, torturado por uma sede ardente, não teve remedio senão pôr-se a caminho em busca de agua, mas passo a passo, acompanhado sempre de sustos vehementes.

Felizmente deu logo com uma fonte crystallina, em cujas aguas puras e frescas, desalterou-se com grande avidez. Nunca em sua vida apreciára tanto um trago de agua, como nesta occasião! E mais ainda, a facilidade com que encontrára os meios de estancar a sede, despertou-lhe esperanças de dar tambem com alimentos, posto que pelo momento ainda não sentisse necessidade de comer, tão agitado se achava pelo perigo do qual escapára.

Maior era sua preocupação acerca do modo de passar a noite. Nem casa, nem cabana, nem sequer uma gruta para abrigar-se! Muito trato deu ao espirito para achar uma solução; por fim resolveu imitar os passaros e procurar um agasalho em alguma arvore.

Não tardou muito em encontrar um páo de tronco grosso, de galhos quasi horizontaes, que offerecia um ponto de descanso menos máo. Trepou até á primeira forquilha, arrumou-se o melhor que pôde, e, rendido de cansaço, bem depressa adormeceu.

Durante o seu somno Robinson teve sonhos agitadissimos, revivendo nelles as scenas horrorosas que o haviam conduzido á sua actual situação. Sonhou igualmente com os seus pais, que lhe apparecêram prostrados pela dôr, soluçando, estorcendo as mãos emmagrecidas. Grande mágua apoderou-se delle. Quiz arrojarse aos pés de seus pais, e, fazendo um movimento violento, cahiu da arvore. Felizmente achava-se o chão alcatifado de densa relva, de modo que amorteceu a violencia da quéda.

Robinson soltou um triste gemido, arrancado pelas ancias do sonho e o susto do accidente. Muito abatido voltou ao abrigo incommodo, onde se manteve desperto até o romper do dia.

Com os primeiros raios do sol lhe voltaram as preocupações acerca dos alimentos. Nem carne, nem pão, nem leite, podia esperar encontrar; e quando mesmo encontrasse alguma cousa para comer, faltar-lhe-hia o fogo e as panellas para preparar a comida. Todas

as arvores que via só tinham folhas. Ralado pela fome, correu de um lado para outro, sem encontrar uma fruta sequer. Finalmente, e quando já ia entregar-se a cruel desespero, descobriu na praia algumas cascas de ostras. Este achado reanimou Robinson; redobrando de esforços não tardou em descobrir varias ostras cheias. Com alegria indizível quebrou as conchas, e devorou o pingue almoço, que o acaso lhe havia proporcionado.

Livre, pelo momento, das torturas da fome, Robinson pôz-se a meditar sobre o genero de habitação que devia adoptar. O seu abrigo da noite passada era incommodo e perigoso; forçoso era procurar outro onde pelo menos pudesse descansar em paz das agitações do dia.

Não muito longe da praia erguia-se uma montanha bastante alta. A ella dirigiu-se o solitario com a esperança de dar com alguma caverna, ou pelo menos de descobrir outras partes mais hospitaleiras da região em que se achava.

Com effeito, até então nem sabia se estava em terra firme ou em alguma ilha. Não tardou, porém, em vêr desvanecidas estas duvidas. Tendo alcançado com grande trabalho o cume da montanha, abriu-se-lhe um horizonte immenso: por toda a parte o mar, o mar sem fim, do qual apenas surgiam dous ou tres pontos negros á distancia de algumas leguas.

— Desgraçado de mim! — exclamou Robinson, quando por fim conheceu a sua verdadeira situação. Estou em uma ilha, longe de todo o soccorro, só, abandonado e nunca mais tornarei a ver os meus queridos pais!

E lagrimas amargas lhe sulcaram as faces, e o pensamento, de que por fim de contas havia merecido este castigo por sua conducta má e irregular, prostrou-o em dolorosa torpor.

Pouco a pouco, porém, a mesma extensão de sua desgraça serviu-lhe de conforto. Visto que agora tudo dependia de suas proprias forças, não havia tempo a perder no emprego dos meios ao seu alcance para melhorar a sua sorte.

Sacudindo, pois, o entorpecimento doloroso que delle se havia apoderado, Robinson começou a sondar as encostas da montanha em que se achava, em busca d'um ponto que lhe pudesse servir de pousada.

Muito tempo as suas pesquisas ficaram infructiferas; por fim deu com uma fenda, que parecia conduzir a uma caverna.



Introduzindo-se nesta cavidade, viu que com effeito lhe poderia servir de abrigo, se conseguisse alarga-la um tanto. Mas alarga-la com que? Onde acharia alavanca, picareta, pá e enxada?

Bem pouco havia aprendido na escola, mas esse pouco mesmo devia servir-lhe nesta occasião: lembrou-se de ter lido que os povos antigos, em epochas em que ainda não conheciam os metaes, serviam-se de pedras para armas e utensilios.

Talvez descobrisse elle tambem pedras adequadas para o trabalho que queria emprehender.

Comtudo sempre seria muito exigua esta habitação, e sobretudo quasi sem abrigo contra sorpresas de feras ou de homens selvagens, se taes inimigos existissem na ilha.

Novamente Robinson pôz-se a reflexionar. Achava-se a pequena caverna no sopé da montanha, em uma rocha a pique, deitando sobre um espaço livre quasi plano. Se conseguisse construir uma cêrca bem forte para fechar este espaço, ganharia um bom terreiro para a sua gruta.

Observando as arvores que cresciam a pequena distancia, julgou reconhecer uma especie de salgueiros, que, transplantados, talvez pegassem facilmente. Resolveu cercar com estas arvores a área mais ou menos adequada para a sua futura morada.

Não havia que pensar em cortar os páos; o unico meio praticavel era transplanta-los com raizes, e este expediente ainda offerecia a vantagem de possuir mais tarde uma parede viva.

Immediatamente Robinson pôz-se a cavar com as mãos, e com o auxilio de uma lasca de galho secco, meia duzia de covas bem juntas e alinhadas o melhor que pôde. Grande cansaço lhe deu este trabalho, encetado nas horas mais calmas do dia; bem podia dizer o pobre naufrago que com o suor do seu rosto regava a terra, elle, que na casa paterna, nunca havia querido emprehender o menor serviço manual.

Mas este primeiro bom exito reanimou-lhe o espirito, e com bastante resolução escolheu seis arvores mais novas, e começou a arranca-las, depois de haver afogado a terra ao redor dos troncos. Esforços heroicos custou-lhe este trabalho, e só ao cahir da tarde teve a satisfação de ver erguida a primeira secção de sua cêrca.

Pela primeira vez em sua vida sentiu a intima satisfação de ter desempenhado conscienciosamente uma tarefa pesada.

Mas era preciso cuidar da ceia antes que a noite fechasse.

Robinson lavou as mãos, e refrescou o rosto em uma fonte, que brotava da rocha não longe do lugar onde havia trabalhado, e dirigiu-se á praia em procura de crustaceos.

Infelizmente era tempo de maré cheia; as ondas cobriam completamente os lugares onde encontrára as ostras, de modo que Robinson teve de recolher-se de estomago vazio, o que bastante o magoou, visto que o trabalho assiduo lhe havia aguçado singularmente o appetite.

Resignou-se, porém, e voltou para a *hospedaria* em que passára a primeira noite. Desta vez tomou a precaução de atar-se o mais

solidamente possível ao tronco da arvore com as suas duas ligas emendadas, afim de evitar nova quéda. Em seguida enviou fervorosa prece ao céo, onde brilhava em todo o seu esplendor a lua cheia, e no meio de saudosas lembranças dos seus queridos pais Robinson adormeceu.

No dia seguinte, ao alvorecer, o moço despertou para a nova vida. A fome fazia-se sentir imperiosamente, e Robinson dirigiu-se á praia, seu unico celeiro conhecido até então, e assim mesmo celeiro bastante mesquinho.

Tendo seguido outro caminho, differente do da vespera, Robinson viu de repente um grupo de arvores elegantes. Pareciam os troncos columnas delgadas e lisas; no alto abria-se um leque de folhas graciosas, e entre o verde esmeraldino da folhagem ostentavam-se frutas volumosas. Se Robinson tivesse empregado melhor o seu tempo na escola, desde logo teria reconhecido o coqueiro. Em todo o caso, porém, comprehendeu que valia a pena examinar de perto aquellas frutas, e neste intento serviram-lhe ventajosamente os exercicios que outr'ora havia praticado em suas correrias nas mattas da patria. Abraçando-se estreitamente com um dos troncos, trepou com bastante agilidade, e, chegando á folhagem, colheu e atirou ao chão meia duzia de côcos.

Todo entusiasmado com a sua conquista, Robinson deixou escorregar-se, e pôz-se a querer abrir as frutas, valendo-se de pedras agudas. Só depois de grande trabalho conseguiu despojar a noz do seu envolvero fibroso. Um exame minucioso fez-lhe descobrir as tres cavidades da noz; comprehendeu que por estes pontos devia ser facil furar a casca, o que effectivamente conseguiu. Vendo correr um liquido, Robinson o provou, e achou-o de bom paladar. Mas ainda que fôsse menos agradavel, se-lo-hia sorvido com a mesma avidéz, porque o seu estomago reclamava alimento sempre com maior vehemencia. Por fim, quebrou a casca, e encontrou uma noz saborosa, fresca e abundante, que comeu com prazer indizível. Com o seu lenço atou os outros côcos, que pendurou ao



pescoço, guardando igualmente as cascas que podiam servir-lhe de concha para beber agua.

Apezar de haver almoçado menos mal, Robinson dirigiu-se á praia, onde fez bôa provisão de ostras e de algumas conchas grandes, que podiam auxilia-lo na plantação das arvores, trabalho para o qual voltou immediatamente, e que continuou com afinco durante todo o dia, e com muito mais facilidade que na vespera.

Comtudo encontrava pouca firmeza no manejo da concha, de que se servia como de uma pá; se pudesse ata-la em um cabo, seria de mais facil emprego.

Perto do lugar onde trabalhava cresciam umas plantas bastante parecidas com o canhamo da Europa. Robinson, que já começava a observar todas as cousas com o interesse do necessitado, teve a lembrança de experimentar os talos desta planta. Arrancou um certo numero dellas, e fez atados que deitou no seu pequeno regato, para amollecere sufficientemente a casca grossa dos talos.

Em seguida estendeu a sua colheita aos raios ardentes do sol, e quando a viu bem secca, bateu os talos com pedras, e teve o prazer de vêr apparecer filamentos bastante apropriados para com elles torcer uns fios. Reunindo varios destes, fabricou um cordão forte e resistente: assim ensinou-lhe a necessidade os rudimentos do officio de cordoeiro, como ainda havia de ensinar-lhe muitas outras cousas, das quaes antes nunca tivera idéa. Com o barbante amarrou uma das conchas grandes em um páo secco, e obteve uma pá excellente, com a qual adiantou muito a confecção de sua cêrca.

Entretanto, de quando em quando, pensamentos tristes e acabrunhadores vinham interromper momentaneamente o seu labor. O que emprehendia lembrava-lhe demasiado o abandono em que se achava, e a pouca probabilidade de encontrar quem o levasse para fóra da ilha, quem o restituísse á sua familia. Quem podia saber quantas semanas, mezes ou annos se passariam antes que lhe apparecesse um salvador!

Entretanto não queria perder a noção do tempo. Perto do seu terreiro cresciam umas arvores de casca lisa e pouco resistente; cada noite, antes de recolher-se, com uma pedra angulosa fazia uma risca em um dos troncos para marcar o dia vencido; um segundo tronco lhe serviria para nelle registrar as semanas; em um terceiro inscreveria os mezes; em um quarto, finalmente, os annos.

Esta idéa engenhosa, e ao mesmo tempo dolorosa, que lhe viera durante o trabalho, foi executada religiosamente por Robinson, durante todo o tempo de sua dura provação; força é confessar, porém, que ao encetar o seu kalendario, apesar do forte horror de sua situação, não suppunha o pobre naufrago que essas notas tão simples tomariam volume tão pungente.

Quando ao anoitecer Robinson se sentou a jantar com as ostras e uma noz de coco, deitou uns olhares de satisfação sobre o trabalho do dia: via já prompta a cêrca em um lado do projectado terreiro; além disto achou-se possuidor de uma pá, de vasilhas de coco e de uma provisão de fios, que ser-lhe-hiam de grande utilidade.

Os dias que se seguiram em pouco ou nada variaram: de manhã cedo uma ablução na fonte, ou um banho no mar; uma colheita de ostras e de côcos; um almoço frugal; depois trabalho alternativo na plantação das arvores ou no preparo de fios e cordas; finalmente, um jantar tão simples como o almoço, antes de recolher-se á sua arvore, tão hospitaleira, quão inconveniente.

Ao cabo de alguns dias o seu terreiro achou-se cercado inteiramente, exceptuando uma pequena fresta, que deixára, para communicar com o exterior, e Robinson teve a alegria de ver brotar novamente as arvores regadas com assiduidade.

Comtudo não lhe pareceu ainda bastante forte esta parede verdejante. Plantou segunda fileira de arvores, e enleitando as duas com ramos verdes, e enchendo com terra os intervallos, obteve finalmente um verdadeiro baluarte, capaz de resistir a um serio embate.

Só então pôz mãos á obra para alargar a caverna, destinada ao seu dormitório.

Em suas excursões havia descoberto muitas pedras de côr verde e de grande resistencia, e entra estas algumas de formas semelhantes á de certos utensilios: assim achou uma parecida com um escopro, e outra que em pouco se diferenciava d'um verdadeiro malhete.

Com esta tosca ferramenta trabalhou a rocha e a terra de sua caverna, e teve a satisfação de vê-la alargar-se pouco a pouco até ter a capacidade desejada.

Durante estes trabalhos de cavouqueiro, Robinson havia preparado uma boa provisão de capim secco, de modo que, ao terminar a abertura da gruta, pôde estender uma excellente cama, e descansar a seu gosto o corpo fatigado de trabalhar, que até então passára verdadeiros martyrios na forquilha da arvore. Sentiu o coração cheio de gratidão para com a Providencia, que lhe facilitava os meios de alliviar a sua triste situação, e ao mesmo tempo com pejo se lembrou das vezes que na casa paterna resmungava, quando a cama não lhe parecia assás macia e commoda.

Agora gozava verdadeiras delicias no seu leito de feno, esten-



dido na dura rocha, neste leito conquistado com trabalho assiduo, com grande cansaço.

Entretanto não era o seu somno tão tranquillo como devia espera-lo; perturbava-lhe o socego o pensamento de que pela entrada, que havia deixado na cêrca, poderia provir-lhe algum perigo. Resolveu trancar igualmente essa abertura e transformar assim a sua morada em uma fortaleza inexpugnável.

Crescia no alto do penedo, em cuja base se achava a sua caverna, uma arvore de tronco robusto. Robinson, com os fios e as cordas que havia tecido, contruiu uma escada, bastante solida para supportar o seu peso, trabalho em que gastou boa dose de paciencia e applicação. Presa ao tronco a escada descia até o terreiro, de modo que pôde dispensar a entrada na cêrca, e tapa-la com arvores tão completamente como o resto do seu baluarte.

O primeiro domingo que o joven naufrago passou na sua ilha solitaria, foi destinado ao descanso e á oração.

Em palavras singelas Robinson agradeceu a Deus os beneficios que lhe proporcionára; implorou o perdão de todos os seus peccados, e supplicou ao céu que consolasse e abençoasse os seus queridos pais.

Depois desta pratica religiosa, o joven solitario deu um passeio, e teve uma grande alegria.

Na mesma paragem onde encontrára as suas toscas ferramentas, achou uma pedra, que tinha exactamente a forma de um machado: folha reforçada, córte aguçado, e até uma abertura, que, alargada um pouco, admittiria um cabo. Nem por muito dinheiro Robinson teria cedido este achado, que tantas ventagens lhe promettia em seus trabalhos e mesmo em sua defesa, caso fôsse atacado. Com o seu escopro foi geitosamente alargando o olho do machado, até poder encaixar um cabo convenientemente adelgado e alisado com as conchas do mar. Em seguida ligou fortemente as duas peças com fios, e, correndo a experimentar a sua nova arma, teve o prazer indizível de ver que, com dous ou tres golpes apenas,

conseguia cortar uma arvore cujo tronco tinha algumas pollegadas de diametro.

Entretanto, a sua provisão de côcos se ia esgotando, e como as ostras tambem eram escasas, Robinson lembrou-se de fazer uma excursão maior, em procura de algum outro alimento, e tambem para conhecer outras regiões da sua ilha.

Para abrigar-se na viagem empregou uma tarde inteira na fabricaçãõ d'um guarda-sol. Com varinhas delgadas teceu uma especie de cupula, no centro da qual atou com barbante um cabo bastante leve. A praia forneceu-lhe bem bons alfinetes, nas espinhas de peixe que ali abundavam, e com os quaes pregou folhas de coqueiro na armação do chapéo, completando assim um abrigo excellente contra os raios do sol. Olhou a sua obra com um certo orgulho, dizendo-se que muitas cousas uteis e bonitas poderia fabricar, se tivesse os utensilios adequados, convicção que prova que Robinson já ia tendo confiança em suas proprias forças, e que bem lhe aproveitavam as lições que a necessidade lhe proporcionava.

Reflexionou ainda que lhe seria indispensavel uma bolsa, caso que descobrisse alguns alimentos, e mesmo para levar os comestiveis necessarios para a excursão. Lançou mão de sua provisão de finos barbantes, e, escolhendo duas arvores novas, que cresciam a pouca distancia uma da outra, prendeu horizontalmente, com pequenos intervallos, muitos fios parallellos entre si; em seguida atou nestes outros fios verticalmente, fazendo assim uma especie de rede de malhas pequenas. Desatando-a depois dos dous troncos, dobrou o tecido, e uniu os extremos: estava prompta a sua mala de viagem, que se assemelhava a uma bolsa de caçador, e que, munida de um cordão mais grosso, podia commodamente levar a tiracollo. Esta nova acquisição foi mais uma alegria para o nosso solitario engenhoso, que de contentamento e impaciencia mal pôde conciliar o somno.

CAPITULO III.

Robinson faz descobertas preciosas, e volta para a casa com uma verdadeira fortuna.

Ainda não havia surgido o sol das ondas do mar, e já se achava Robinson prompto para a projectada excursão.

Com sua bolsa a tiracollo, seu machado enfiado em uma corda na cintura, e seu guarda-sol ao hombro, passou pela praia, onde fez provisão de ostras, e pelos coqueiros para recolher dous ou tres côeos.

Era uma manhã esplendida. No horizonte vinha surgindo o disco luminoso do sol, transformando o mar em ouro fremente, e tingindo de purpura os cumes azulados das montanhas. Meiga briza matutina beijava a folhagem esmeraldina, sorvendo avidamente as perolas do rocio, e, carregada dos effluvios balsamicos de milhares de flores, vinha acariciar a fronte do joven viageiro, enquanto que os numerosos cantores alados enviavam seus concertos melodosos ao céu sereno.

Com o espirito profundamente impressionado, o coração intimamente commovido, Robinson erguia a sua alma cheia de enthusiasmo e de gratidão ao Creador de todos estes esplendores, e encetou a sua viagem com passo resolute e elastico.

Mas não esqueceu a prudencia aconselhada pela possibilidade de encontrar animaes damnhos ou homens malfazejos.

Evitou as mattas e as brenhas, movendo-se o mais possivel no descampado, que lhe permittia abraçar com a vista grande espaço descoberto.

Infelizmente eram estas regiões as mais inferteis, de modo que por muito tempo caminhou sem fazer alguma descoberta util.

Por fim encontrou uma planta, que lhe chamou a attenção por suas flores brancas e roxas, e umas frutinhas côr de ouro e purpura, que se ostentavam no meio da folhagem abundante.

Robinson provou uma destas frutas, mas achou-a de tão ruim paladar, que despeitado arrancou a planta. Muito sorprendido ficou, quando viu, prezos nas raizes, muitos tuberculos de varios tamanhos. Suppôz logo que estes tuberculos podiam ser a verdadeira fruta da planta, e passou a prova-los igualmente. Mas tambem elles eram de pessimo gosto, e só o pensamento de que o acaso lhe poderia revelar a utilidade destes tuberculos, fez com que Robinson guardasse alguns em sua bolsa. Em seguida continuou a sua caminhada com a mesma precaução; uma folha que cahia fazia com que parasse e agarrasse o seu machado; mas, reconhecendo logo que em vão se impressionára, proseguia em sua marcha sempre mais animado.

Apezar do seu guarda-sol, chegou um momento em que o calor se tornou acabrunhador, e como Robinson alcançára justamente a beira de um claro regato, sentou-se debaixo de uma arvore frondosa, para descansar e almoçar. Mal havia tirado as suas provisões da bolsa, quando um ruido estrondoso quasi o petrificou.

Prompto distinguiu o tropel de muitos animaes, e, em uma aberta não longe do sitio em que se achava, Robinson viu apparecer um verdadeiro rebanho de quadrupedes de singular aspecto. Pela cabeça se assemelhavam a cavallos; pelo pescoço comprido a camellos, pelas extremidades, emfim, a cervos. Eram lhamas ou guanacos, animaes inoffensivos, mas de grande utilidade,

pois que dão uma carne saborosa, uma lã mais preciosa que a do carneiro, e servem perfeitamente de cargueiros excellentes; razões pelas quaes, no Perù, sua verdadeira patria, são tidos em grande estimação pelos indigenas.

E certo que Robinson nada sabia de todas estas qualidades, mas sentiu o desejo de obter um desses animaes para ver se com sua carne podia variar a sua alimentação.

Empunhando o seu machado, com a respiração quasi detida e passos furtivos, alcançou o tronco de uma arvore, que crescia perto do lugar onde os guanacos pastavam, e ahi escondeu-se á espera que um dos animaes passasse ao alcance de sua arma.

Não tardou a sua paciencia de ser coroada de bom exito. Um cabrito acercou-se tanto do escondrijo, que Robinson pôde applicar-lhe golpe certo. O animal cahiu-lhe morto aos pés, emquanto que os outros fugiam espavoridos da aggressão insolita.

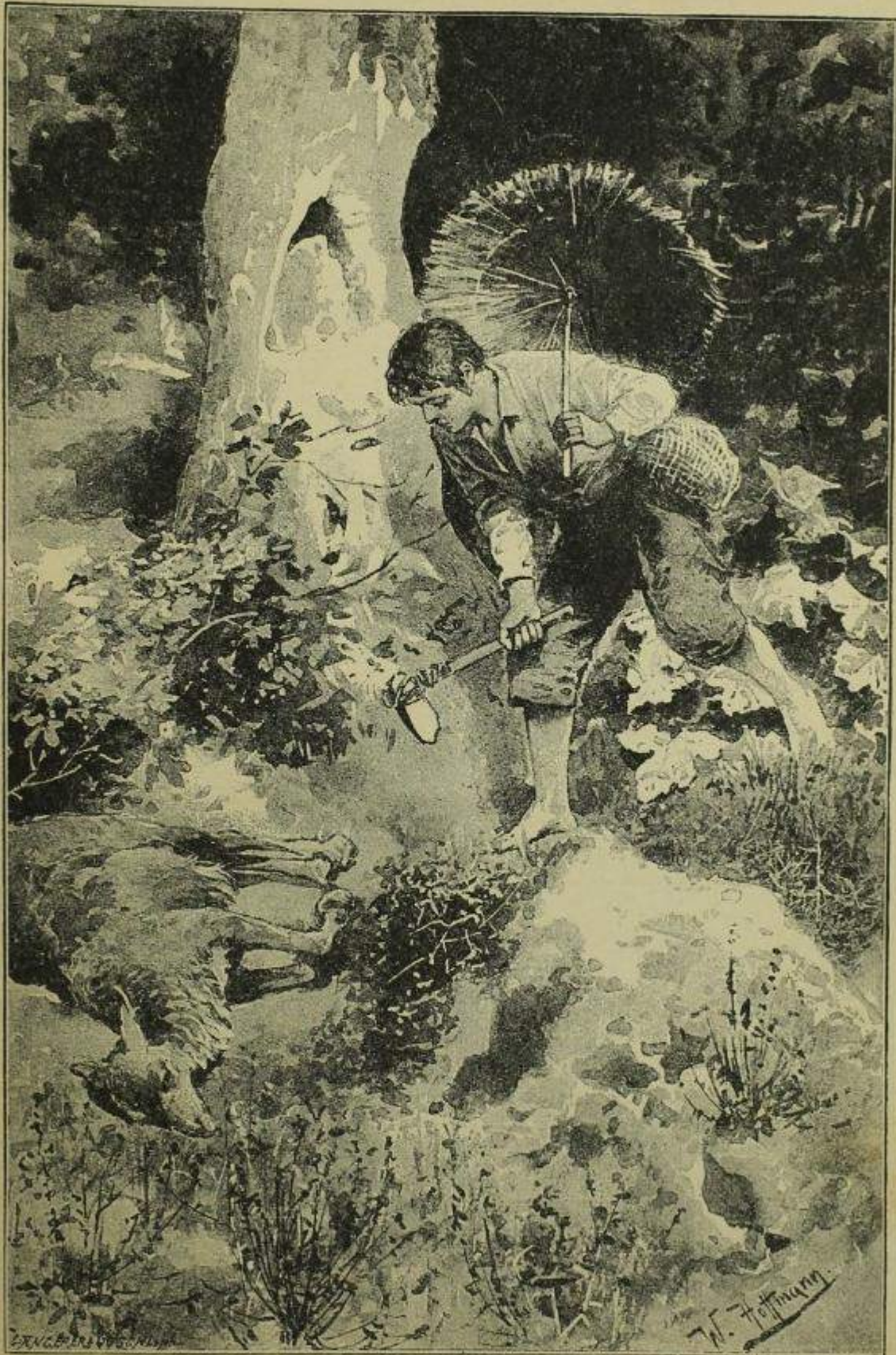
Esta primeira victoria sobre um ser animado causou a Robinson uma profunda agitação; momentos depois, porém, sobreveio a preocupação de que modo havia de utilizar a sua aquisição. Carregou o lhama nos hombros, e encetou a volta ao seu castello, ruminando constantemente a idéa de obter fogo para fazer um assado, já que agora possuia carne em abundancia.

Pelo caminho teve ainda a fortuna de encontrar um verdadeiro bosque de limoeiros, carregados de formosas frutas, das quaes avidamente fez boa provisão.

Bastante cansado chegou ao seu terreiro, onde o seu primeiro cuidado consistiu em esfolar e limpar o guanaco, e como judiciosamente concluia que a pelle do animal ser-lhe-hia de grande utilidade, estaqueou-a aos raios do sol para secca-la convenientemente.

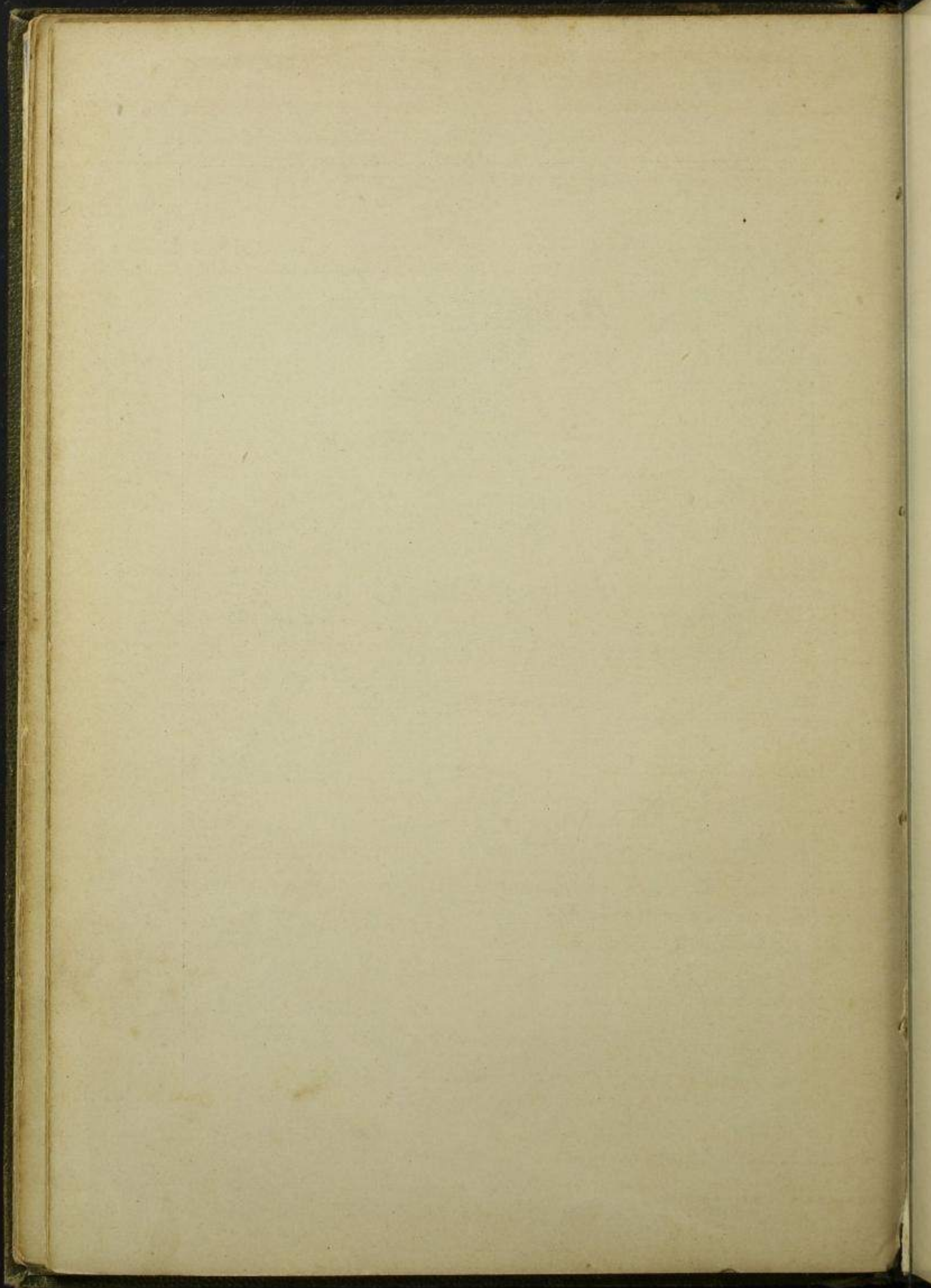
Depois contemplou com grande appetite a carne fresca, que tão bom alimento lhe promettia; mas . . . sempre lhe faltava o melhor para prepara-la: o fogo.

Ouvira contar um dia, o bordo da malfadada *Gaiivota*, que os



FRANCIS & CO. LONDON

W. Hoffmann



indigenas do Brazil obtinham fogo, esfregando dous páosinhos seccos um no outro.

Immediatamente pôz-se a experimentar o processo; esfregou dous fragmentos de um galho secco com tanta força e rapidez, que o suor lhe corria do rosto em grandes bagas; o páo chegava a aquecer-se pelo attrito, mas o cansaço obrigou Robinson a parar, e a perder assim o fructo do seu trabalho. Mais do que nunca deplorou a falta de um companheiro, que o substituísse no processo, quando a elle proprio faltassem as forças.

Desanimado, atirou com os páosinhos para um lado, e morto de cansaço desalterou-se com uma cuia de agua fresca, na qual espremêra o summo de um dos limões colhidos na excursão.

Entretanto Robinson não quiz renunciar á sua refeição de carne fresca.

Lembrou-se ter lido que os Tartaros cozem a carne entre o sellim e o lombo do cavallo. Não é provavel que tivesse empregado este expediente, mesmo se houvesse possuido uma montaria; mas a reminiscencia inspirou-lhe outro processo analogo.

Escolheu duas pedras bem chatas, e já muito aquecidas pelo sol; collocou uma tira de carne entre estas pedras, e, batendo assiduamente com o seu malhete sobre a pedra superior, desenvolveu pouco a pouco tal gráo de calor, que a carne ficou mais ou menos cozida. Regando-a com um pouco de agua de summo de limão como tempero, obteve um assado, que lhe pareceu excellente, mais delicioso do que os melhores manjares que outr'ora havia comido.

CAPITULO IV.

Augmenta-se o bem estar de Robinson. — Descobre um thesouro que trata com summo desprezo.

A refeição succulenta havia derramado tanto bem estar no corpo de Robinson, que o seu somno se prolongou até depois das horas do costume.

Soltou apressadamente da cama; mas ao querer sahir para o terreiro, retrocedeu para o interior da caverna, porque cahia uma chuva torrencial, a primeira que presenciava na ilha.

Robinson havia destinado este dia á caça dos guanacos; além do beneficio da carne, queria aproveitar as pelles, porque receiava os rigores do inverno, e calculava precisar de abrigo melhor do que aquelle que lhe proporcionava o unico trajo que possuia, e que de certo não aturaria muito tempo.

A chuva, porém, transtornou-lhe o projecto, e, contrariado, voltou a sentar-se em sua cama.

Em breve esta contrariedade havia de mudar-se em terror. Augmentou a impetuosidade da chuva, principiou a uivar o vendaval, e a roncar horriavelmente o trovão, em quanto que os relampagos enchiam o céu de medonhos clarões.

Já sabemos que a educação de Robinson fôra muito descurada; assim, longe de conhecer os beneficios que comsigo traz a tempestade,



limpando e refrescando o ar, o pobre ignorante só via nesta revolução atmospherica um phenomeno atterrador. Julgou chegado o momento em que Deus o castigaria cruelmente pelos máos passos que havia dado, e, arrojando-se de joelhos, pediu perdão e misericordia.

Ao cabo de uma hora diminuiu a chuva de intensidade; os relampagos e trovões espaçaram-se, e em Robinson renasceu a esperanza.

Levantou-se e ia sahir, quando de repente cahiu ao chão como fulminado: retumbára um trovão tão medonho, tão estrondoso, como se toda a montanha se houvesse partido, e a caverna illuminára-se como por infernal incendio.

Um raio havia cahido na arvore, que crescia por cima da gruta, partindo-a pelo meio com tal fracasso, que Robinson julgára ter sido victima.

Ficou atordoado por espaço de alguns minutos. Voltando a si, o seu primeiro pensamento foi de pezar: em que prenderia agora a sua escada de cordas, que lhe servia para communicar com o exterior?

Como a chuva houvesse cessado totalmente e serenado o céu, Robinson atreveu-se a sahir ao terreiro para ter certeza dos estragos.

Mas quem pintaria a alegria que lhe encheu o coração, quando viu arder em labaredas o tronco da arvore fulminada!

O fogo, o fogo tão anhelado, lhe cahira do céu, quando elle, pobre insensato, não via na trovoada senão ameaça e desolação!

E lá estava ainda a sua escada estimada, presa ao pé do tronco intacto.

Cheio de transportes de alegria e de gratidão para com a Providencia, que tão visivelmente o favorecia, Robinson subiu á escada, agarrou um tição chammejante, e voltou apressadamente ao terreiro, onde em um instante ardeu uma grande fogueira, alimentada com lenha secca, que havia em abundancia. Em seguida apagou o incendio do tronco ferido, para salvar o ponto de apoio da sua escada.

Tranquillizado por este lado, Robinson entregou-se aos misteres de cozinheiro.

Uma vara aguçada com o machado lhe serviu de espeto, que, atravessado em um bello pedaço de carne, descansou em duas forquilhas fincadas por cima de um montão de brazas vivas. Com assiduidade deu voltas ao seu assado, regosijando a vista com o brilho sympathico do fogo, e sorvendo com prazer o aroma delicioso, que se desprendia da carne a medida que esta se ia tostando.

Mais do que nunca deplorou a ausencia de algum companheiro, e com pezar retrospectivo se lembrava das brigas e rugas que outr'ora tivera com os amigos. Que feliz teria sido, se agora tivesse alguns ao seu lado, para patentear-lhes toda a amizade, de que sentia capaz o seu peito!

Emquanto se entregava a estes pensamentos, descobriu na entrada da sua gruta uma aranha, que retencia com ardor a sua teia prejudicada pela trovoadá:

— Já que não tenho outro companheiro, — suspirou Robinson, — quero mostrar-me carinhoso para com este insecto, que commigo se abriga debaixo do mesmo tecto.

E, apanhando algumas moscas, levou-as á teia, e a aranha com avidez precipitou-se sobre a offerta, como se comprehendesse a boa intenção do moço, e bem depressa familiarizou-se, a ponto que Robinson já tinha com quem conviver e repartir o seu bem estar.

Por emquanto, porém, mostrava-se chegado a bom ponto o seu assado, e regado com agua do mar, misturada com o succo de alguns limões, offereceu a Robinson uma refeição digna d'um rei. Metade de uma noz de coco serviu de sobremesa deste banquete opiparo.

Tratava-se agora de conservar cuidadosamente o seu fogo precioso. Não havia falta de combustivel, mas outra chuva que sobreviesse, podia apagar as chammas.

Observou Robinson que perto da entrada de sua caverna, e alguns pés acima do chão, sahia uma grande pedra, que bem podia ter dez pés de comprimento e seis de saliencia. Por baixo desta pedra, apezar da chuva copiosa, o terreno havia ficado enxuto. Resolveu estabelecer ahi o seu fogão, cavando um pouco a terra, e elevando aos lados dous muros.

Para esta construcção necessitava de tijolos. Mas varias vezes, em excursões anteriores, havia encontrado barro, que devia ser bem apropriado para a fabricação de tijolos.

Immediatamente Robinson foi ter a uma das jazidas, e encontrando o terreno amollecido pela chuva, facil lhe foi extrahir barro, e dar-lhe com a sua faca de pedra a forma conveniente.

Depois de ter cortado bom numero de tijolos, collocou-os em um lugar onde durante todo o dia deviam estar expostos ao sol e seccar assim bem depressa.

Voltando em seguida ao seu terreiro, principiou a escavar com a sua pá de concha a terra debaixo da pedra saliente.

Mal havia penetrado obra de um palmo, quando de repente a pá deu com um corpo duro, tão rijamente que quasi se quebrou.

Robinson cavou com cuidado, e momentos depois tirou da cova um pedaço enorme de metal brilhante, que facilmente reconheceu ser ouro puro.

Tinha ahí a seus pés um milhão, um achado bem capaz de deslumbrar qualquer mortal.

Não era tão ignorante Robinson, que não soubesse quantos gozos e commodidades póde dar a fortuna. Com este ouro podia adquirir palacios, carruagens, cavallo, trajos faustosos, tudo emfim, quanto póde afagar o coração e os sentidos.

Mas . . . em sua ilha, de que lhe poderia servir?

Empurrando o thesouro com o pé, disse:

— Descansa ahí no esquecimento! Qualquer pedaço de ferro ter-me-hia sido de maior utilidade, porque talvez com paciencia e assiduidade poderia ter forjado uma faca ou qualquer outro instrumento.

E dando por concluida a tarefa do dia, fez outra visita ao seu assado, pois que a fabricação dos tijolos lhe havia despertado um excellente appetite.

Depois de ter alimentado bem o seu fogo, Robinson deitou-se satisfeito em sua cama, e dormiu perfeitamente, sem sequer sonhar com o ouro que encontrára.

Em compensação viu as chammas crepitantes do fogo, deste amigo bemfazejo do homem, quando este sabe domina-lo e impedir que se transforme em elemento destructor; e os clarões alegres se lhe afiguravam como a aurora de uma vida nova, menos solitaria, e sobretudo menos penosa que a anterior.

CAPITULO V.

Robinson continuava a sua vida solitaria, augmentando de dia em dia o seu bem estar á força de trabalho e reflexão.

Em certas horas do dia o calor era tão intenso na ilha de Robinson, que quasi impossibilitava o moço de fazer qualquer trabalho assiduo e manual.

Para dar evasão, porém, aos projectos que o solitario formava de dia para dia para tornar sempre mais supportavel a sua situação, destinava as horas amenas e frescas da manhã e da tarde ás multiplices occupaões que julgava indispensaveis, acostumando-se assim a ser madrugador, o que lhe trouxe grande proveito para o espirito e o corpo, ao passo que tornava fertilissimo o dia, que nunca rende tanto como quando é principiado cedo.

Na manhã que se seguiu ao dia memoravel em que obtivera tão extraordinariamente os meios de cozinhar os seus alimentos, a preocupação de conservar o seu fogo precioso fez com que Robinson despertasse mais cedo ainda do que de costume. Antes de dirigir-se a continuar a fabricaão de tijolos, quiz pôr outro assado ao fogo, mas fez a descoberta desagradavel de que toda a sua provisão de carne se havia deteriorado aos calores do ar. Teve de renunciar, pois, ao seu almoço saboroso de carne de espeto e de

contentar-se com parte d'uma noz de côco, unico mantimento, que tinha em casa. E certo que ainda possuia os tuberculos que havia trazido de sua excursão; mas já havia visto que crús erão de pessimo gosto. Crús, sim: porém cozidos, talvez fôssem comestiveis? Acostumado já a experimentar tudo, deitou alguns daquelles tuberculos nas cinzas quentes do fogão, e partiu para o seu trabalho.

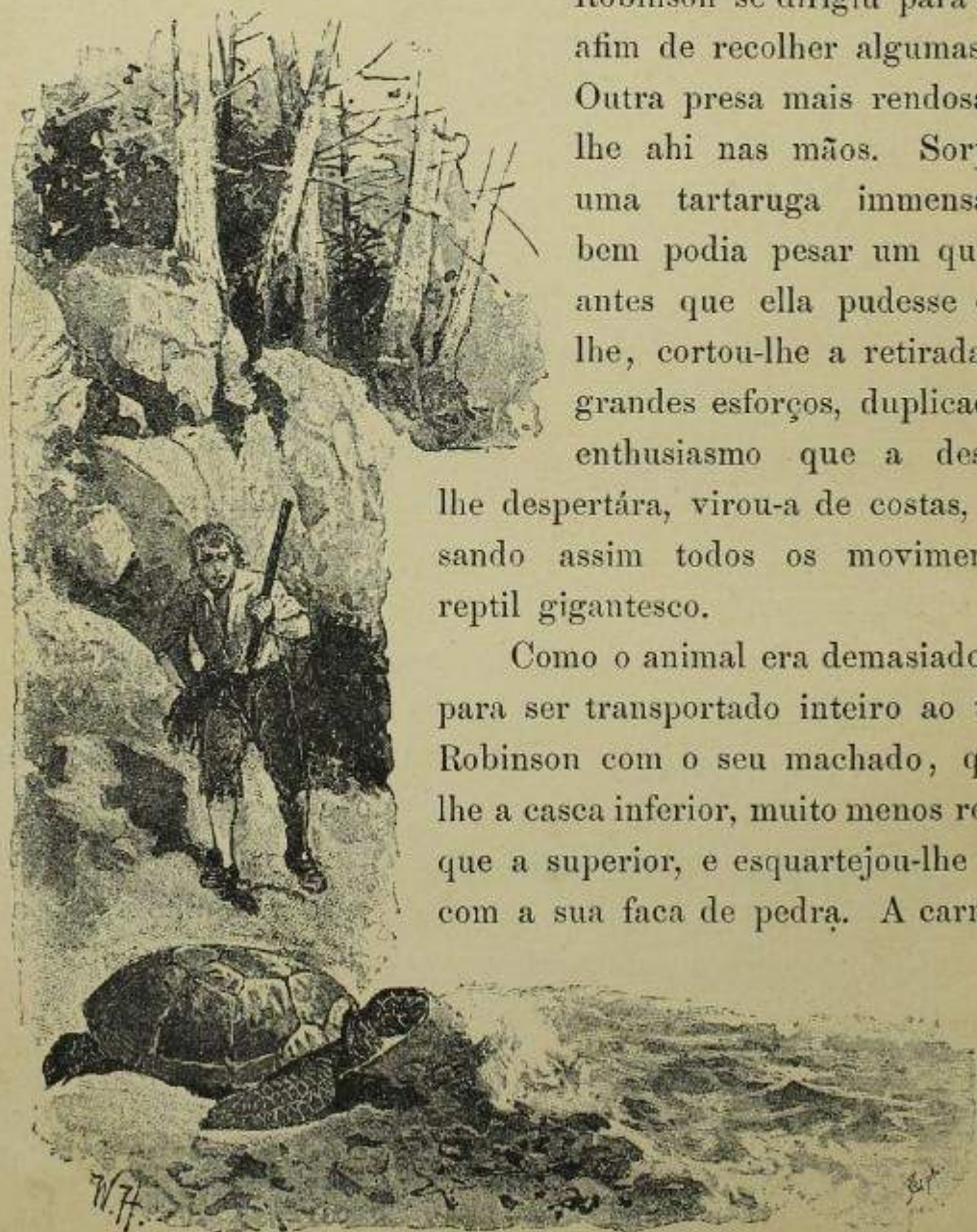
Pelas dez horas, havendo modelado tantos tijolos que já lhe pareceram sufficientes para effectuar a edificação de sua cosinha,

Robinson se dirigiu para a praia, afim de recolher algumas ostras. Outra presa mais rendosa cahiu-lhe ahi nas mãos. Surpreendeu uma tartaruga immensa, que bem podia pesar um quintal, e antes que ella pudesse escapar-lhe, cortou-lhe a retirada e com grandes esforços, duplicados pelo entusiasmo que a descoberta

lhe despertára, virou-a de costas, paralyzando assim todos os movimentos do reptil gigantesco.

Como o animal era demasiado pesado para ser transportado inteiro ao terreiro, Robinson com o seu machado, quebrou-lhe a casca inferior, muito menos resistente que a superior, e esquartejou-lhe o corpo com a sua faca de pedra. A carne pare-

ceu-lhe
appe-
titosa,
posto
que
nunca



houvesse provado deste petisco; mas o que sobretudo tomou grande importancia a seus olhos, foi a immensa casca dorsal da tartaruga, que lhe offerecia vasilha preciosa para os seus misteres caseiros. Recolheu cuidadosamente os despojos de sua presa, e pôz logo um assado ao espeto; em pouco tempo o almoço esteve prompto, e Robinson achou deliciosa a carne: só deplorou a ausencia do pão, desse bom pão, que tantas vezes em casa de seus pais havia tratado com desdem, quando não vinha acompanhado de manteiga ou de queijo. Agora ter-se-hia contentado com um pedacinho da broa, que lá se cozia para o cão da guarda.

De repente lembrou-se dos tuberculos, que havia deixado na cinza. Retirou um delles, que havia amollecido ao calor do fogo e ao parti-lo sentiu um aroma tão delicioso, que avidamente provou a fruta e achou-a de sabor muito agradável; era simplesmente uma batata, que hoje designamos com o nome de *batata ingleza*, e que então ainda era desconhecida na Europa.

Exultou Robinson de alegria; havia encontrado um excellente substituto do pão, que ha pouco anhelava.

Fez, pois, uma refeição succulenta e agradável; e a perspectiva de poder facilmente obter sempre tartarugas e batatas, não contribuiu pouco a condimentar os seus manjares.

Mas não deixou de cuidar da conservação dos restos da tartaruga. A experiencia lhe havia mostrado que o clima de sua ilha precipitava a deterioração da carne, e que, portanto, devia inventar um meio de conserva-la comestivel.

A primeira idéa que lhe occorreu foi a de cobrir a carne com agua do mar, sem ponderar que esta agua, embora levemente salgada, se torna putrida quando não é renovada, e que nella igualmente apodrecem os corpos organicos mortos. Lavou bem a concha da tartaruga, cortou a carne em pedaços e pô-la de molho; depois, cobrindo tudo com folhas verdes, collocou a vasilha n'uma cova que havia aberto para servir-lhe provisoriamente de adega.

Entretanto recordou-se do methodo empregado na sua terra

para conservar a carne de porco, e que consiste em expôr os presuntos durante algum tempo á fumaça. Já que tratava de edificar a sua cozinha, facil seria collocar uma vara a certa altura, por cima do fogão, e pendurar nella toda a carne, que quizesse conservar.

Esta nova ideia o encheu de contentamento, porque lhe teria de certo repugnado privar da vida um animal grande, só para fazer uma refeição e abandonar o resto á destruição.

Realizado o seu projecto, uma só destas tartarugas gigantesas dava-lhe alimento bom e agradável para muitas semanas.

Infelizmente não podia desde já emprehender a construcção; era mister dar tempo ao sol de seccar bem os seus tijolos.

Como já estava acostumado á actividade, Robinson occupou-se em recolher uma boa provisão de batatas, que guardou em um canto da sua caverna para ter á mão este alimento, quando o máo tempo lhe impedisse a sahida.

Em seguida offereceu a ração diaria á aranha, tão familiarizada com o seu protector, que acudia promptamente ao seu chamado.

— Se este bichinho tão repugnante em si, — dizia Robinson comsigo, — já me causa tanto prazer, o que seria se pudesse conviver com um animal de especie superior, capaz de comprehender os meus affectos e corresponder-lhes?

Despertou-lhe esta reflexão o desejo vehemente de apanhar e domesticar algum dos lhamas silvestres, e já acostumado a reflectir maduramente em todas as cousas e não assustar-se das difficuldades, concebeu o plano de fabricar um bom laço e de ir, armado com elle, esconder-se na vereda que os guanacos costumavam seguir para irem ao bebedouro; talvez pudesse deitar o laço a um dos animaes, que ainda não conheciam a desconfiança.

Foi ao seu deposito de barbante, e, escolhendo o que havia de melhor, applicou-se a fabricar o laço ideado, o que conseguiu com bastante perfeição, como conheceu das experiencias a que submetteu este novo instrumento de sua invenção.

Indo já um tanto adiantada a tarde, Robinson deixou a excursão para a manhã seguinte, e depois de ter preparado tudo para a caçada proposta, foi dar um passeio na praia, afim de recreiar a vista no esplendido espectaculo do mar immenso.

Do mar immenso, deste mar scintillante de luz e de resplendor e mudo e placido como um espelho gigantesco, e que entretanto havia tragado a *Gaivota* e todos os companheiros; deste mar, que em alguma direcção devia banhar o paiz, onde viviam os seus bons pais, acabrunhados pela dôr mais que pela idade, seus pais, que talvez levavam luto pelo filho ingrato, que tão levianamente os havia abandonado para sempre.

Para sempre? Oh! não, devia de apparecer algum dia um meio de voltar para o patrio lar, implorar o perdão daquelles que tão amargamente havia offendido, e pagar-lhes pelos carinhos mais sinceros, uma por uma todas as mágoas, que haviam supportado.

Cheio de arrependimento e de bons propositos Robinson ergueu em prece ardente a alma ao Creador, e sentiu bruxolear-lhe no amago do coração a esperança fagueira de que ainda tornaria a ver seus pais.

Para commemorar este momento solemne, o moço abriu na casca d'uma arvore com a sua faca de pedra as iniciaes de seu pai e de sua mãe, e com verdadeira veneração beijou estes nomes sagrados.

Retemperado o espirito, Robinson cuidou do corpo.

Despindo-se para tomar um banho no mar, viu, com grande pezar, que a sua unica camisa se ia em pedaços, descoberta fatal, que lhe lembrou que em breve tornar-se-hia urgente a substituição de sua roupa actual. Por emquanto procedeu á lavagem minuciosa e cuidadosa desta roupa, e depois de te-la estendido ao sol, atirou-se ás ondas do mar, que cortou facilmente com os movimentos de nadador experimentado. Nadou até á extremidade d'uma lingua de terra que bastante se estendia para o mar, e como era tempo de vasante, encontrou-a coberta de ostras, conchas e tartarugas, que com a enchente ali haviam aportado.

Ainda que pelo momento se achasse bem provido, não deixou de alegrar-se com a descoberta deste novo celeiro abundante de meios de existencia.

Além disto, a especie de enseada em que tomava as suas evoluções natatorias estava coalhada de peixes de todos os tamanhos, de todas as côres, e Robinson lembrou-se logo que facilmente poderia construir uma rede de pescar, empregando o processo pelo qual obtivera a sua bolsa de caça.

No dia seguinte, o moço levantou-se muito cedo; encheu o sacco de viagem com batatas assadas e um bom pedaço de tartaruga envolto em folhas frescas; muniu-se do seu machado, do guarda-sol e do laço, e partiu em direcção á pastagem dos lhamas. Como ainda era de madrugada, Robinson seguiu um desvio, para explorar mais algum terreno de sua ilha. Percorreu uma região accidentada, coberta de matto mais denso, no qual revoavam myriades de passaros dos mais formosos matizes, e entre estes, grande numero de papagaios. Lembrando-se da facilidade com que estes passaros aprendem a fallar, Robinson entranhou-se no matto, para ver se conseguia apanhar um papagaio; mas os velhos erão demasiadamente desconfiados, e não chegou a descobrir ninho algum, em que pudesse encontrar algum filhote.

Entretanto aconteceu ao nosso Robinson, como a tantos exploradores, que se tornaram celebres descobrindo o que não haviam procurado.

A caça infructifera aos papagaios conduziu-o a uma especie de bacia cavada na rocha, em cujo fundo viu brilhar uma camada alva e scintillante; desceu com precaução a esse tanque situado perto do mar, e achou um grande deposito de sal, que ali ficára depois que os raios ardentes do sol haviam evaporado a agua do oceano, que em alguma enchente extraordinaria penetrára na bacia.

Robinson saudou com enthusiasmo este achado tão agradavel como util; de ora em diante podia conservar com mais segurança suas provisões de carne, de peixe, e condimenta-las conveniente-

mente. Fez uma colheita regular, e em seguida procurou sem demora o ponto em que pretendia effectuar a sua caça.

Os lhamas ainda não haviam chegado, o que deu tempo a Robinson de experimentar logo os sal, que tornou o batatas com vezes

Quando de taram os lhamas, collocou-se com o do grosso tronco vore gigantesca, e aquella agitação, deiros caçadores bem conhecem.

Muitos dos animaes passaram fóra do alcance da arma traidora; mas por fim quiz a sorte propicia que um bello exemplar se chegasse bastante; com mão certa Robinson deitou-lhe o laço ao pescoço, e puxou-o com força a si, para abafar os gritos do animal caçado. Por accrescimo de fortuna, o moço havia apanhado um lhama femea com cria; os dous cabritos puzeram-se a seguir a mãe sem mostrar-se intimidados pela presença de Robinson, que entretanto tratava de afastar-se o mais depressa possivel em direcção ao seu terreiro, jubiloso com a preciosa conquista que acabava de fazer.

Chegado ao recinto, topou com a difficuldade de fazer entrar os lhamas no terreiro; desce-los pela escada era impraticavel, e na

çar e de ex-beneficios do assado e as mais gosto-

longe apon-
Robinson
seu laço atrás
de uma ar-
esperou com
que os verda-



parede, como sabemos, não havia interstício algum, que pudesse dar passagem. Mas Robinson já não recuava perante os obstáculos. Atou o lhama debaixo de uma arvore frondosa, e pôz mãos a obra, para construir uma quadra provisoria. Cortou com o seu machado uma porção de arvores pequenas, que fincou no chão, formando uma especie de gaiola grande, sufficiente para abrigar pelo momento os tres animaes.

Durante este trabalho, Robinson alegrou a vista com o espectáculo formoso que os prisioneiros lhe apresentavam: a cabra se havia deitado, e os cabritos, inconscientes do seu captiveiro, ora mamavam no ubre opulento, ora saltavam alegremente em redor de sua mãe.

Prompta a sua nova construcção, Robinson encerrou nella os lhamas e fechou a abertura com galhos, de modo que os seus captivos ficárão seguros.

Sentiu grande contentamento o moço por ter-se sahido tão bem nesta empreza, que, além de dar-lhe commensaes mais familiares que a aranha, promettia-lhe grandes ventagens: do leite da cabra, que não bebesse, podia fabricar queijo e manteiga. Não sabia ainda como, mas já se havia affeito ao pensamento que em muitos casos querer é poder.

Pedia-lhe, porém, o carinho, que o solitario naturalmente nutria para com os seus novos commensaes, viver em contacto mais immediato com elles.

Principiou, para tal fim, a construir uma nova parede de arvores por fóra de um lado do seu terreiro, e no espaço assim conquistado, em logar da quadra provisoria, levantou um alpendre, destinado á morada dos lhamas.

Só depois de effectuados estes trabalhos bastante penosos, destruiu a parede primitiva, que, por precaução, até lá havia conservado em pé. Teve então, como recompensa do seu labor, a satisfação de habitar o mesmo recinto com os seus pensionistas productivos, e já inteiramente domesticados, e tão familiarizados,

que quando o seu dono voltava para a casa, corriam ao seu encontro e lhe lambiam as mãos, como para agradecer-lhe o regalo de capim fresco, que sempre lhes trazia.

Achavam-se desmamados os cabritos, e Robinson ordenhava a cabra duas vezes por dia, de manhã e á tarde, conservando o leite nas cascas da tartaruga, e tomando-o, ora fresco, ora coalhado, o que não contribuiu pouco ao seu bem estar.



Como os seus coqueiros erão poucos, Robinson tratou de multiplical-os, sacrificando alguns dos côcos como semente, e teve o prazer de ver, dentro em pouco tempo, surgir uma porção de coqueiros novos, que em um futuro, mais ou menos proximo, haviam de dar-lhe colheita abundante.

Durante este tempo, os seus tijolos se haviam solidificado ao sol, e tornava-se mister transportal-os á sua habitação. Robinson comprehendeu que nesta

tarefa o lhama velho podia servir-lhe de bom auxiliar, empregando-o como animal de carga. Desde algum tempo o moço se havia exercitado a trançar cestos com uma especie de junco que crescia á beira do seu regato; depois de muitos ensaios, conseguira fabricar duas bruacas completamente apropriadas para o fim proposto.

O animal domesticado prestou-se admiravelmente ao serviço que Robinson delle exigia; levava com garbo a sua carga, troteando diante do seu senhor pelo bem conhecido caminho da casa; chegado á porta exigua, habilmente disfarçada entre brenhas e ramas entrelaçadas, o lhama esperava pacientemente que o moço o libertasse da carga, passando em seguida por entre os obstaculos, que

defendiam a entrada do terreiro, onde com saltos alegres era recebido pelos cabritos.

Transportados deste modo os tijolos ao recinto, Robinson começou o seu trabalho de pedreiro; crescia a obra da cozinha com bastante regularidade, graças ao cuidado com que era feita, quando sobreveio um acontecimento que em muito transtornou os planos de Robinson e lhe causou grande susto e desanimo.

CAPITULO VI.

O terremoto e as chuvas: consequencia destes dous phenomenos.

Cansado das lidas do dia, dormia Robinson socegradamente em sua cama, e perto della descansavam os lhamas, seus fieis companheiros.

Era uma noite esplendida, serena, de bello luar, e nada presagiava o menor transtorno.

De repente a terra estremeceu, e do seu seio convulsionado sahiram ruidos mais horrendos do que centenaes de trovões, que arrancaram Robinson violentamente dos seus sonhos.

Seguiram-se quasi sem interrupção os estremecimentos do solo, e aos medonhos roncões subterraneos veio juntar-se o bramar de um temporal desfeito.

Rochedos vacillavam em sua base, e cahiam com terrivel estrondo; arvores seculares dobravam-se e quebravam, quando não eram arrancadas com todas as suas raizes; do mar encapellado desprendiam-se mugidos selvagens, e toda a natureza parecia querer converter-se em um chaos.

Robinson fugiu espavorido de sua caverna; mal havia chegado com os seus lhamas ao terreiro, quando grandes pedaços do rochedo vieram cahir na cama ainda quente de seu corpo.

O perigo imminente de que acabava de escapar, renovava-se a cada momento pelo desmoronamento das rochas; Robinson sahiu de sua habitação, para refugiar-se na chapada d'uma montanha proxima, onde não poderia ser alcançado pelas pedras.

Mas qual seria o seu espanto, quando viu que o cume buscado se havia transformado em abysmo, do qual sahiam, de envolta em negro fumo, chammas, cinzas, pedras, e uma massa liquida ardente, que escorria das faldas do monte.

Robinson fugiu do volcão para a praia do mar. Mas ahi outro espectaculo horrivel o aguardava.

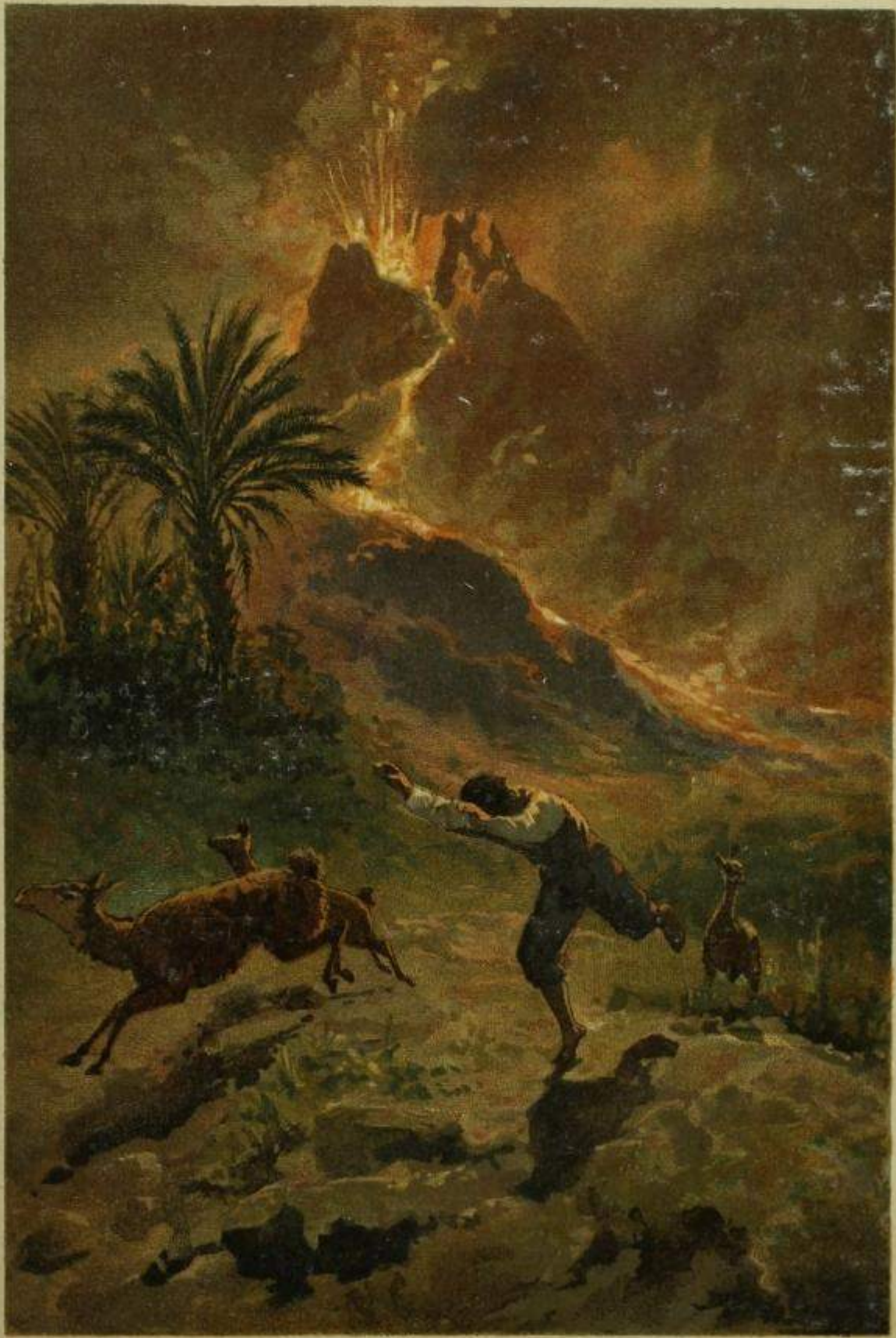
As violentas correntes de ar encontradas haviam constituido um redomoinho poderoso, que concentrava enormes massas de negras nuvens. De repente estas rebentaram e despejaram tal quantidade de agua, que n'um instante a ilha se achou inundada. Robinson mal teve tempo de refugiar-se em uma arvore, donde viu os seus pobres animaes domesticos arrastados pela corrente impetuosa das aguas, sem poder acudir-lhes!

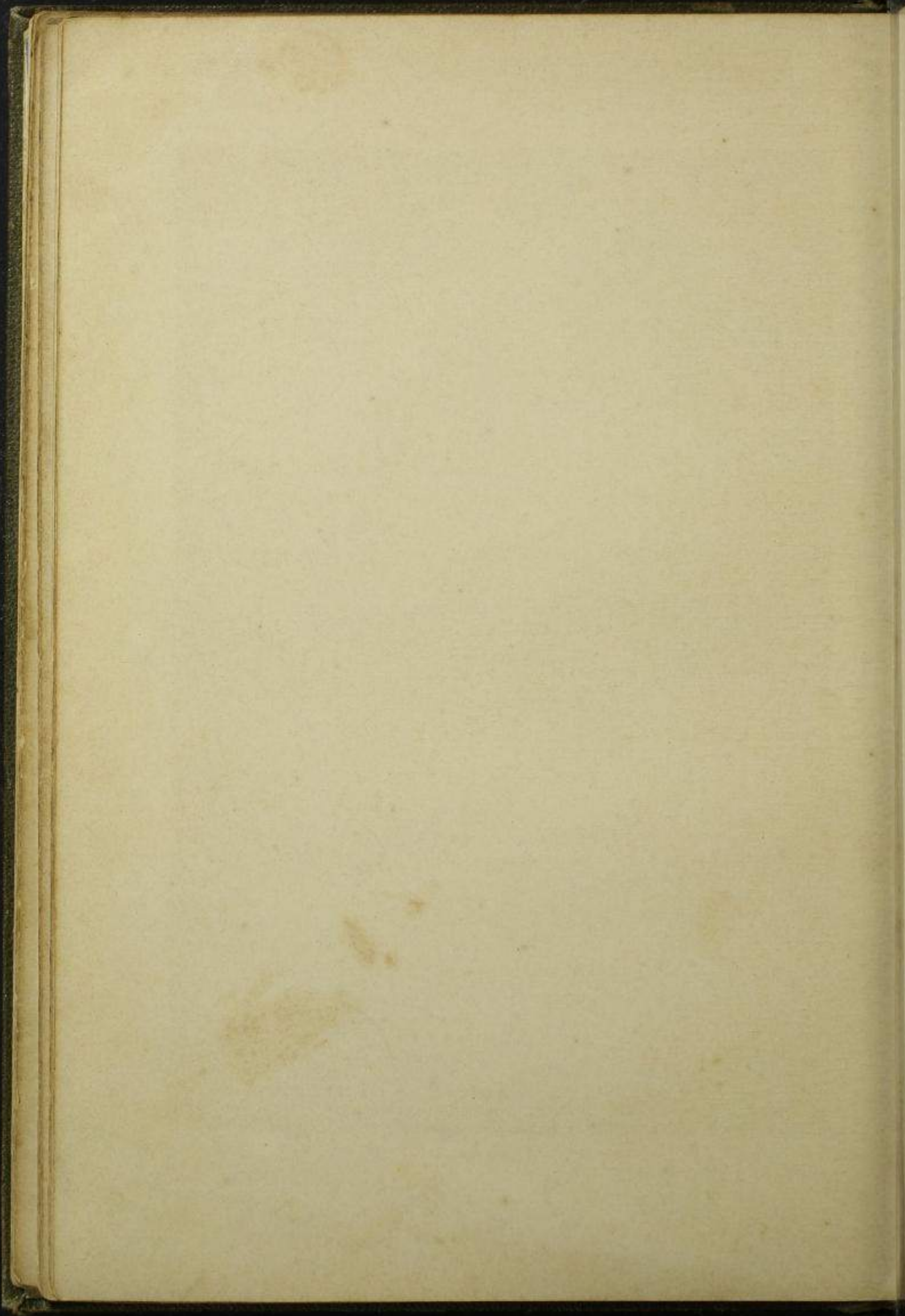
Continuaram ainda por alguns minutos os estremecimentos da terra; depois sobreveiu uma grande calma. Calaram-se as vozes subterraneas; cessou o bramido do vento, e suspenderam-se as erupções volcanicas. No céo reapareceu o luar, e rapidamente as aguas se escoaram. Um quarto de hora depois, sem os vestigios materiaes, todo aquelle transtorno poderia ser tido por um sonho medonho.

Robinson desceu de sua arvore com o desespero no coração. Em um instante havia perdido tudo: sua caverna, seus animaes domesticos, todo o fructo dos seus trabalhos penosos!

Cruel desalento apoderou-se do moço, e com profunda amargura pensou se para elle não houvera sido melhor que as rochas o tivessem sepultado.

Em ancias cruciantes aguardou o romper do dia, que saudou com pranto amargo. Com o coração um pouco alliviado pelas lagrimas, dirigiu-se com passos vacillantes para o seu terreiro.





Não devia tardar a consolação.

Perto do recinto foi saudado pelos saltos alegres dos seus queridos lhamas, que pareciam querer expressar-lhe o jubilo causado pela sua volta.

Esta recepção inesperada encheu o coração do joven de profunda gratidão; ergueu commovido os olhos ao céo, e arrependeu-se sinceramente da facilidade com que se entregára ao desespero.

Na sua casa mesmo os estragos não eram tão grandes como Robinson devia suppôr.

É certo que algumas pedras grandes haviam cahido do tecto arrastando muita terra; mas, se conseguisse desentulhar a caverna, esta estaria muito melhorada, por achar-se com maior espaço livre.

Immediatamente Robinson pôz mãos á obra. A terra solta foi removida rapidamente; mas entre as pedras havia uma tão grande, que nunca um homem só a poderia suspender.

Lembrou-se o moço ter visto empregar a alavanca para levantar massas pesadas.

Escolheu um tronco delgado mas resistente d'uma arvore e um toro mais curto de páo; collocou este ultimo perto da pedra, debaixo da qual introduziu a ponta do tronco; descansando o tronco no toro, pizou com toda a força na outra extremidade de sua alavanca improvisada, e teve o prazer de ver mover-se a pedra enorme.

Ao cabo de algumas horas a sua caverna achava-se completamente desentulhada, muito mais espaçosa e de paredes inteiramente lisas e unidas.

Acabado este trabalho urgente, Robinson sahiu a inspeccionar o volcão.

Negro penacho de fumo encimava ainda a bocca do monte; a erupção, porém, havia cessado, e a lava, arrojada em grande abundancia, já principiava a esfriar na superficie. Pela direcção que a corrente ignea havia tomado, Robinson recebeu pelo campo

de batatas; felizmente, porém, verificou que a lava havia parado antes de alcançar aquella região tão preciosa para a sua alimentação.

Comtudo resolveu multiplicar a plantação de tuberculo tão valioso, e distribui-la por varias regiões de sua ilha, e já sabemos que agora para Robinson entre querer e fazer pouco tempo mediava.

Terminado este trabalho agricola, o moço voltou a occupar-se da construcção da sua cozinha, para a qual o volcão lhe havia fornecido um material utilissimo, em grandes massas de pedras calcareas.

Regando estas pedras de agua, obteve uma cal superior, que, misturada com arêa, deu uma argamassa excellente, de modo que seu edificio tomou grande consistencia.

Receiando sempre os rigores do inverno, Robinson tratou de reunir provisões sufficientes para evitar privações.

Pelos meios já empregados apanhou pouco a pouco oito lhamas; juntou um bonito macho a seu

rebanho domesticado; os outros matou, dependurando as carnes no seu fumeiro, depois de have-las convenientemente salgado.

Mas os animaes se haviam tornado muito ariscos, e já não appareciam ao alcance do laço. Tendo observado que ao fugirem todos saltavam uma pequena barreira de pedras, Robinson concebeu immediatamente a ideia de um novo modo de caça.

Por detrás destas pedras abriu uma cova bastante funda, que



cobriu de ramas delgadas e folhas verdes. No dia seguinte en-
controu nesta armadilha dous lhamas de boa estatura.

Ainda ao terremoto ficou devendo um optimo armazem para
as suas numerosas provisões, pois que, não longe de sua caverna,
o terreno se havia abatido, formando uma gruta bastante espaçosa.
Restavam-lhe agora ainda varios cuidados; em primeiro logar o de
juntar bastante lenha, porque sempre pensava que na sua ilha o
inverno seria tão frio como em seu paiz natal; em seguida o tra-
balho de munir-se de forragem para o seu rebanho, e finalmente o
de recolher as batatas.

Cortou muito capim, que seccou ligeiramente ao sol, amon-
toando-o depois no seu terreiro em grande mó, tendo o cuidado de
calcar bem as camadas successivas, para que a chuva não pudesse
penetrar facilmente. Se sabia, porém, imitar o que anteriormente
havia visto fazer, faltava-lhe a experiencia; ignorava que o feno,
para ser armazenado assim, deve estar bem secco, para evitar o
perigo de incendiar-se.

Ao cabo de alguns dias viu sahir fumaça de sua mó de for-
ragem; julgou ter cahido nella alguma faisca da cozinha, e poz-se
a desmanchar o montão; em toda a parte encontrou calor excessivo
e muita humidade. Calculando acertadamente que esta humidade
podia ser a causa do calor, espalhou de novo o feno e o deixou
seccar totalmente aos raios do sol. Depois reconstituiu a mó, e
para garanti-la contra as chuvas, cobriu-a com um tecto de juncos
trançados cuidadosamente.

Nos dias seguintes procedeu á faina de armazenar lenha secca
e as batatas recolhidas e bem assim uma boa collecção de limões.

Aprovisionado deste modo, julgou poder aguardar tranquilla-
mente a chegada do inverno.

Em logar, porém, do frio receiado, principiaram a cahir chuvas
torrenciaes e incessantes, de modo que Robinson apenas podia sahir
de sua habitação para ir aos armazens, dar de comer aos animaes
e cuidar do seu proprio alimento. O resto do tempo via-se preso,

lamentando o ocio forçado, e a ausencia de alguns livros; aquelles livros que antes tão cordialmente havia detestado, e que agora farião as suas delicias!

Para distrahir-se, tentou realizar o desejo, que ha muito alimentava, de possuir uma lampada e algumas panellas, objectos que terião contribuido muito a augmentar o bem estar da sua vida solitaria.

Affrontando afoutamente a chuva, correu a recolher uma provisão de barro, e pôz mãos á obra. Os primeiros ensaios fôram pouco satisfactorios; mas dispondo de tempo e de paciencia, renouvou tantas vezes as experiencias, que por fim conseguiu confeccionar uma panella e uma lampada com bastante pericia.

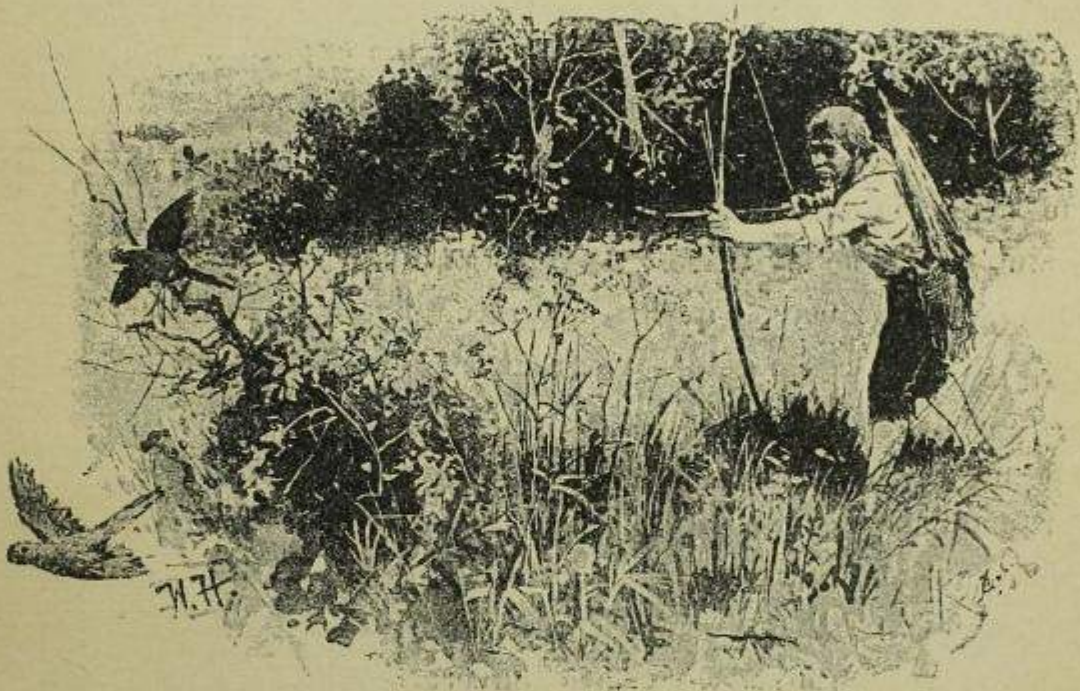
Collocou estes objectos a seccar perto do fogo da cozinha, e continuou a exercitar-se na arte de oleiro.

Mas, como as chuvas continuassem, Robinson lembrou-se de variar as suas occupações. Se possuísse um arco e flechas? Grandes vantagens lhe proporcionarião estas armas, não só para caçar, como ainda para defender a sua habitação, se algum dia fôsse atacado. Enthusiasmado por esta reflexão, arriscando-se novamente a arrostar a chuva, correu a escolher os páos necessarios e adequados para a construcção projectada. Tendo encontrado uma vara bastante flexivel e resistente, pôz-se a talhar o arco; trabalho em que muita falta lhe fez uma boa faca, porque, com os utensilios de que dispunha, gastava muitas horas para tirar algumas lascas do páo. Assim empregou oito dias em acabar o arco a seu contentamento. Faltavam agora a corda e as flechas. Se houvesse conservado os intestinos dos lhamas, as tripas terião dado cordas excellentes; mas como na occasião da matança não lhe occorrêra a idéa das armas, teve de contentar-se com um cordão fortemente torcido.

Na falta de ferro para armar as flechas, lembrou-se de utilizar as espinhas de peixe, que em abundancia jaziam na praia; atou estas espinhas n'um extremo das flechas, e no outro emparelhou

pennas de passaros para facilitar o trajecto das setas. Por fim completou o armamento com uma lança, prendendo na ponta de uma vara uma pedra aguda.

Armado deste modo, entregou-se diariamente ao exercicio no manejo de suas armas, e os resultados fôram os mais satisfactorios: conseguiria matar passaros e animaes pequenos, e mesmo a ferir efficaamente algum inimigo se fôsse atacado.



Entretanto as suas panellas mostravam-se seccas e pareciam promptas para o serviço. Robinson deitou um pedaço de graxa de lhama em uma dellas para derrete-la e servir-se do unto como de azeite na lampada. Mas, á medida que a graxa derretia, filtrava pelo barro, de modo que por fim pouco ou nada sobrou. Terrivel desapontamento para o moço, que já se havia deleitado no pensamento de passar as noites ao clarão de sua lampada e de preparar alguma sopa boa. Robinson, que entretanto já se havia acostumado a não perder a paciencia, sentou-se a reflectir sobre o meio de eliminar a porosidade do barro e a fabricar panellas impermeaveis, como as que havia visto na sua patria. Lembrou-se que estas traziam um

esmalte; mas como produzir este esmalte protector? Talvez nascesse no fogo, no qual se coziam as panellas? Não hesitou em fazer a experiencia.

Fez grande fogo na cozinha, e collocou uma das suas panellas no meio da labareda; ao cabo de alguns instantes a panella estalou. Nova decepção para o nosso oleiro inexperiente! Meditou, porém, sobre o facto, e lembrou-se que, havendo uma vez na sua casa paterna collocado um copo com agua fria sobre o fogão aquecido, o copo tambem estalára. Seu pai então lhe explicára o phenomeno, ensinando-lhe que não se devia expôr o copo frio repentinamente a uma temperatura muito elevada. Dahi concluiu agora Robinson que acertaria expondo as suas panellas a um fogo lento, que gradualmente se avivasse. Assim fez; os objectos desta vez não rebentaram, porém tão pouco apparecêram esmaltados.

Attribuiu então este novo insuccesso á circumstancia de haver cozido o barro em fogo aberto, e resolveu construir um forno; mas este novo trabalho só podia ser emprendido com bom tempo. Por emquanto chovia a bom chover, e o tempo continuou ainda assim durante varios mezes. Por fim clareou o céu; Robinson pensou que então principiaria o inverno; mas laborava em erro: já se achava terminada a estação invernosa, que nas regiões, onde habitava o moço, é apenas assignalada por chuvas prolongadas.

Em poucos dias o solo produziu verduras e flores novas, e esta volta ao bom tempo ensinou novamente a Robinson quão improficuo era receiar cousas que não conhecia.

CAPITULO VII.

Robinson renova o seu traje e adoece.

Por mais que Robinson prezasse todos os objectos, que pouco a pouco tinha adquirido com augmento de bem estar, teria dado a metade de sua vida por ver apparecer um navio que o levasse á patria. Faltava-lhe tudo, desde que se via privado do elemento sem o qual não ha felicidade na terra: de companheiros, de amigos, de seres de sua especie, com quem pudesse trocar carinhos. Longe de seus pais, tão cruelmente por elle offendidos, longe de seus amigos, que talvez nunca mais tornaria a ver, que attractivos lhe podiam offerecer as mais brilhantes possessões da terra?

Entretanto, além dos tormentos causados pela solidão, soffria Robinson ainda privações afflictivas. A roupa do corpo, unica que possuia, cahia em pedaços, e o moço não via como a havia de substituir. Se a benignidade do clima não exigia maior abrigo, a abundancia de mosquitos não permittia expôr o corpo sem protecção, como bem o mostravam a cara e as mãos do moço, quasi sempre entumecidas pelas mordidellas dos insectos importunos, cujo numero, depois das chuvas, ainda tinha crecido consideravelmente. O que seria d'elle, quando não tivesse mais roupa alguma?

Esta penuria e as saudades de seus pais e da sociedade humana o prendiam muitas vezes, horas inteiras, na praia, perscrutando o horizonte longinquo, a ver se apparecia algum navio. Se acontecia surgir uma nuvemzinha branca, o coração de Robinson batia violentamente agitado, porque o moço julgava descobrir uma vela. Depressa, porém, a illusão se desfazia, e lagrimas de desanimo brotavam do seio afflicto.

Receiando, comtudo, que algum navio viesse a passar, quando elle se achasse no interior da ilha, Robinson resolveu estabelecer um signal, que pudesse chamar a attenção dos navegantes. Na lingua de terra, que avançava bastante para o mar, ergueu uma vara alta, na qual prendeu uma bandeira feita com os restos de sua camisa. E como, além de sua lingua materna, apenas possuia alguns rudimentos de latim, lembrou-se que esta lingua era conhecida quasi universalmente, e assim inscreveu na sua bandeira, com um pedaço de carvão, as palavras: *Ferte opem misero Robinsonio*, o que significa: Soccorrei o probe Robinson.

Depois de ter tomado esta medida de precaução, tratou de fabricar meias e sapatos, pois que o seu calçado já não merecia este nome, e expunha os pés cruelmente á praga horrivel dos mosquitos. Para o seu intento não dispunha senão das pelles dos lhamas mortos; estas pelles, porém, haviam endurecido consideravelmente; mas, quando mesmo fôsem bem maneaveis, faltavam-lhe agulha e linha para as costuras. Entretanto, o seu espirito industrioso não abandonou Robinson. Com a sua faca de pedra talhou com grande trabalho varias peças destinadas a servir de sapatos e de polainas. Não podendo coser o seu calçado, muniu as peças mencionadas de furos,



pelos quaes passou barbante, e, preparadas assim, atou-as nos pés e nas pernas. Mas o couro, como sabemos, se havia tornado muito rijo, tão duro que a cada passo machucava horrivelmente os pés. Robinson lembrou-se então do meio por elle empregado para amollecere a carne crúa. Esfregando levemente o couro com graxa, durante algumas horas sovou-o entre duas pedras, e teve a grande satisfação de tornar o seu calçado bastante commodo o flexivel. Em seguida passou a sujeitar varias outras pelles ao mesmo processo, e talhou uma jaqueta e um par de calças, certamente bem primitivas, mas proprias a protegê-lo. Constava a jaqueta de tres partes, uma para o corpo e duas para as mangas, tudo unido por meio de barbante; quanto ás calças, compunham-se só de dous pedaços, igualmente atados entre si. Para completar este abrigo estranho, cortou uma mascara para o rosto, deixando no couro apenas tres aberturas, duas para os olhos, a terceira para a boca.

Guardando cuidadosamente a sua roupa europea, para usa-la só nos dias santos e nos natalicios dos seus pais, Robinson revestiu-se do seu traje novo, que lhe dava um aspecto summamente estranho. Com effeito, envolto dos pés á cabeça em pelles cabelludas, em lugar da espada um machado de pedra na cintura, nas costas uma bolsa trançada, um arco e um masso de flechas, na dextra uma lança muito comprida, na mão esquerda um guarda-sol de folhas de coqueiro, na cabeça um cesto ponteagudo coberto igualmente de pelles, e na cara uma mascara tosca, apresentava melhor a figura d'um monstro do que a d'um ser humano, como percebeu com boas risadas, quando pela primeira vez se mirou nas claras ondas do seu regato.

Satisfeito com as obras de sapateiro e de alfaiate, Robinson voltou ao seu officio de oleiro.

Em pouco tempo construiu um forno, no qual expôz as suas panellas e tigelas a uma temperatura gradualmente muito elevada. Durante todo o dia manteve o fogo, deixando-o extinguir-se pouco a pouco ao cahir da tarde. Depois de esfriado convenientemente,

visitou com grande impaciencia as suas panellas. Tirando uma a uma, viu que estavam bem cozidas; mas de esmalte não havia vestigio. Por fim encontrou uma, cujo fundo estava perfeitamente coberto de uma camada de verniz brilhante.

Porque esta unica, e não as outras? perguntou-se Robinson com perplexidade. Que particularidade contribuiu para este resultado tão almejado? Reflectiu longamente sobre o caso, e por fim lembrou-se que desta panella se havia servido para deposito de sal. Seria, pois, o sal, a causa do esmalte? Não podia ser de outro modo.

Assim descobriu Robinson casualmente o que todos os profissionaes sabem. Pondo immediatamente á experiencia a sua descoberta, molhou algumas de suas panellas em uma forte salmoura; em outras deitou punhados de sal, e arrumou convenientemente o seu forno, aquecendo-o com um fogo efficaz.

Mas, já durante estes preparativos, Robinson se havia sentido incommodado; uma dôr de cabeça violenta veio atormental-o, e logo apparecêram grandes nauseas, acompanhadas d'uma prostração geral. Mais d'uma vez o pobre moço havia receiado alguma doença; agora realizaram-se os seus terrores. Que seria d'elle, longe de todo o soccorro, privado d'uma mão amiga, que lhe alliviasse as dôres, que lhe administrasse algum remedio?

Aterrado de susto, quasi perdeu os sentidos. Erguendo as mãos ao céo, apenas pôde gemer: Deus, tenha misericordia de mim!

Mas a eminencia do perigo o reanimou. Aproveitando um resto de forças, collocou a grande custo perto de sua cama duas cascas de tartaruga cheias de agua, algumas batatas assadas, e tres ou quatro limões, unicos, que lhe sobravam; em seguida cahiu exausto no seu leito de pelles, prezo de uma febre violenta; qual fogo em labareda principiou a correr-lhe o sangue pelas veias; arquejava-lhe o peito, como se quizesse estourar. Robinson mal teve forças para tomar alguns tragos d'agua; depois cahiu em um entorpecimento, acompanhado de abundante transpiração, que lhe trouxe algum allivio. Lembrando-se então que o seu fogo se apagaria se não o

alimentasse, arrastou-se para perto do lar, e deitou-lhe a lenha necessaria para manter o fogo até o dia seguinte.

A noite que Robinson passou foi a noite mais horrivel de sua vida. Accessos de frio e de calor succediam-se, em quanto dôres de cabeça atrozes o atormentavam, enxotando completamente o somno. No dia seguinte achou-se tão debilitado, que não pôde alimentar o fogo. Perderia este grande auxiliador . . ., mas para que tambem lhe serviria? A morte estava imminente, e uma indiferença glacial apoderou-se do pobre enfermo.

De hora em hora cresceu o mal estar; o doente nem pôde mais alçar a vasilha, que continha a agua, aliás já deteriorada; Robinson já nem tinha a força de virar-se de um lado para o outro; sentiu approximar-se a morte, e resignado recommendou a sua alma a Deus, enviando um ultimo suspiro saudoso a seus pais.

Principiou a agonia; augmentaram as ancias, e o peito atormentado já não soltava senão estertores horriveis. De repente tremenda agitação apodera-se do coração: pára a respiração, e Robinson perde os sentidos.

CAPITULO VIII.

Convalescença de Robinson. Novas descobertas. Horario de trabalho.

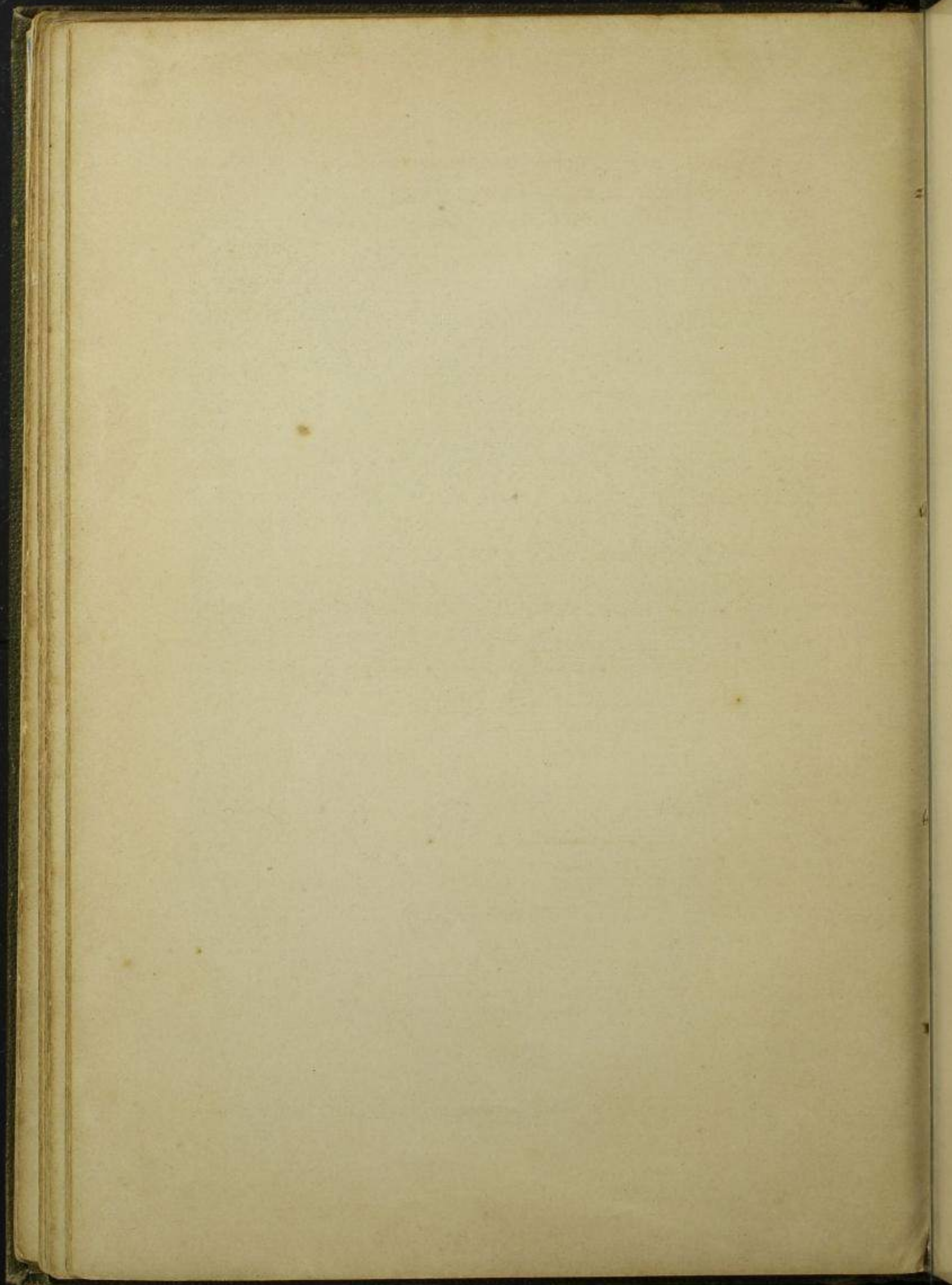
Por violenta que houvesse sido a doença, Robinson não succumbiu. A sua boa constituição corporal e a vida tranquilla, frugal e activa que havia levado oppuzeram-se valentemente ao mal, e sahiram triumphantes.

Ao cabo de muitas horas de lethargo, o moço recuperou os sentidos, achando-se muito debilitado, mas já livre de dôres. Cahiu em transpiração abundante, que manteve cobrindo-se com as pelles de lhamas ao seu alcance. Sobreveio-lhe sede ardente; a agua, porém, havia apodrecido nas cascas de tartaruga; felizmente lembrou-se então dos limões, e com grande avidéz chupou o summo d'uma destas frutas restaurantes, adormecendo logo em seguida.

Aos raios do sol nascente despertou sensivelmente alliviado, e sentindo até certa vontade de alimentar-se, lançou mão de uma das batatas assadas, que comeu adubada com summo de limão.

Com verdadeira ternura cahiram suas vistas sobre os lhamas, que, privados dos cuidados do seu dono, haviam vindo deitar-se ao pé da sua cama. Felizmente estes animaes, como os camellos, pódem viver algum tempo sem beber, senão terião perecido durante os dias em que Robinson estivera impossibilitado de tratar delles.





Com grande esforço o moço conseguiu ordenhar uma fêmea, e o leite fresco serviu-lhe de verdadeiro cordial. Restaurado assim, tornou a dormir; quando de novo despertou, já se achou com força de erguer-se do leito e de dar alguns passos vacillantes. Chegado ao seu terreiro, os benéficos raios do sol, filtrando por entre a verde folhagem, causaram-lhe tal impressão de bem estar, que sentiu renascer com força a vida.

Com prazer indizível deleitou as vistas na contemplação da etherea abobada celeste, da folhagem esmeraldina, coberta das mil perolas do orvalho, dos seus fieis lhamas, enfim, objectos que havia pensado não tornar a ver nunca mais; transbordou-lhe o coração, e lagrimas abundantes se lhe deslizaram pelas faces.

Dentro de poucos dias recuperou todas as suas forças, e pôde occupar-se dos trabalhos da vida.

Examinando o seu forno, viu com grande jubilo que todas as suas panellas, tigelas e lampadas estavam perfeitamente esmaltadas. Mais ai delle! logo lhe acudiu o pensamento amargo que faltava agora o fogo, para utilizar efficazmente aquelles objectos! Como preparar as sopas appetecidas, como allumiar a sua caverna com a lampada, que tanto trabalho lhe havia dado?

Pouco a pouco tranquillizou-se com o pensamento de que já uma vez o acaso lhe havia fornecido fogo, e que não seria impossivel tornar a adquirir este elemento consolador. Além disto reflectiu que as panellas podiam servir-lhe para recolher o leite das lhamas e preparar queijo e manteiga, projecto que executou nos dias seguintes. Batendo pacientemente a nata recolhida, conseguiu fazer manteiga, que temperou com algum sal: mas, ao contemplar este novo fruto de sua actividade e inventiva, occorreu-lhe o pensamento que não tinha utilidade para elle, desde que já não podia assar batatas . . .

De novo Robinson se viu reduzido ás ostras, ao leite, aos côcos e á carne crúa batida entre pedras. Como melhorar esta triste situação? Em que occupar agora o seu tempo, para não

succumbir ao flagello do ocio, hoje tanto mais cruel, quanto o solitario se havia acostumado a grande actividade.

— Mas deveras, — reflectiu Robinson, — serei condemnado a passar o resto da minha vida nesta ilha deserta? Não haverá meio de construir uma canôa, uma embarcação qualquer, para cortar o mar em busca de outras terras habitadas, de algum navio, — que me reconduza á patria?

Enthusiasmado com a idéa da construcção da canôa, encetou excursões mais extensas para descobrir um tronco capaz de servir para tal fim. Descobriu muitas plantas que não conhecia, entre outras a do milho, cujas espigas abundantes de grãos dourados e purpurinos lhe deliciaram a vista, sem que, pelo momento, conhecesse o grande valor que este cereal teria mais tarde para elle. Comtudo, mastigando um dos grãos, comprehendeu que o interior feculoso e adocicado poderia, por algum processo a inventar, dar-lhe uma farinha gostosa, e assim recolheu varias espigas.

Mais adiante viu uma arvore coberta de grandes frutas redondas, de algum modo semelhantes aos côcos; mas a arvore não se parecia com o coqueiro: tinha galhos, ramos e folhas. Só mais tarde soube que era a fruta-pão, que acabava de descobrir, que, a um sabor agradável, junta grandes elementos nutritivos.

Outra arvore, ainda, exhibia numerosas vagens de muito comprimento, que continham de cincoenta a sessenta favas; embora não lhe agradasse o sabor destas, colheu algumas das vagens para ver o que dellas poderia fazer. Erão favas de cacáo, com as quaes se fabrica o chocolate, e que, por sua vez, depois lhe haviam de augmentar o bem estar.

Ao contornar o tronco da arvore da fruta-pão, Robinson descobriu uma larga fenda.

— Eis ahi a canôa principiada, — disse comsigo; — todo o trabalho consistirá em cortar a arvore e alargar-lhe a cavidade.

Tomou nota do logar, e satisfeito com a sua excursão, voltou para a casa. Pelo caminho teve o prazer de encontrar um ninho de papagaios com filhotes, e a felicidade de apoderar-se de um destes, realizando assim um desejo ha muito alimentado.

Chegado ao seu castello, Robinson fez á pressa uma gaiola de cannas, na qual encerrou o seu prisioneiro, destinado a fazer-lhe companhia d'ora em diante, e deitou-se contente a dormir.

Toda a noite sonhou com a partida da ilha; ao despertar cresceu-lhe tanto o entusiasmo, que mal se deu tempo para almoçar, correndo em seguida em busca do tronco, afim de principiar o trabalho sem a menor demora.

Armado com o seu machado de pedra, deu valentemente o primeiro golpe . . . , que deixou intacta a madeira resistente.

Comprehendeu logo a terrivel difficuldade de realizar o seu intento com instrumento tão primitivo; mas já se havia acostumado á perseverança, e assim não desanimou. Trabalhou com ardor e energia até o meio dia, conseguindo apenas uma brecha, na qual nem a mão lhe cabia. Dahi calculou logo, que gastaria mais de



um anno na confecção da canôa, e tratou então de organizar um horario de trabalho, afim de guiar a sua actividade, e torna-la mais productiva pelos elementos de ordem e regularidade.

Ao romper do dia dirigia os passos á fonte para fazer as suas abluções. Como não possuia toalha, enxugava-se ao ar, procedendo em seguida a vestir-se e a subir ao outeiro de sua caverna, para perscrutar com a vista a vasta extensão do mar e erguer o pensamento a Deus.

Depois passava a ordenhar as lhamas, e a tomar o seu almoço frugal. Munindo-se de todo o seu armamento, seguia para o *seu estaleiro*, passando pela praia, onde recolhia ostras e mariscos para o seu jantar. Occupava-se até ás dez no trabalho de cortar o tronco, e cedendo ao grande calor, em lugar sombreado tomava um banho de mar. De volta á casa, tornava a ordenhar os lhamas, preparava queijo, e sentava-se a jantar. Durante esta refeição, composta de ostras, leite, queijo e côcos, e ás vezes, de alguma carne crúa pisada entre pedras, conversava com o seu papagaio, ao qual ensinava a repetir algumas phrases.

Em seguida descansava uma hora á sombra, entretendo-se com os lhamas e o *louro*, como uma criança se entretém com a sua boneca. Ás duas horas tornava a trabalhar na canôa até ás quatro; recolhendo-se depois, procedia a certos trabalhos caseiros, plantando nilho e batatas, na esperança de recuperar algum dia o fogo perdido; cercava as suas hortas, ou trançava os ramos das arvores, que rodeiavam o terreiro, para converte-las pouco a pouco em parede impenetravel.

Como na sua ilha o dia mais longo não passava de treze horas, anoitecia já ás sete da tarde, de modo que Robinson tinha então de interromper as suas occupações. Antes de cahir a noite, porém, exercitava-se uma hora ao jogo das armas, e bem prompto adquiriu tal habilidade, que com as suas flechas alcançava passaros pequenos, e acertava com a lança arrojada n'um alvo do

tamanho d'uma mão. Por ultimo, dedicava uma hora ás reminiscencias da patria, do lar paterno e á rememoração dos factos do dia a expirar; adormecendo satisfeito quando tinha consciencia de não haver desperdiçado hora alguma no ocio, de não haver alimentado máos pensamentos, de se haver mostrado sempre resignado á sua sorte.

CAPITULO IX.

Robinson descobre vestigios humanos. Chegam á sua ilha antropophagos, e Robinson salva uma das suas victimas.

Robinson seguiu durante tres annos aquelle horario com pouca alteração, e comtudo a sua canôa ainda estava longe de sua conclusão, parecendo o que faltava exigir ainda tres ou quatro annos de trabalho assiduo. Entretanto, o joven constructor proseguiu sem descansar, porque já não podia viver sem trabalhar.

Um dia, porém, lembrou-se de que, apezar de sua longa residencia, apenas havia explorado uma minima parte de sua ilha, e que já era tempo de dar-se conta exacta dos seus dominios. Resolveu-se, pois, a emprehender uma excursão decisiva, e tendo preparado tudo convenientemente, partiu, acompanhado de um dos seus lhamas carregado de mantimentos.

Com medo de animaes ferozes, evitou as espessas florestas, seguindo sempre perto da costa.

Durante o primeiro dia da sua viagem, nada de notavel lhe occorreu, comprehendendo, comtudo, que se havia estabelecido na parte mais esteril da ilha; encontrou muitas arvores cobertas de frutas, que lhe erão desconhecidas, fontes abundantes de aguas crystallinas e excellentes pastos para os lhamas.



Robinson, depois de haver vencido umas tres leguas, escolheu a sua primeira pousada em uma arvore frondosa, e no dia seguinte continuou a sua excursão, alcançando em breve a ponta meridional da ilha, onde o solo era bastante arenoso.

De repente o moço parou como ferido por um raio, pallido, e tremendo em todo o corpo.

Via diante de si vestigios humanos na areia.

Aterrorizado pela lembrança de que deviam ser signaes de inimigos ferozes, de crueis antropophagos, deitou olhares desvairados em roda de si; cada moita parecia-lhe esconder os selvagens; no ciciar da briza entre a folhagem julgava reconhecer a presença dos canibaes, e instigado pelo terror, deitou por fim a correr como fustigado pelas furias, sem dar pela direcção que seguia.

Repentinamente estacou.

Achava-se n'uma aberta do matto, ao pé d'uma cova circular, na qual descobriu cinzas e ossadas humanas; caveiras, mãos e pés, mal despidos de sua carne...

Figure-se o joven leitor os sentimentos de horror que se apoderaram de Robinson, quando este fez aquella descoberta ominosa!

O nosso heroe immediatamente fugiu tão velozmente, que o seu fiel lhama apenas o pôde acompanhar. Tão desvairado estava Robinson, que havendo olvidado o seu cargueiro, nos passos deste, que o seguia tenazmente, julgou ouvir a carreira d'um inimigo que o perseguia; e hallucinado sempre mais, redobrava de rapidez, atirando ao longe a sua lança, o seu machado, todo o seu armamento emfim, que lhe tolhia os movimentos, sem se lembrar quão preciosas lhe deviam ser as suas armas nos momentos angustiosos que passava.

Não tendo seguido direcção marcada em sua fuga, os seus movimentos desordenados bem depressa o reconduziram ao lugar que tanto terror lhe inspirára.

Novo susto, novo espanto! Não reconhecendo o sitio, julgou ver um segundo acampamento de selvagens, e fugindo espavorido novamente, correu até cair ao chão, exausto de forças e sem sentidos.

Por um feliz acaso, o ponto em que Robinson cahiu, era justamente o sitio no qual se havia alliviado de suas armas.

Ao recuperar os sentidos, e vendo perto de si os seus utensilios, e bem assim o lhama, que o seguira e se lhe deitára aos pés, o moço no primeiro momento não sabia se sahia de um sonho agitado, ou se realmente havia passado pelos sustos que o conduziram a este lugar. Levantou-se, juntou as suas armas, e mais calmo, porém grandemente debilitado, tomou o caminho da sua residencia. Não sentiu necessidade de comer; apenas refrescou-se com alguns tragos de agua nas fontes que encontrava, e só almejava chegar em casa.

Apezar dos seus esforços, porém, a noite o surpreendeu pelo caminho, mas felizmente perto d'um sitio, no qual havia estabelecido um cercado com ramada, denominado seu *palacio de verão*, onde costumava passar as noites mais calmas do estio.



Deitou-se cansadissimo no seu leito de musgo e folhas seccas; mas apenas havia descansado a cabeça, quando novo susto o veio agitar.

Uma voz, como descendo do céo, proferiu distinctamente as palavras:

— Donde vens, pobre Robinson?

Ergueu-se como um fuso, sem saber se devia fugir ou não; mas, repetindo-se a mesma phrase, levantou os olhos, e viu na ramada o seu querido papagaio, o qual, provavelmente aborrecido por ver-se só, tinha vindo em procura do seu senhor.

Tranquillizado por esta descoberta, Robinson chamou o seu louro, que, sentado agora no seu hombro, o acariciava, repetindo muitas vezes:

— Pobre Robinson, donde vens?

Durante o seu somno, em sonhos atrozes, o moço revia constantemente o sitio horrivel com as ossadas humanas. O terror inspirava-lhe mil projectos, cada qual mais extravagante.

Ao romper do dia queria destruir tudo, quanto havia feito á custa de tanto trabalho, arrazar a sua fortaleza, soltar os seus lhamas, devastar as suas plantações, para não deixar vestigio algum

da obra de mão do homem, de modo que os selvagens, se algum dia chegassem á região da sua habitação, não pudessem suspeitar a presença d'um ser humano.

Felizmente a noite é boa conselheira.

Com os alegres raios do sol, as cousas mudaram muito de figura.

Robinson reconheceu que a precipitação é máo guia, e renunciou logo aos seus projectos insensatos.

— Se até agora os selvagens nunca apparecêram do meu lado, — reflectiu elle, — não ha probabilidade que daqui em diante venham. Talvez só procurem esta ilha para os seus banquetes horriveis, e se retirem depois de have-los effectuado. E o que pelo menos devo suppôr, visto que durante tantos annos nunca vi algum delles.

Esta reflexão tranquillizou grandemente o moço; sentiu agora vergonha de haver fugido tão cobardemente no dia anterior, em lugar de confiar na Providencia, que sempre o havia protegido tão visivelmente, e reflectir calmamente no caso.

Comtudo, não deixou de tomar algumas medidas de precaução, no que obrou sabiamente; porque devemos ser os primeiros a proteger-nos e fazer tudo quanto pudermos para assegurar o nosso bem estar.

A pouca distancia da parede viva do seu terreiro, plantou mais de duas mil varas de uma arvore de rapido crescimento, sem ordem e symetria, de modo que este plantio se assemelhava a uma floresta primitiva, escondendo a sua fortaleza a qualquer vista curiosa.

Do fundo de sua gruta cavou nova galeria subterranea, conduzindo ao outro lado do outeiro, de maneira que contava com duas entradas ou sahidas. A terra destas escavações foi encostada e pizada contra o recinto do terreiro, formando formidavel baluarte, no qual Robinson apenas deixou algumas aberturas para seteiras e vigias; varias escadas davam accesso facil a esta trincheira, da qual efficazmente poderia defender o seu castello, se fôsse atacado.

Mas, se em lugar de assalta-lo, o inimigo o sitiasse em regra? Não era absurda esta hypothese, e portanto preparou-se Robinson para o caso.

Manteria sempre no terreiro pelo menos um lhama leiteiro, com a forragem competente, o que por alguns dias o garantiria contra a sede, já que não podia desviar o regato a ponto de passar-lhe pelo pateo. Além disto juntou grande provisão de côcos e de queijos, unicos alimentos que podia obter em abundancia.



Tomadas estas medidas de precaução, Robinson voltou ao trabalho da sua canôa, exercendo sempre boa vigilancia, para não ser sorprendido repentinamente.

Passaram-se dous annos sem que incidente algum desagradavel viesse interromper-lhe a vida regular.

Ao cabo deste tempo, estando uma manhã a lidar com a canôa, viu a alguma distancia erguer-se uma columna de fumo.

Susto e curiosidade o levaram ao alto do seu outeiro, donde com espanto descobriu na praia cinco embarcações e trinta indios

mais ou menos, que, á roda d'uma grande fogueira, executavam uma dansa selvagem.

Embora preparado ha annos para semelhante espectaculo, o nosso amigo esteve a ponto de cahir outra vez victima do terror. Animou-se, pórem, e correu á caverna a armar-se completamente, resolvido a defender-se até o ultimo momento da vida.

Implorou o auxilio de Deus, e voltou para um ponto bastante elevado, para poder observar bem os movimentos dos selvagens sem correr risco de ser descoberto.

Com indignação irada, viu trazer dous infelizes das canôas para perto da fogueira.

Desconfiou logo que serião immolados, e bem depressa teve a prova de que não se havia enganado. Alguns dos antropophagos derrubaram uma das victimas, para mata-la e prepara-la para o banquete horrendo, em quanto que a outra de pé presenciava este espectaculo abominavel.

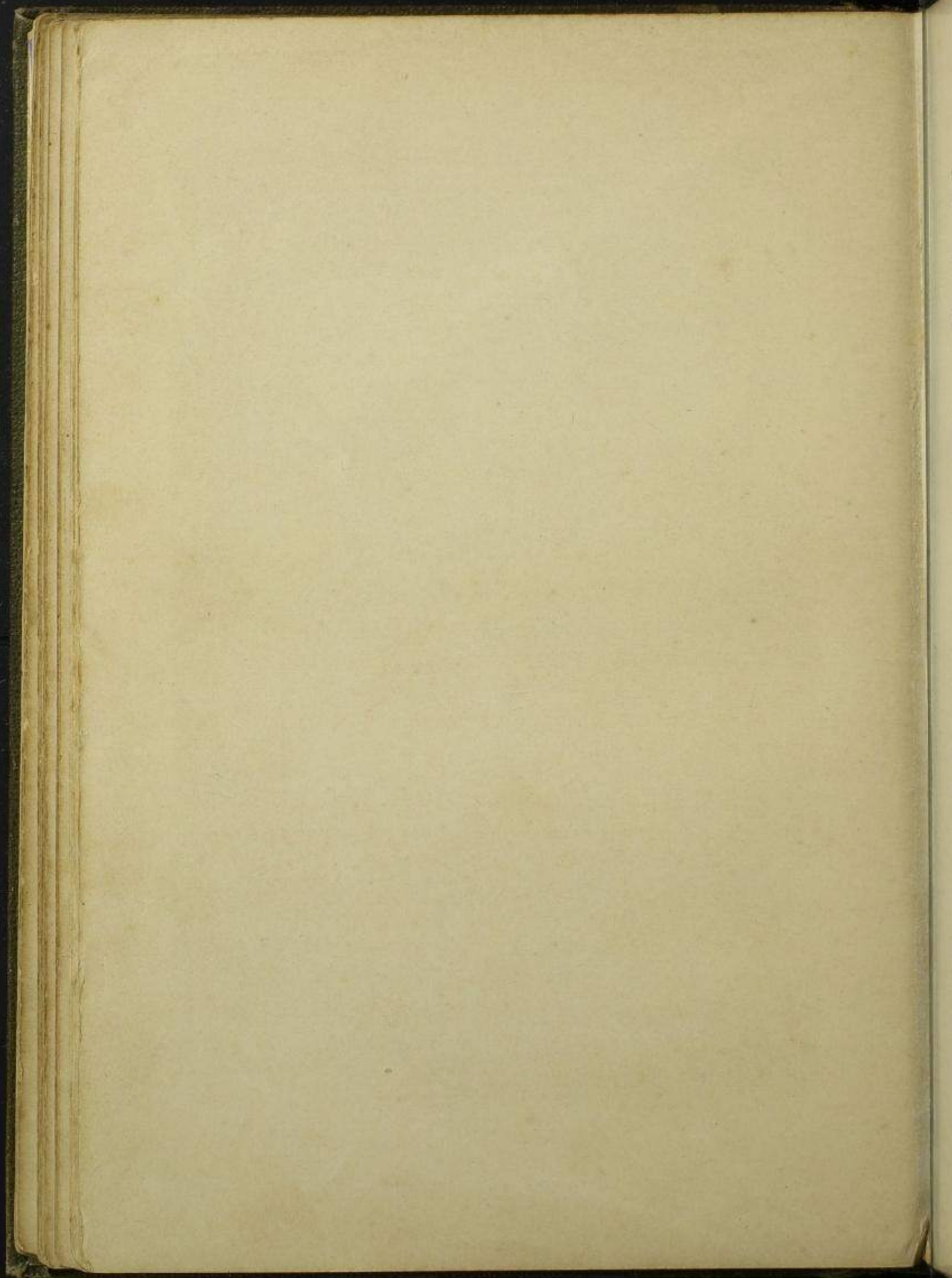
De repente, porém, este preso, aproveitando a preocupação dos algozes, deitou a fugir correndo com incrível velocidade em direcção á habitação de Robinson.

Alegria, esperança, medo e espanto apoderaram-se do nosso amigo, fazendo-o corar e empallidecer alternativamente: alegria e esperança, por vêr que o fugitivo corria mais rapidamente que os indios que o perseguiam; medo e espanto, porque todos se acercavam velozmente do seu terreiro.

Chegado a um braço de mar, o fugitivo deitou-se á agua, cortando as ondas nadando com immensa rapidez; dous dos seus perseguidores imitaram-lhe o exemplo, em quanto que os outros voltaram para o ponto de reunião.

Robinson viu, com grande satisfação, que os algozes nadavam com pericia muito menor que a sua victima; esta corria já para o lado do nosso amigo, quando os outros apenas tinham vencido metade do braço de mar.





Julgou Robinson chegado o momento de intervir. Com rara coragem agarrou a sua lança, desceu correndo o outeiro, e collocou-se entre o perseguido e os seus inimigos.

— Alto lá! — exclamou com voz animada e vibrante, saltando para fóra das brenhas; — alto lá!

O pobre fugitivo olhou para trás, e espantou-se ao aspecto de Robinson, todo coberto de pelles, tomando-o provavelmente por algum ser sobrenatural.

Robinson, com gestos carinhosos, deu-lhe a entender que vinha protege-lo, avançando ao mesmo tempo para o lado dos perseguidores.

Chegado á proximidade conveniente, derrubou com a sua lança o primeiro dos dous indios que se havia adiantado uns cem passos do companheiro. Este ultimo lançou mão do seu arco, e atirou uma flecha contra Robinson; embora, porém, o alcançasse no peito, o projectil resvalou na couraça de couro; o nosso heroe não deu tempo para a segunda flechada; correu sobre o adversario, e o atravessou com a sua lança. Só então voltou-se para o fugitivo, que tão denodadamente acabava de salvar.

Este ainda estava parado no mesmo lugar em que ouvira o grito de Robinson, e não sabia se devia fugir ou agradecer a intervenção do seu salvador.

O vencedor lhe fez signal que se acercasse; obedeceu, parando de quando em quando, assustado e desconfiado; renovou-lhe Robinson os ademanes de benevolencia, tirando ao mesmo tempo a mascara de couro.

Então o protegido chegou-se perto do moço, ajoelhou-se, e apresentou a nuca ao pé do seu protector, querendo provavelmente assim declarar-se seu escravo.

O nosso heroe, porem, que queria ter um amigo e não um escravo, ergueu-o carinhosamente, e deu-lhe a entender que delle só devia esperar um tratamento amistoso.

Entretanto, o indio que havia recebido um lançasso no ventre, tornou a si, arrancando punhados de capim para tapar a ferida.

O companheiro de Robinson, vendo isto, proferiu algumas palavras que o nosso amigo não entendeu, mas que lhe parecêram musica divina, por serem as primeiras que de boca humana ouvira na sua ilha.

Com gestos animados o indio pediu o machado de pedra, e Robinson, apesar da repugnancia que tinha de derramar sangue, reconhecendo a triste necessidade em que se achavam, deu a arma, com a qual n'um instante o fugitivo matou o seu adversario.

Recolhêram os arcos e as flechas dos mortos e, como medida de precaução, sepultaram os cadaveres na areia, para substrahi-los ás vistas dos outros selvagens, que sem duvida alguma viriam procurar os seus companheiros. Em seguida os dous vencedores dirigiram-se á habitação de Robinson.

Não era muito lisongeira a sua situação. Erão numerosos os inimigos, e podiam descobrir a fortaleza e toma-la de assalto. Era mister, pois, preparar-se para tal caso.

Chegado ao terreiro, onde o indio contemplava tudo com vistas espantadas, como faria um simples aldeão ao penetrar pela primeira vez n'um palacio, Robinson deu a entender ao seu companheiro o que receiava, assim como a resolução de defender-se até o ultimo momento da vida. O indio mostrou haver comprehendido, brandindo com gestos ferozes o machado em direcção ao inimigo como se quizesse desafia-lo.

Robinson deu-lhe um arco, flechas e uma lança, e collocou-o como sentinella n'uma das vigias do recinto, occupando elle mesmo outro lugar identico.

Depois d'uma hora de espera anciosa, ouviram de longe formidavel gritaria, que vinha pouco a pouco se approximando. Robinson e seu companheiro armaram os seus arcos, resolvidos a derrubar o primeiro dos selvagens que sahisse das brenhas; em vão, porém, esperaram até o cahir da tarde.

Os gritos que repentinamente haviam cessado, não se fizeram ouvir mais, indicando que os selvagens, cansados de procurar

debalde, se haviam embarcado para a sua ilha. Effectivamente, subindo Robinson ao alto do seu outeiro, viu que as embarcações haviam desaparecido; e tratou então da refeição, de que bastante precisavam, elle e o seu protegido, a quem deu o nome de Sexta-feira, por have-lo libertado neste dia.

Era Sexta-feira um indio de boa presença, e que podia contar vinte annos; pelle côr de cobre, cabello negro e corrido, nariz curto, mas bem formado, labios delgados e dentes alvissimos, em summa, um typo interessante e sympathico. Trazia nas orelhas e no alto da cabeça adornos de pennas e conchas, o que aliás perfazia a sua unica vestimenta.

Robinson tratou logo de vesti-lo com pelles de lhama; em seguida o convidou a participar da ceia, sentado ao seu lado.

Sexta-feira prostrou-se novamente aos pés de seu bemfeitor em signal de submissão, e Robinson, apezar de sentir grande vontade de abraçar o seu novo amigo, aceitou a homenagem, como medida de precaução: não conhecia ainda o character de Sexta-feira, e convinha, portanto, mante-lo por algum tempo n'uma certa distancia, e não trata-lo de igual a igual, mas sim como de rei a subdito. Lembrando-se que muitos indios empregam a palavra de *Cacique* para designar o soberano, lançou mão deste titulo para indicar a sua soberania, e foi effectivamente bem comprehendido pelo joven selvagem, que renovou os seus gestos de submissão, agarrando em seguida a lança, cuja ponta encostou ao peito, entregando a haste a Robinson, declarando deste modo que a sua vida estava



nas mãos do seu senhor. Depois desta cerimonia, passaram os dous a comer a ceia frugal.

Para pernoitar Robinson indicou a Sexta-feira a adega, pois que por ora não o queria admittir ainda na gruta, e muito menos dar-lhe a conhecer a galeria secreta, que conduzia ao exterior. Uma boa camada de capim secco serviria de cama.

Antes de se deitarem, porém, Robinson ordenhou as lhamas em presença de Sexta-feira, e este ficou extasiado quando pela vez primeira provou o leite fresco e delicioso.

Cansados, finalmente, de todas as fadigas e emoções do dia, procuraram as suas camas, agradecendo Robinson ardentemente a Deus o beneficio de lhe ter dado um companheiro.

CAPITULO X.

Sexta-feira faz fogo. — Refeição deliciosa. — Reflexões de Robinson.

A primeira cousa que Robinson empreendeu com o seu companheiro no dia seguinte, foi uma excursão ao lugar onde os selvagens haviam tido o seu banquete abominavel.

Passando pelo sitio das sepulturas dos dous vencidos, Sexta-feira mostrou desejos de desenterrar os cadaveres para come-los.

Grandemente indignado, Robinson deu-lhe a entender a sua colera, brandindo a lança e fazendo gestos de abominação. Sexta-feira sujeitou-se silenciosamente, posto que não devesse comprehender por que a acção de devorar os inimigos causava tanto horror ao seu soberano.

Chegados ao ponto do banquete, encontraram espalhados no chão, tinto de sangue, ossos e pedaços de carne humana. Robinson ordenou a Sexta-feira que juntasse estes tristes restos e os enterrasse na areia.

Em quanto o indio obedecia, o nosso amigo procurou cuidadosamente nas cinzas para ver se descobria ainda alguma braza accessa; mas o fogo estava completamente apagado, resultado que entristeceu Robinson tão profundamente, que no rosto se lhe transluziu eloquentemente a tristeza.

De repente Sexta-feira, que o havia observado attentamente, agarrou o machado, e correu para o matto.

Estranhou Robinson muito este procedimento, aliás suspeito; seria Sexta-feira tão ingrato que fugisse, privando-o ainda em cima de sua arma favorita?

Mas não teve tempo de entregar-se a tristes pensamentos. Ao cabo d'um momento Sexta-feira voltou correndo, agitando no ar um feixe de capim secco, do qual sahia fumaça e pouco depois uma chamma viva. Juntando rapidamente páos seccos, em breve o indio preparou grande fogueira, que ardia em labareda, mostrando assim haver comprehendido perfeitamente os desejos secretos de seu bemfeitor.

Grande foi o contentamento de Robinson; tão grande, que abraçou Sexta-feira com effusão, pedindo-lhe mentalmente perdão por have' suspeitado d'elle um momento.

Sexta-feira havia obtido fogo á moda dos indios, esfregando um no outro dous páos de dureza desigual; expediente pelo qual essa gente primitiva sabe dispensar os nossos meios de produzir fogo.

Robinson deliciava as vistas nas chammas crepitantes: via voltar com este elemento o bem estar e os meios de proceder a varios trabalhos. Levando um tição acceso, correu para a sua habitação, onde accendeu fogo na cozinha, deitando logo algumas batatas a assar.

Em seguida matou um cabrito, e pôz um quarto ao espeto, indicando a Sexta-feira como devia virar a carne para que assasse por igual. Depois, lançou mão de uma das suas panellas, deitou-lhe agua, um bom pedaço de carne, algumas batatas descascadas, um punhado de milho triturado, um pouco de sal, e pôz a panella ao fogo.

Sexta-feira havia seguido todos estes preparativos com olhos espantados; tudo era novo para elle; não comprehendia o alcance do que via.

Emquanto que Robinson havia entrado no seu celleiro em busca de fruta-pão, com a qual se lembrára fazer uma experiencia, a agua principiou a ferver na panella. Sexta-feira, ouvindo o chiar e vendo as bolhas da agua em ebullicão, pensou que algum animal damninho se havia introduzido na panella; depressa mergulhou a mão para apanhar o bicho, mas tambem com igual pressa a retirou, lançando gritos desesperados e saltando loucamente pelo terreiro.

Assustadissimo acudiu Robinson, não podendo no primeiro momento atinar com a causa dos gritos de seu amigo. Por fim comprehendeu por signaes o que havia acontecido.

Custou-lhe muito tranquillizar Sexta-feira, que gritava mais ainda de susto do que de dôr, vendo naquella panella um verdadeiro feitiço, como a maior parte da gente ignorante quando se vê em presença d'um phenomeno que não comprehende. Nunca havia visto ferver agua; não conhecia por conseguinte o effeito da agua quente na pelle do corpo, attribuindo a sensação dolorosa á influencia sobrenatural. Em Robinson mesmo via agora um ser extraordinario, convicção robustecida pela côr branca do moço, pela barba, pelo mesmo vestuario, e contemplava-o com redobrado respeito e grande veneração.

Voltou em silencio a virar o assado, mas a panella ominosa só lhe merecia olhares desconfiados.



Estando prompta a sopa, Robinson encheu duas tigelas, offerecendo uma a Sexta-feira. Este, porém, a repelliu respeitosamente, e viu mesmo com horror o seu soberano sorver com delicias o caldo fumegante. Aceitou, entretanto, um pedaço de assado e algumas batatas, alimento que bastante lhe agradou.

E escusado descrever o bem estar que sentiu Robinson ao tomar novamente comida feita ao fogo; sabemos quão dura lhe havia sido a privação della. Tão grande foi agora a satisfação, que se esqueceu de todas as miserias passadas, e agradeceu fervorosamente á Providencia este novo beneficio.

Depois da refeição, deitou-se a reflectir. Toda a sua situação havia tomado feição mais favoravel. Já não era solitaria a sua vida; tinha um companheiro, com o qual ainda não podia conversar intimamente, mas cuja presença já lhe servia de consolação e de auxilio; readquirira o fogo, e possuia alimentos abundantes e agradaveis. Podia, pois, levar uma existencia folgada e alegre.

Mas, sobreveiu-lhe á mente: se perdesse outra vez o fogo? Se Sexta-feira viesse a morrer? Se a vida opulenta lhe diminuise a energia, de modo que não pudesse resistir, caso recahisse na penuria?

Um calefrio lhe correu pelo corpo, quando estes pensamentos o assaltaram. Reflectindo, porém, mais maduramente, indagou das causas de sua vida exemplar. A grande actividade e a sobriedade no seu regimen de alimentação haviam sido os elementos salutaes de sua rehabilitação, e resolveu firmemente não se afastar um só momento da linha de conducta observada até então.

Com esta resolução voltou-lhe a tranquillidade de animo, e sentiu a satisfação que sempre assiste á alma bem temperada, quando da um passo para a perfeição. E para que nunca, n'um momento de debilidade, pudesse esquecer-se dos bons propositos, abriu com o seu machado no fundo de sua gruta as palavras confortativas: *Actividade e sobriedade.*

CAPITULO XI.

Robinson fortifica a sua habitação. — Estação das chuvas. — Trabalhos domesticos. — Robinson ensina a Sexta-feira a religião christã.

A situação de Robinson era agora mais feliz que em qualquer outra epoca desde a sua chegada á ilha. Só lhe restava uma grande preocupação. Não voltariam os selvagens em procura dos seus companheiros? Estremecia com o pensamento de ter que derramar novamente sangue humano em sua defesa. Mas esta mesma defesa aconselhava certas medidas, que, com o accrescimo dos braços de Sexta-feira, podia pôr em pratica. Assim, resolveu fortificar em regra a sua habitação, correndo por fóra das arvores que fechavam o recinto uma valla larga e profunda, para a qual conduziria as aguas de sua fonte, fazendo ao mesmo tempo passar um braço do canal pelo terreiro, afim de poder contar sempre com boa provisão de agua potavel. Para maior segurança ainda guardaria a valla de forte estacada.

Feito o projecto, passou com afinco á sua execução; empreza verdadeiramente heroica, em face dos utensilios rudimentares de que dispunham os nossos jovens engenheiros. Devia ter a valla quatro metros de largura, sobre tres de fundo e oitenta ou cem de comprimento, sem contar o canal de dimensões não menores. Tudo

isto, porém, não desanimou Robinson, que já sabia o que se póde conseguir á força de pertinacia e trabalho.

Sexta-feira recolheu na praia conchas e pedras, com as quaes se fabricaram pás e picaretas, e principiou-se o trabalho pesadissimo, no qual os dous moços gastavam diariamente todas as horas não exigidas pelos misteres domesticos indispensaveis. Podiam aliás trabalhar com todo o socego, porquanto durante dous mezes a fio soprou um vento que impossibilitava a chegada dos selvagens, e punha os dous amigos a coberto de um assalto.

Emquanto lidavam, Robinson se esforçava em ensinar o seu idioma a Sexta-feira, procedendo de um modo muito apropriado: mostrava-lhe um objecto, pronunciando claramente a sua denominação. Em poucos mezes teve o prazer indizível de poder conversar com

o seu discipulo intelligente e muito attento, que assim, de simples companheiro, se elevava a verdadeiro amigo.

Sexta-feira revelou de dia em dia sempre mais um character affavel, docil, repassado de gratidão e carinho; de modo que Robinson o admittiu a morar com elle na gruta, sanctuario de sua fortaleza.



Ao cabo de quatro mezes estavam terminados os trabalhos de fortificação, e Robinson já podia encarar com mais calma um ataque fortuito dos canibaes. Antes que algum dos selvagens pudesse transpôr a valla e escalar a estacada, facil seria inutiliza-lo com as flechas ou com as lanças compridas.

Um dia que os dous moços se achavam no alto do outeiro, Sexta-feira contemplou largamente o mar na direcção em que appareciam ao longe uns pontos escuros.

De repente, o joven indio principiou a saltar de alegria, e exclamou:

— Muito contente, muito contente. Ali estar patria minha. Lá viver a minha gente!

Revelavam os seus gestos e o brilho dos seus olhos grande amor á patria, e conjunctamente o desejo de tornar a ver os seus.

Apezar de achar muito legitimos estes sentimentos, não folgou Robinson muito com a descoberta. Receiando que algum dia a nostalgia pudesse levar Sexta-feira a abandona-lo, quiz pô-lo á prova.

— Desejarias muito, — perguntou elle, — voltar ao seio de tua familia?

— Ah! de certo; muito feliz seria se pudesse tornar a vê-los.

— Para comer com elles carne humana?

Sexta-feira entristeceu visivelmente.

— Oh, não! — respondeu; — mostraria ser muito feio isto; ensinaria a comer leite e carne de lhamas, mas não de gente.

— E se elles mesmos te comessem?

— Não fariam isso.

— Mas se comem carne humana!

— Só a carne dos seus inimigos.

— E saberias fazer uma canôa para voltar nella á tua terra?

— Nada mais facil.

— Pois, então, amigo, faze uma embarcação, e vai-te embora.

Sexta-feira olhou tristemente para o chão.

— Que tens? perguntou Robinson.

— Estou triste, porque meu senhor está zangado commigo.

— Zangado? Porque?

— Porque quer mandar-me embora.

— Mas se tu desejas partir?

— Sim, mas não sem o meu senhor.

— A mim os teus considerariam inimigo, e me comeriam.

Parte, pois, sózinho.

Sexta-feira, ao ouvir estas palavras, agarrou o machado, entregou-o a Robinson, e curvou a cabeça.

— Que queres que faça?

— Matar-me. Antes morto do que enxotado!

Ao dizer isto, lagrimas abundantes lhe brotaram dos olhos.

Robinson, profundamente commovido por esta affeição, o abraçou e disse:

— Não tenhas susto, meu caro Sexta-feira; não desejo ver-me separado de ti, porque muito te quero; o que disse foi para ver se tu me pagas na mesma moeda.

E tambem Robinson sentiu os olhos humedecidos por lagrimas de contentamento.

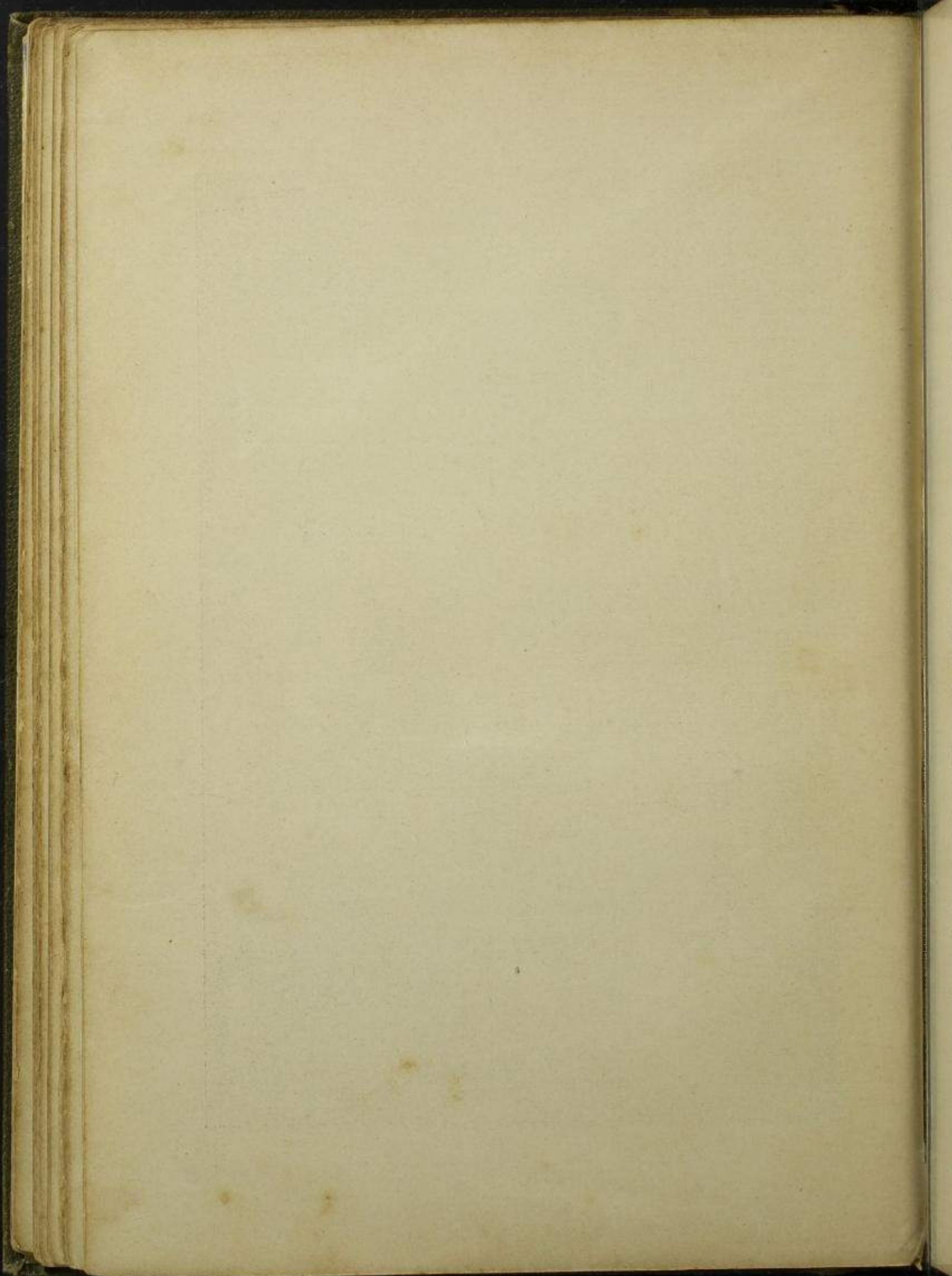
A asserção, porém, de Sexta-feira, de que sabia construir canôas, encheu de jubilo o nosso amigo. Levou-o ao seu estaleiro, e mostrou-lhe o trabalho, que tantas penas lhe havia custado, e ainda assim mesmo estava tão incompleto.

Sexta-feira, ao ver o tronco, sacudiu a cabeça, e disse sorrindo-se:

— O fogo trabalha muito mais depressa. E explicou-lhe como os indios desbastam a madeira por meio deste elemento.

Robinson em pensamento já via prompta a embarcação e singrando as ondas do mar, em procura d'um paiz civilizado. Resolveu principiar já no dia seguinte os trabalhos sob a direcção de Sexta-feira; mas com o romper do dia apontou a estação das chuvas, e assim o nosso amigo teve de moderar o seu enthusiasmo





e adiar a construcção da canôa, porque a violencia desta estação não permittia trabalhar ao ar livre. Por isto os dous moços tiveram de reduzir a sua actividade a certos labores que podiam executar em casa.

Que differença notavel entre o tempo das ultimas chuvas e a estação actual! Robinson tinha um companheiro, com quem podia trocar idéas, fogo e luz para alegrar os longos serões, em lugar de estar entregue á escuridão, ao frio e ao aborrecimento da solidão.

Ambos os moços augmentaram o numero dos seus conhecimentos.

Sexta-feira mostrava a Robinson certas manipulações, com as quaes os selvagens sabem mitigar a sua penuria; emquanto que Robinson ensinava a Sexta-feira muitas cousas, das quaes os indios nem têm noção.

Entre outras cousas Sexta-feira sabia tecer esteiras com as fibras da embira, tão delicadas e flexiveis, que perfeitamente podiam ser applicadas na confecção de trajos. Foi um grande allivio para Robinson substituir por este tecido no seu vestuario as grosseiras pelles de lhama.

Com as fibras que envolvem a noz do côco, e d'uma outra planta chamada piassava, Sexta-feira fabricava barbante e cordas muito mais fortes que as que seu amigo sabia torcer, e com estas cordas tecia excellentes redes de pescar, habilidade que Robinson de pressa aprendeu.

Durante os trabalhos caseiros o nosso amigo tratava de cultivar o espirito do seu companheiro, tanto quanto os seus proprios conhecimentos escassos o permittiam.

— Sabes, amigo Sexta-feira, quem creou o céo, a terra, o mar, os animaes e os homens?

— Sei muito bem: foi Tupan.

— Quem é Tupan?

— O productor do trovão.

— E quem é este productor?

— Um homem velho, muito velho, que vive mais que todas as cousas, e que faz a trovoada. E mais velho que o sol, a lua e as estrellas, e todos o chamam por «Oh!»

— Os que morrem na tua patria vão ter a alguma parte?

— Vão ter com Tupan.

— Onde mora Tupan?

— Em altas montanhas, cujo cume se perde nas nuvens.

— Algum já o viu?

— Só os owokakees (sacerdotes) o vêem; dizem-lhe «Oh!» (adoram-no), e nos contam em seguida o que lhes disse.

— Trata bem aos mortos?

— Sim, quando venceram e comeram muitos inimigos.

Robinson, horrorizado com estas noções, aproveitava o tempo de reclusão para iniciar Sexta-feira nos dogmas do christianismo, mostrando-lhe a superioridade e excellencia das suas doutrinas de amor e caridade. O discipulo mostrou-se attento e avido de augmentar os seus conhecimentos. Agradecia á Providencia o facto de have-lo deixado cahir em poder dos inimigos, sem o qual nunca teria encontrado Robinson, nem chegado a conhecer e adorar o supremo director do universo. Acompanhava o seu amigo nas suas orações, e com elle aprendeu a orar até pelos inimigos. Assim a estação chuvosa não só havia servido para purificar o ar, mas ainda o coração do nosso sympathico selvagem.

CAPITULO XII.

Conclusão da barca e viagem infeliz.

Com a volta do bom tempo os dous moços entregaram-se assiduamente á construcção da barca.

Progredia o trabalho tão rapidamente, que Robinson deplorou não se haver lembrado do auxilio do fogo; consolou-se, porém, porque ainda que tivesse tido essa lembrança, não a poderia ter aproveitado, por haver ficado sem fogo. Em menos de dous mezes estava prompta a canôa, faltando tão sómente as velas e os remos. Robinson encarregou-se da promptificação destes, emquanto que Sexta-feira fazia aquellas com esteiras nitidamente trançadas.

Como o estaleiro ficava a alguma distancia da praia, e a canôa fôsse demasiadamente pesada para ser transportada a braços, Robinson empregou a alavanca, que já lhe havia servido para desentulhar a sua caverna. Mas mesmo assim a conducção se fazia extremamente demorada. Lembrou-se então Robinson de ter visto em sua patria transportar grandes vigas pesadas postas em cylindros de páo, que funcionavam como rodas; applicando este systema á canôa, teve o prazer de vêr deslizar esta, rapida e facilmente, para o mar, balouçando-se em breve graciosamente nas ondas.

Para partir bastava erguer o mastro, desfraldar a vela, collocar os remos, e embarcar mantimento e agua.

Mas partir em que direcção? Esta era a questão de difficil solução.

Sexta-feira desejava naturalmente navegar para a sua ilha, para a qual conhecia perfeitamente a derrota; Robinson, pelo contrario, tinha em vista a terra firme, que podia distar muitos centenaes de leguas, e cuja situação nenhum dos dous moços sabia ao certo. Comtudo venceu Robinson as objecções do seu companheiro, e foi resolvido, que no dia seguinte partiriam no rumo que, segundo as supposições de Sexta-feira, devia conduzir ao continente.

Ao romper do dia Robinson despachou o seu amigo para a canôa, enquanto elle mesmo se deteve um momento no alto do outeiro, donde podia abranger com a vista a parte da ilha por elle trabalhada. Ao contemplar todos estes objectos obtidos á custa de duras penas, todos esses lugares em que havia passado tantos annos de privações e de saudades, succumbiu ás emoções violentas que essas reminiscencias lhe despertavam, e derramou lagrimas copiosas.

Seus fieis lhamas pareciam acaricia-lo de longe, e pouco faltou para que renunciasse á projectada partida. Por fim reanimou-se; estendeu os braços como se quizesse abranger tudo em um amplexo de despedida, e encaminhou-se resolutamente para a praia. O seu papagaio, porém, o seguiu, sentou-se-lhe no hombro, e Robinson resolveu-se a leva-lo.

Foi na manhã de 30 de Novembro, nove annos depois do naufragio, que o nosso amigo embarcou-se com Sexta-feira, com bom tempo e vento á feição. A mil passos mais ou menos da praia, tiveram de navegar com grande cautela por causa dos cachopos em que terminava uma ponta da ilha. Para evitar o perigo puzeram a barca mais ao largo; apenas, porém, haviam dobrado a ponta extrema dos cachopos, principiou a barquinha a correr, como se fôsse impellida por tremendo vendaval. Colheram rapidamente a vela, mas a carreira vertiginosa continuou com a mesma intensidade. Achavam-se no meio d'uma corrente de mar impetuossissima.

Os nossos dous marinheiros fizeram esforços heroicos com os remos, para fugir da corrente; foi, porém, em vão! Ao cabo de poucos momentos já haviam perdido de vista as terras baixas da ilha, e, nesse andar, bem depressa deviam desaparecer as mais altas montanhas. Se mesmo dominassem então a correnteza, nem sequer sa-

beriam voltar á ilha, porque não tinham bussola para determinar o rumo. Qual seria a sua sorte, no meio do oceano, com mantimentos apenas para alguns dias?

A fé de Robinson se havia, entretanto, tão bem ro-

dever delles empregar todos os seus esforços para não serem vencidos. E Sexta-feira, convencido pelas palavras animadoras de Robinson, redobrou de energia no manejo dos remos.

A barca, entretanto, continuava a sua carreira veloz; da ilha já não havia vestigio e tudo parecia perdido.

Eis que de repente a canôa principiou a navegar com menor velocidade, e as aguas se apresentavam menos turvas, que até



bustecido, que não perdeu a esperança em Deus. Exhortou o seu companheiro a cobrar animo para que não desanimasse, fazendo-lhe ver que no mar, como em terra, estavam debaixo da protecção divina; mas que era

então. Interrogando com os olhos a superficie do mar, Robinson comprehendeu que a corrente se havia dividido em dous braços, dos quaes o mais impetuoso seguia para o norte, emquanto que o outro, mais fraco, e no qual agora navegavam, fazia uma curva voltando para o sul.

— Estamos salvos, graças a Deus! — exclamou elle, explicando a Sexta-feira o alcance da obervação que acabava de fazer.

Cheios de alegria os dous moços pegaram de novo nos remos, e trabalharam com afinco, aproveitando o vento que se lhes havia tornado favoravel. Em pouco tempo tiveram a ventura de ver-se fóra da correnteza e em aguas mansas, onde não era difficil governar a canôa.

Sexta-feira principiou a chorar de alegria, e quiz abraçar o seu companheiro; Robinson, porém, lhe significou que era mais prudente deixar estas demonstrações jubilosas para mais tarde, visto que ainda muito lhes restava a fazer para chegar á ilha que mal distinguiam no horizonte como um pontinho negro.

E com effeito, a batalha ainda não estava ganha.

É certo que á força de remos haviam vencido boa distancia; já se destacavam em seus contornos as altas montanhas; mas de repente a barca soffreu um choque violento, e parou principiando ao mesmo tempo as ondas do mar a passar por cima do bordo da fragil embarcação.

Robinson sondou com o remo, e achando pouco fundo, saltou á agua, convidando Sexta-feira a segui-lo, para safar a canôa, felizmente só encalhada n'um banco de areia, que não lhe havia feito avarias.

Com grandes esforços conseguiram pôr a nado o seu esquife; saltaram a bordo, e esgotaram com as mãos a agua, que havia penetrado no interior. Em seguida costearam o banco durante muitas horas, passando por entre recifes, que pareciam assignalar a Robinson o lugar onde naufragára a *Gaiivota*, até que finalmente alcançaram aguas profundas e de facil navegação.

Quando os ultimos raios do sol tingiam os altos cumes das montanhas, os nossos amigos tocaram á praia, exhaustos de forças, mas muito alegres por haverem escapado ao naufragio.

Durante todo o dia não haviam tomado o menor alimento; assim na praia mesmo atiraram-se aos mantimentos, e fizeram uma bella refeição. Abrigando em seguida a barca em uma pequena enseada, encaminharam-se para a sua habitação, onde chegaram com noite fechada, procurando novamente no somno a restauração de que tanto precisavam, depois deste dia tão agitado e tão memoravel.

CAPITULO XIII.

Naufragio.

No dia seguinte, quando os dous moços estavam no almoço, Robinson perguntou:

— Não terias vontade, Sexta-feira, de fazer outra viagem commigo como a de hontem?

— De modo algum.

— Então estás resolvido a passar o resto dos teus dias nesta ilha?

— De certo. Só desejaria que meu pai estivesse aqui.

— Teu pai ainda vive?

— Se não morreu durante a minha ausencia.

Ao dizer isto Sexta-feira pôz para um lado a batata que ia levar á boca, e duas grossas lagrimas se lhe deslizaram pelas faces. Robinson, por sua vez, lembrou-se de seus pais, e sentiu humedecerem-se-lhe os olhos. Depois d'um silencio de alguns minutos, Robinson disse:

— Socega, Sexta-feira. Teu pai ainda ha de estar vivo, e se Deus quizer, um dia destes iremos busca-lo.

Esta noticia transportou Sexta-feira de alegria. Com gritos jubilosos levantou-se, e foi abraçar os joelhos de Robinson.

Passada a primeira effusão, Robinson perguntou a Sexta-feira se conhecia bem a direcção para a sua ilha, afim de evitar trans-tornos como os que haviam soffrido no dia anterior. Sexta-feira affiançou que de noite escura acharia o caminho; porque muitas vezes havia tomado parte nas excursões de seus compatriotas, quando vinham celebrar as suas festas triumphaes.

— Presenciaste, pois, a matança dos vencidos?

— Muitas vezes.

— E ajudaste a come-los?

— Infelizmente, sim. Não sabia então que era acção reprovada.

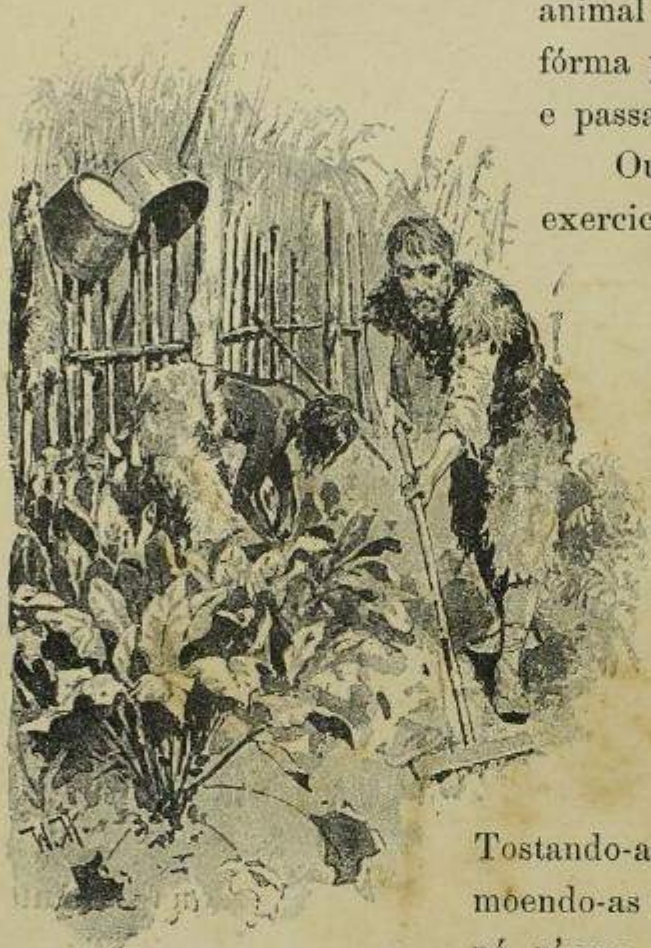
— Em que ponto da nossa ilha costumavam aportar?

— Na praia meridional, que ficava mais perto, e tem abundancia de coqueiros.

Comprehendeu Robinson que para elle havia sido felicidade naufragar na parte septentrional da ilha e não na do Sul, onde facilmente teria cahido no poder dos selvagens. Significou a Sexta-feira que iriam buscar o pai deste, logo que estivessem concluidos os trabalhos da horta, para os quaes era epoca propicia. Fôram emprehendidos sem demora estes labores, e nas horas de descanso os dous moços tratavam de augmentar e melhorar os seus utensilios. Robinson fabricou com muita paciencia um ancinho, que bastante trabalho lhe deu, visto que tinha de abrir com uma pedra ponteguda os alveolos para os dentes. Sexta-feira talhou com a faca de pedra duas pás de um páo tão duro, que quasi igualava o ferro em resistencia.

Seguro do necessario, Robinson tratou de aformosear a sua propriedade. Dividiu a sua horta em alegretes regulares, nivelou os caminhos, construiu caramanchões e ruas sombreadas, e destinou uma parte para pomar, outra para horta e uma terceira para vergel. No pomar plantou todos os limoeiros novos que encontrára na ilha, e muitas outras arvores fructiferas, que melhorou com enxertos. Na horta plantou grande extensão com batatas e milho, e tudo medrou maravilhosamente, graças á uberidade do solo. Com

as redes feitas por Sexta-feira pescavam frequentemente, limitando-se, porém, ao numero de peixes de que precisavam; aos demais restituíam a liberdade, porque repugnava a Robinson matar um animal sem precisão. Da mesma fórma procediam na caça de lhamas e passaros.



Outras vezes se deleitavam no exercicio das armas ou de natação, e Robinson teve occasião de admirar a grande habilitade de Sexta-feira, que de altos penhascos se atirava ao mar, permanecendo minutos mergulhado nas ondas.

No afan de procurar a utilidade de todas as cousas, Robinson descobriu o prestimo das favas de cacáo.

Tostando-as como se faz com o café, moendo-as entre duas pedras, deitou o pó n'uma tijela com leite, que pôz ao fogo. Depois de fervida esta sopa mostrou-se de sabor agradável, lembrando a Robinson o chocolate que costumava tomar em casa de seus pais; só faltava o assucar, mas Robinson não duvidava encontrar tambem este ingrediente tão util.

Por fim acharam-se terminados os trabalhos propostos, e nada mais se oppunha á partida em busca do pai de Sexta-feira.

Entretanto Robinson principiava a alimentar os seus receios. Se os compatriotas de Sexta-feira o considerassem inimigo, e o devorassem apezar das asserções do seu amigo?

Sexta-feira combatia estes temores, e respondia com a propria vida pela segurança de Robinson; este cedeu ás instancias do com-

panheiro, e a viagem foi marcada para o dia seguinte. Puzeram o bote a nado, prendendo-o n'uma estaca, e prepararam alguns mantimentos destinados a pô-los, pelo menos por oito dias, ao abrigo da fome. Nesta ocasião Sexta-feira ensinou a Robinson o modo de obter um assado delicioso. Cavou no chão um buraco de alguns



pés de profundidade, que encheu com camadas alternadas de lenha secca e pedras chatas. Accendeu o fogo, e sapecou nas chammas um cabrito recém-caçado. Em seguida pellou o animal completamente com uma concha, e tirou-lhe os intestinos. Achando-se a lenha reduzida a brazas e as pedras aquecidas, tirou tudo da cova quente como um forno, deixando só no fundo uma camada de pedras ardentes, que cobriu com folhas de coqueiro, nas quaes deitou o lhama, sobre o qual estendeu ainda folhas verdes e pedras candentes. Por fim entulhou completamente a cova com terra. Duas horas depois retirou o lhama do forno improvisado, e Robinson, provando o assado, teve de confessar que nunca comêra carne tão bem preparada, fazendo tenção de substituir d'ora em diante o espeto pelo forninho.

Uma hora mais o menos depois que os moços se haviam

deitado a dormir, Robinson foi despertado violentamente pelos estampidos d'uma trovoadá. Uivava o vendaval, e o trovão ribombava a metter medo.

— Estás ouvindo? perguntava Robinson a Sexta-feira, sacudindo-o.

— Ai de nós, se o tempo nos tivesse sorprendido no mar, respondeu Sexta-feira.

Mal havia dado esta resposta, quando ouviram um estampido semelhante a um tiro de peça.

Sexta-feira attribuiu naturalmente o ruido ao trovão; Robinson, porém, julgou firmemente haver distinguido um tiro de artilharia, e achou-se profundamente sobre-saltado.

Saltou da cama, convidando Sexta-feira a segui-lo, correu á cozinha, onde agarrou um tição, e subiu a escada de cordas.

Chegado ao alto do outeiro, Robinson fez uma fogueira, para dar signal aos navegantes, que podiam achar abrigo na ilha. Mas a chuva torrencial que então principiou a cahir, apagou immediatamente o fogo, antes que a labareda pudesse subir. Os dous moços tiveram de refugiar-se apressadamente á caverna.

A tempestade chegou ao auge. No meio dos trovões, Robinson, prestando uma attenção febril, julgou ainda varias vezes distinguir tiros de peça. Passou toda a noite em grande agitação, com o pensamento de que um navio se achava perto da ilha, um navio que o reconduziria á patria, caso escapasse ao perigo . . . , e nem sequer podia fazer outra cousa para salvar os nautas ameaçados senão pedir a Deus que os protegesse!

Ao romper do dia amainou o tempo, e os moços corrêram á praia, para ver se Robinson havia acertado em suas supposições.

A primeira cousa que descobriram foi bastante desagradavel, principalmente para o pobre Sexta-feira: a tormenta havia arrebatado o bote.

Houve-se Sexta-feira como uma criança, quando viu assim

destruída a esperança de ir ter com o seu pai; chorou, soluçou e torceu as mãos como se quizesse arranca-las.

Robinson, que nas suas profusas desgraças havia aprendido a condoer-se das desgraças alheias, tratou de consolar o seu amigo.

— Quem sabe, — dizia elle, — se não resultará algum bem desta perda; se a tempestade, que nos causou este prejuizo, não produziu beneficios a outros ou a nós mesmos?

— Bonitos beneficios — exclamou Sexta-feira com azedume; — arrebatou-nos o bote, que tanto trabalho nos havia custado. Onde estará o beneficio?

— Não o sabemos, por ora, mas não podemos e nem devemos perscrutar as vistas de Deus. Em todo o caso sabemos que as trovoadas limpam o ar, e talvez esta haja vindo para purificar a nossa ilha de miasmas que podessem nos ter sido funestos. Talvez mesmo o bote podia ter-nos conduzido a nossa perda.

Sexta-feira curvou-se ás observações do amigo, que o levaram a acatar resignadamente a Providencia. Robinson, entretanto, corria as vistas pelo mar a ver se descobria algum navio; porém, nada. Havia-se, pois, enganado, quando julgára ter ouvido tiros de canhão. Recolheu-se tristemente á sua casa, mas não achou a tranquillidade dos outros dias. Subiu ao outeiro para abraçar horizonte maior, mas foi em vão: só via a superficie do mar ainda levemente encrespada pelo vendaval. Havendo explorado assim inutilmente as ondas que banhavam a praia oriental de sua ilha, dirigiu-se a uma montanha bastante alta, de cujo cume pudesse avistar a parte occidental.

Quando chegou ao alto, esteve em risco de desmaiar de alegria.

Não se havia enganado: á boa distancia da praia balouçava-se um navio grande, cuja mastreação distinguia perfeitamente.

Quasi louco de alegria, correu á sua fortaleza, agarrou as suas armas, e gritou a Sexta-feira, que o contemplava attonito:

— Ei-los aqui! ei-los aqui finalmente! Vem depressa!



E partiu velozmente, seguido de Sexta-feira, que julgava que eram os selvagens que haviam chegado.

Quando alcançaram o ponto da praia fronteira ao navio, Robinson explicou a Sexta-feira a causa de sua agitação, mostrando-lhe a embarcação. Então foi grande também o espanto do joven indio, pois que as dimensões do navio para elle excediam o imaginavel.

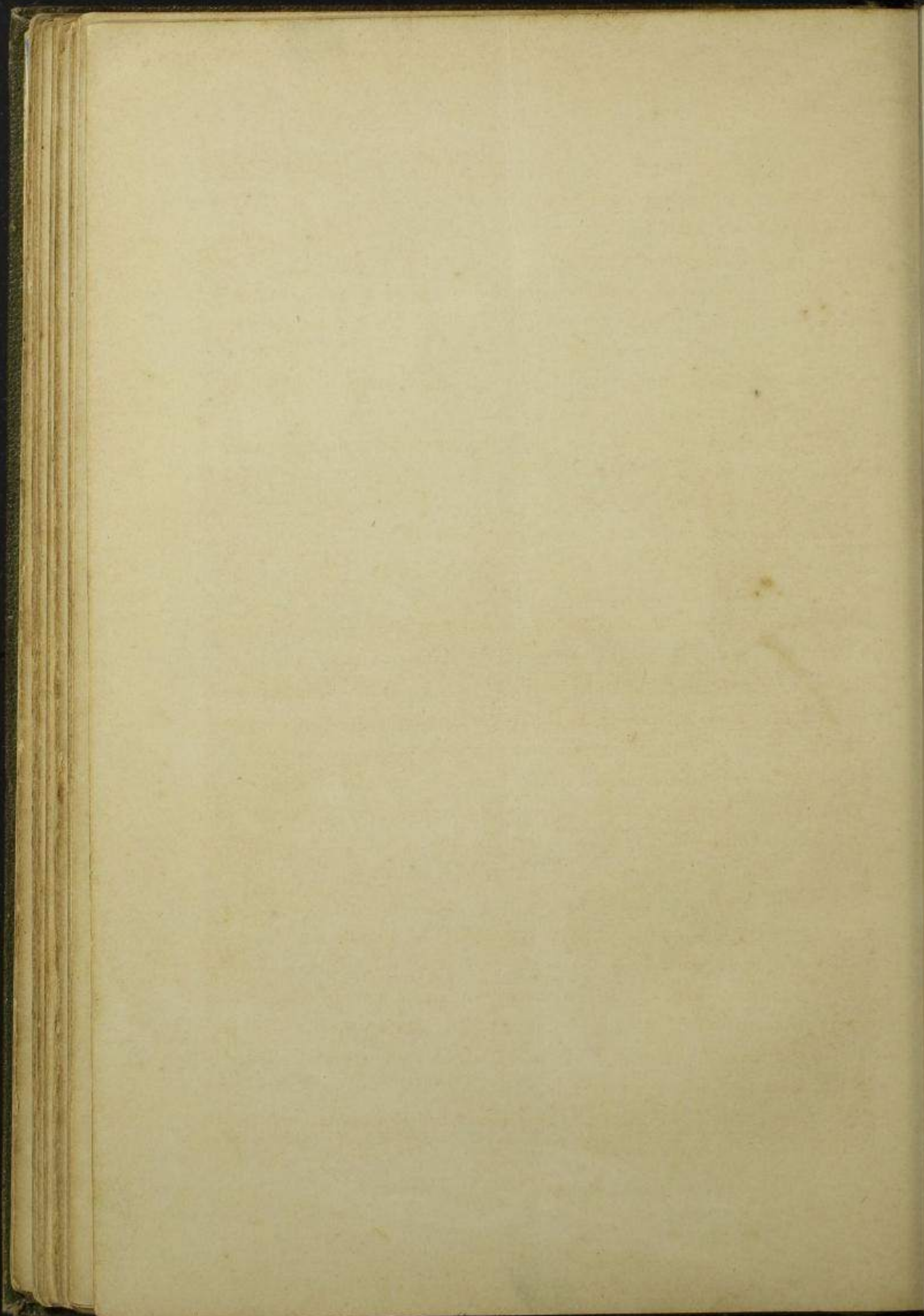
Robinson parecia haver enlouquecido. Saltava, ria-se, e abraçava Sexta-feira, e o exhortava que por sua vez se alegrasse.

— Agora vamos para a minha patria, para a casa dous meus pais! — exclamava cheio de jubilo. E lá que tu verás o que são casas, e como a gente vive rodeada de todos os commodos da existencia!

De repente, porém, lembrou-se que era insensato perder assim o tempo com vãs palavras. Urgia chamar a attenção dos tripulantes do navio, e como meio efficaz fizeram uma fogueira mesmo na praia.

Quando crepitaram as chammas, Robinson prendeu as vistas na embarcação, julgando cada instante ver descer um bote para vir á terra.





Mas nada se movia a bordo; o fogo ardeu uma hora inteira sem despertar a attenção dos navegantes.

Propôz-se Sexta-feira ir a nado até o navio e pedir ao commandante que viesse em soccorro dos habitantes da ilha.

Robinson abraçou o fiel companheiro, accitando a generosa offerta sem susto, porque conhecia a habilidade extraordinaria de Sexta-feira nos exercicios de natação.

Este despiu-se, tomou nos dentes um ramo verde como signal de intenções pacificas, e atirou-se ao mar.

Chegado perto do navio, nadou em redor d'elle, gritando varias vezes:

— Oh do bordo!

Mas ninguem respondeu a este chamado.

Vendo a escada, Sexta-feira agarrou-se a ella, tomou o ramo na mão e subiu, até que pôde deitar um olhar ao convés. Ficou muito assustado, porém, com o apparecimento d'um animal preto, guedelhudo, que o recebeu com grandes gritos. Pouco a pouco, entretanto, esse animal estranho socegou, e dirigiu uns olhares tão confiados ao nosso joven indio, que este perdeu o medo, comprehendendo que o bicho arrastava-se-lhe aos pés pedindo protecção. Sexta-feira fez-lhe festa, e o quadrupede agradecido lambeu-lhe as mãos. Em seguida o companheiro de Robinson percorreu o tombadilho admirando as cousas estranhas que ali via, e repetindo muitas vezes o seu grito de chamada, porém sempre em vão.

Estando com as costas viradas para uma escada que do interior do navio conduzia ao convés, recebeu de repente um choque tão violento, que em todo o seu comprimento se estendeu no chão. Aterrado, levantou-se, olhou para trás, e quasi morreu de susto, quando avistou outro animal, com grandes chifres retorcidos e barba possante, que se erguia em posição ameaçadora para applicar a Sexta-feira segundo comprimento.

O moço soltou um grito, e sem hesitar atirou-se ao mar; o animal que havia visto primeiro, e que era nem mais nem menos

que um cachorro d'agua, imitou-lhe o exemplo, nadando atrás de Sexta-feira. Este, ouvindo o ruido, julgou que era o monstro cornudo que o perseguia, e de susto quasi perdeu a faculdade de nadar. Não se atrevia a olhar para trás, e empregou esforços heroicos para alcançar o mais depressa a terra, onde cahiu meio



desmaiado aos pés de Robinson. Pouco depois o cão chegou igualmente á praia.

Robinson tratou logo de reanimar o companheiro com gestos e palavras carinhosas; mas só ao cabo de algum tempo teve a satisfação de ver Sexta-feira recuperar os sentidos.

Depois de tornar completamente a si, Sexta-feira principiou a narrar as suas aventuras atrozes, como havia subido a uma montanha de madeira, na qual cresciam tres arvores gigantescas; como o bicho preto lhe havia feito festas, e o monstro chifrudo o quizera matar.

Estava convencido de que este monstro era o dono da montanha, pois que homem nenhum havia apparecido.

Robinson ouviu esta narração com admiração. Explicou a Sexta-feira que as taes arvores eram os mastros do navio; que o bicho preto era um animal domestico, chamado cão; e o monstro, outro animal chamado cabra, muito util, mas de indole um tanto bellicosa. Concluiu que o navio devia ter soffrido sérias avarias,

e que a tripulação talvez tivesse tomado o largo em busca de algum abrigo, visto que na praia, em que agora os moços se achavam, não havia vestigio algum de desembarque. Se houvessem perecido na travessia, algum dos cadaveres teria dado na praia, arrojado pelas ondas agitadas. Lembrou-se que durante a tempestade o vento havia mudado, de modo que os naufragos não podiam alcançar a sua ilha. Talvez houvessem cahido na correnteza do mar, e fôsem impellidos a alguma das ilhas que se descobriam no horizonte longinquo.

Porém, mortos ou arribados, o melhor serviço que Robinson podia emprehender era salvar o que podia do navio. Mas para isto precisava de uma embarcação, e já sabemos que o temporal lhe havia arrebatado o seu bote. Teve a feliz lembrança de construir uma balsa, para ir ao navio e recolher os objectos que lhe podiam ser de utilidade. Explicou o seu pensamento a Sexta-feira, e com a costumada promptidão puzeram mãos á obra. Sexta-feira correu á habitação em busca de cordas, mantimentos e utensilios, enquanto que Robinson principiou a cortar os troncos necessarios, deleitando-se ao mesmo tempo com os folguedos do cão, ao qual havia dado um pedaço de assado encontrado em sua bolsa de viagem.

Depois da volta de Sexta-feira, fizeram os dous moços uma rapida refeição, e, aproveitando o formoso luar, trabalharam assiduamente até meia-noite, momento em que o somno os obrigou a descansar algumas horas, ficando de vigia o cão, que já se havia familiarizado com os novos companheiros.

CAPITULO XIV.

A. Robinson e Sexta-feira concluem a balsa e navegam para o navio.
Naufragio e perigo de vida.

No dia seguinte os nossos dous amigos se levantaram ao romper do dia, e continuaram o seu trabalho com tanto afinco, que pela tarde a balsa se achava concluida. Solidamente construida perto da praia, descansava em páos roliços, de modo que com a maior facilidade podia ser lançada ao mar.

Na madrugada seguinte com a vasante seguiram para o navio, que alcançaram em menos de meia hora.

Ao approximar-se da embarcação, Robinson sentiu palpitar o coração cheio de jubilo. Este navio havia estado talvez nas praias de sua patria; os seus tripulantes quiçá fallavam a mesma lingua que elle desde o berço havia aprendido!

Mas onde estavam estes tripulantes? Talvez no fundo do mar, talvez em uma das ilhas habitadas por antropophagos, onde deviam succumbir a martyrios atrozes!

E quem sabe que avarias havia soffrido o casco? Mas ainda que estivesse apto para a navegação, como poderia elle, com o unico auxilio de Sexta-feira, emprehender uma viagem, sem conhecimentos nauticos, sem saber que rumo deviam seguir?

Robinson navegou com a sua balsa ao redor do navio, e sondando com uma vara, achou que a embarcação estava irremissivelmente perdida; havia-se mettido entre dous penhascos, cujas pontas tinham penetrado no casco. Ali permaneceria presa, até que as ondas a despedaçassem de todo.

Tratava-se, pois, unicamente, de ver o que se podia salvar da carga e dos utensilios.

Sexta-feira, com a lembrança vivaz de sua aventura com a cabra, só a grande custo pôde resolver-se a seguir o seu amigo a bordo, e para maior susto foi o monstro a primeira cousa que lhe cahiu nas vistas.

Desta vez, porém, o animal mostrou-se menos bellicoso; á privação de alimentos lhe havia quebrado a energia. Robinson comprehendeu isto, e, familiarizado com o interior d'um navio, foi em busca de pasto, que atirou á cabra esfaimada, a qual avidamente se pôz a devorar o feno offerecido.

Em seguida Robinson começou a visitar os compartimentos do navio, e encontrou mil objectos do mais subido valor para elle: numerosas barricas com bolacha, arroz, farinha; barris com polvora, balas e munição; canhões, espingardas, pistolas e punhaes; machados, serras, formões, verrumas, limas, plainas e martellos; barras de ferro, pregos, facas, tesouras e agulhas; panellas, pratos, celhéres, pinças e folles; cascos com vinho e aguardente; bahús com roupa, calçado, e um sem numero de objectos, emfim, pelos quaes, por qualquer delles, Robinson teria dado o seu pão de ouro, se estivessem á venda!

Sexta-feira contemplava tudo com vistas attonitas; a maior parte destas cousas lhe eram desconhecidas, e nem sequer atinava com a sua utilidade.

Robinson exultava como uma criança. Pegava em tudo, e largava os objectos agarrados, logo que descobria outros que lhe pareciam mais preciosos. Por fim, porém, comprehendeu queurgia fazer uma escolha de ferramentas, porque o navio fazia agua, e

esta já subia á altura de varios pés no porão. Apartou, pois, os objectos seguintes, destinados para a primeira carga de sua balsa:

Um barril com polvora, e outro com munição;
duas espingardas e dous jogos de pistolas, duas espadas e duas facas de matto;
dous trajos completos para si e Sexta-feira;
duas duzias de camisas;
dous machados, duas serras, duas plainas, algumas barras de ferro, martellos e outras ferramentas;
alguns livros, papel, tinta e pennas;
um isqueiro com isca e fuzil;
uma barrica de bolacha;
uma peça de panno de vela, e a cabra; esta ultima, para não deixa-la exposta aos azares d'uma destruição completa do navio, que podia sobrevir.

Em compensação deixou desprezados dous objectos, que em um paiz civilizado teriam chamado a attenção de todos: um barril com pó de ouro, e uma caixa com diamantes, que encontrára na camara do commandante.

Auxiliado por Sexta-feira, Robinson embarcou todos esses objectos na balsa, prendendo-os solidamente, para que não se perdessem na travessia.

Como faltasse ainda uma hora para a enchente que queriam utilizar, Robinson aproveitou a demora para comer á moda europea. Pôz na mesa carne de balsa, alguns arenques, bolachas, manteiga, queijo, uma garrafa de vinho, e convidou Sexta-feira a sentar-se a participar do banquete.

Sentar-se a uma mesa bem posta, com talheres e pratos regulares, bastava isto para encher Robinson de jubilo, sem contar as delicias que lhe causaram os alimentos, dos quaes durante tantos annos havia sido privado.

Sexta-feira não sabia como haver-se com o seu talher, apesar

das instrucções de Robinson; um pedaço de carne, fineado no garfo, foi para á orelha, enquanto que a mão levava o cabo á boca.

Mas já o mar se encrespava com a enchente, e os dous amigos embarcaram, deixando levar a balsa pela correnteza á terra, onde abrigaram os objectos trazidos debaixo das arvores da praia.

Para dar a Sexta-feira uma idéa da utilidade dos salvados, Robinson entrou nas brenhas, vestiu-se com um trajo de official, pôz um chapéo agaloado na cabeça, uma espada ao lado, e apresentou-se assim metamorphoseado aos olhos do seu amigo.

Sexta-feira recuou alguns passos, porque não reconheceu logo o seu amo, e julgou ver um ser sobrenatural.

Robinson, porém, o tranquillizou, assegurando-lhe que a roupa em nada mudara-lhe os sentimentos. Em se-

guida distribuiu-lhe um trajo de marinheiro, e mostrou-lhe como devia servir-se delle. Mas muito custou ao nosso Sexta-feira metter-se nesta roupa. Enfiou as pernas nas mangas da camisa, e os braços nas pernas das calças. Só pouco a pouco chegou a fazer as correcções necessarias. Uma vez vestido, porém, saltou de alegria ao comprehender a commodidade desta roupa e o abrigo que lhe daria contra os mosquitos. Não gostou, entretanto, dos sapatos, que lhe pareciam superfluos, e pediu a Robinson licença para ficar descalço.

Depois da cerimonia do vestuario, Robinson mostrou a Sexta-



feira a grande utilidade dos machados, e de outras ferramentas, que empregou logo para falquejar um mastro para a sua balsa, afim de navegar á vela, e não ter mais que esperar pela vasante ou enchente. Mandou Sexta-feira á habitação ordenhar as lhamas, trabalho omittido nos ultimos dous dias, e aproveitou a sua ausencia para carregar uma das espingardas e preparar uma surpresa ao amigo pelos effeitos da polvora.

Quando Sexta-feira voltou, Robinson, indicando uma gaivota que fugia com um peixe, apontou e gritou:

— Repara como vai cahir!

Fez fogo, e a gaivota cahiu effectivamente.

Mas, quem cahiu tambem, e de susto, foi o pobre Sexta-feira. Com o estrondo lhe voltára de repente a credice em Tupan, o deus tonante, que julgou ver entre as mãos de seu amo!

Quando Robinson viu o terror de Sexta-feira, arrependeu-se de não lhe haver explicado primeiramente o emprego e os effeitos da polvora. Correu a levanta-lo, abraçou-o, deu-lhe as instrucções necessarias para comprehender o phenomeno que tanto o assustára. Carregou em presença d'elle a arma e deu-lh'a para que a descarregasse. Sexta-feira, porém, ainda estava muito agitado, e pediu a seu amo que dêsse o tiro por elle. Robinson marcou um ponto á distancia de sessenta passos, collocou o seu amigo ao seu lado, e descarregou a arma.

Pouco faltou que Sexta-feira cahisse de novo. Mas Robinson levou-o para perto do tronco que havia servido de alvo, e mostrou-lhe que os grãos de chumbo haviam acertado e penetrado na madeira, fazendo-lhe ver com que facilidade de ora em diante poderiam caçar e mesmo defender-se contra inimigos, se estes viessem a ataca-los.

Sexta-feira com estas experiencias, e por tudo quanto havia visto a bordo do navio, creou tal respeito aos europeos e ao seu proprio amo, que durante os dias mais chegados não se atreveu a trata-lo com o tom cordial antes disto adoptado.

No dia seguinte os dous amigos voltaram ao navio, onde o seu primeiro trabalho consistiu em procurar taboas, com as quaes assoalharam a sua balsa, para evitar que os objectos que pretendiam levar se molhassem, cousa que havia acontecido em sua primeira viagem.

A escolha dos objectos se tornou mais facil, visto que já haviam recolhido o que lhes era de maior utilidade.

Robinson resolveu-se a levar uma das seis peças de canhão. Posto que a espingarda e as pistolas já constituissem um bom arsenal, não era desacertado munir-se desta peça, com a qual mais efficazmente podia fortificar a praia, que infelizmente se achava perto da região na qual os selvagens costumavam desembarcar.

Sem ser obrigado o matar alguns desses infelizes, se os visse chegar, já de longe podia enviar-lhes uma bala de canhão, que, passando pelos ares por cima delles, de certo faria com que retrocedessem.

Além do canhão, Robinson embarcou os objectos seguintes:

Tres saccos com centeio, cevada e ervilhas;

dous caixões com pregos e parafusos;

varios machados;

um barril com polvora, balas e munições;

varias velas, um rebolo, para aguçar os instrumentos embotados, muito mais precioso que o ouro e os diamantes despresados tambem desta vez.

Antes de partir, Robinson visitou o porão do navio, e achou que a agua havia subido consideravelmente; comprehendeu que o primeiro vento forte despedaçaria a embarcação.

Não havia, pois, tempo a perder no mister do salvamento; com o auxilio da vela e de dous remos partiram, posto que ainda fôsse vasante.

Pelo caminho Robinson principiou a sentir escrupulos por haver deixado a bordo o ouro e os diamantes á mercê de algum desastre. Para elle não tinham valor; mas se o dono do navio

apparecesse, e o accusasse de egoismo, por ter só cuidado nos seus proprios interesses, deixando de salvar objectos de tanto valor para seu dono? Sentiu-se descontente, e mal podia aguardar o momento de voltar para o navio e trazer os objectos em questão, cumprindo assim com um dever que lhe parecia sagrado.

No momento em que tocaram em terra, a carga correu perigo de cahir ao mar. Como ainda era tempo de vasante, as aguas na praia estavam muito baixas; a ponta da balsa tocou na areia, e ficou muito mais elevada que a parte posterior.

Felizmente Robinson e Sexta-feira se achavam no ponto mergulhado, e puderam salvar os objectos entrando n'agua até á cintura, tendo a fortuna de abrigar a polvora sem que se molhasse. Desembarcaram tudo, e partiram novamente para o navio antes da enchente.

Apenas chegados, Robinson salvou o barril com pó de ouro, a caixa com os diamantes, e todos os papeis de bordo, que de certo deveriam tambem ter muito valor para o capitão, caso apparecesse. Só depois de ter effectuado isto, Robinson pôz-se a escolher outras cousas, que lhe poderiam ser de utilidade: um carrinho de mão, muita roupa, ferramentas, um lampeão, com os quaes chegaram sem contratempo á praia.

O primeiro cuidado de Robinson consistia agora em abrigar efficazmente tudo quanto haviam salvado, contra o perigo d'uma chuva repentina.

Fez com lona uma verdadeira barraca, trabalho que lhe correu perfeita e rapidamente, dispondo agora de tesouras, agulhas e linha, e auxiliado por Sexta-feira, que facilmente aprendeu o emprego daquelles utensilios, que não se cansava de admirar.

Antes do escurecer, Robinson mostrou ainda ao seu amigo o effeito de um tiro de canhão. Carregou a peça á bala, e apontou-a, de modo que o projectil devia resvalar na superficie do mar. O estrondo da detonação assustou ainda o nosso joven indio; asseverou, porém, que com o tiro desta peça poderiam afugentar mil

selvagens, porque estes sem duvida alguma veriam no productôr do estampido a figura sinistra de Tupan.

Como a noite tivesse vindo, Robinson accendeu o lampeão, e occupou-se com os papeis trazidos de bordo. Infelizmente verificou que eram escriptos n'um idioma, que elle não entendia. Do endereço d'uma carta, porém, dirigida ás ilhas Barbadas, e de uma conta, colligiu que o navio levava aquelle destino com um cento de negros a bordo, provavelmente escravos trazidos da costa d'Africa.

Explicou o caso a Sexta-feira, e acrescentou:

— Quem sabe se esses infelizes não devem a sua liberdade ao temporal, que fez com que o navio dêsse nos rochedos? Talvez se salvassem nos botes para alguma ilha, onde escapem ao captivo.

Sexta-feira concordou na probabilidade disto, e o seu amigo accrescentou com olhos chammejantes:

— E ainda terás animo de repetir a tua pergunta do outro dia?

— Qual?

— Que beneficio podia produzir o temporal que nos arrebatou o nosso bote?

Sexta-feira baixou os olhos envergonhado.

— Amigo! — exclamou Robinson com ardor; — quantos beneficios grandes a Providencia nos deu em troca da nossa perda diminuta. Teriamos agora todas estas provisões e utensilios, se a tempestade não tivesse rebentado? De certo não é consolador dever a felicidade propria á desgraça alheia; mas, se a maioria dos que estavam a bordo vivem actualmente mais felizes do que antes? Que dizes agora da sabedoria divina?

— Que é insondavel, e que eu fui um insensato, — respondeu Sexta-feira, erguendo compungido os olhos ao céo.

Ainda durante seis dias os dous amigos continuaram as suas viagens ao navio naufragado, salvando grande cópia de objectos, taboas, ferramentas, cabos, tudo, em fim, quanto podia ser-lhes de utilidade, chegando mesmo a trazer os canhões e a polvora restantes.

Finalmente ia custando-lhes a vida este grande augmento de bem estar.

Na decima oitava viagem um temporal surgiu em quanto estavam a bordo do casco, quasi desfeito.

Embarcaram apressadamente na balsa, e fizeram força de remos; mas a tempestade os colheu em caminho.

As ondas encapelladas lavavam a fragil embarcação, e em poucos minutos a despedaçaram. Sexta-feira cahiu ao mar, e Robinson agarrou-se convulsivamente n'um dos páos da jangada.

Batido pelas ondas furiosas, ora arrojado aos ares, ora ao fundo dos abysmos, Robinson perdeu as forças, e teve de largar o lenho que o sustinha; soltou um grito angustioso, e desapareceu em uma montanha d'agua.

Felizmente o fiel companheiro não o havia abandonado; posto que facilmente houvesse podido alcançar a terra, não se afastára do lado de Robinson.

Quando ouviu o grito de agonia do seu amigo, e antes que este para sempre pudesse sumir-se, agarrou-o por um braço, e tanto fez, que venceu a furia do mar, e chegou á praia.

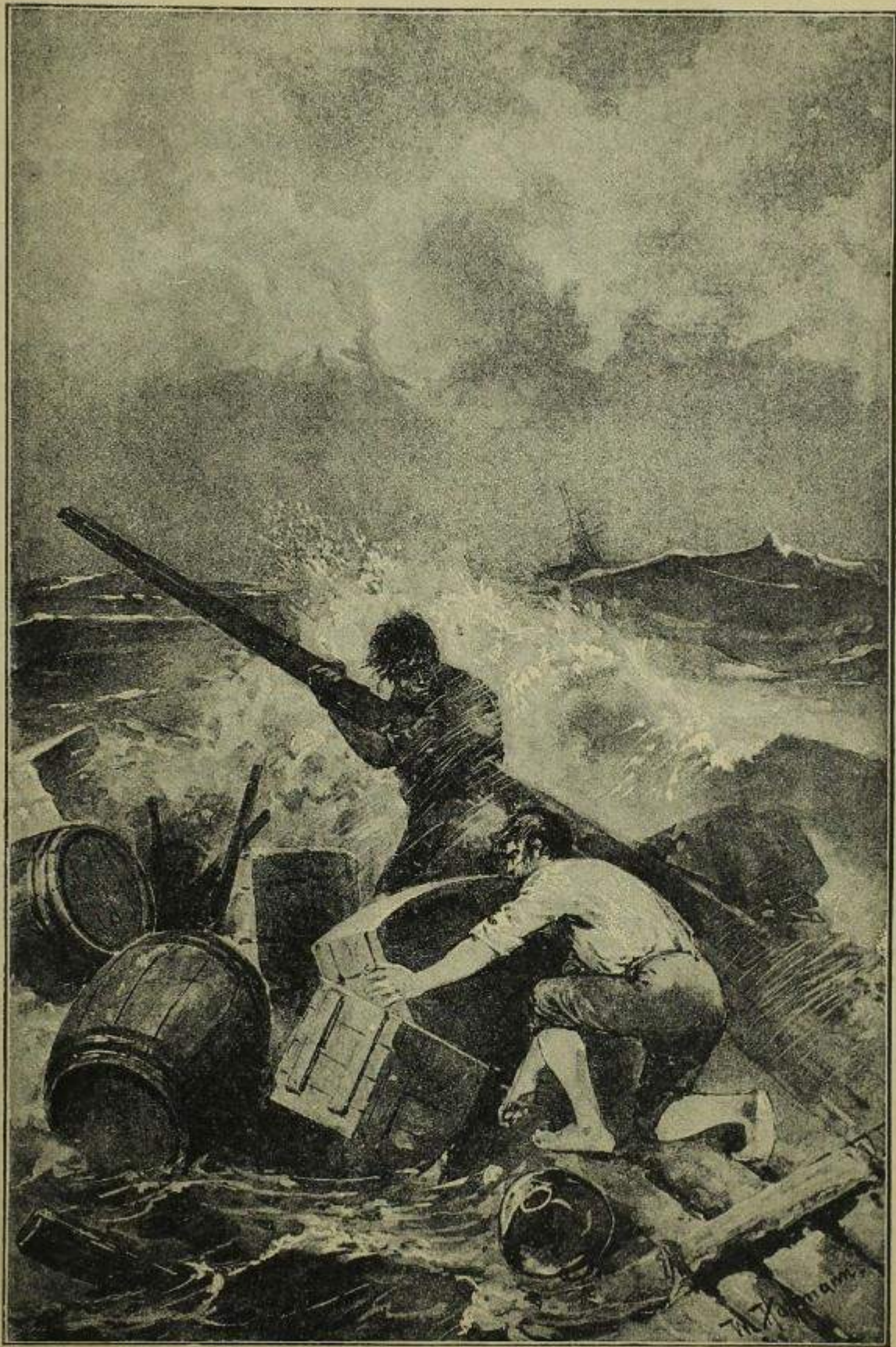
Desesperado por ver Robinson como morto, desatou a chorar lastimosamente; não se entregou, porém, tão completamente á dôr, que omittisse esforços para reanimar o desmaiado.

Friccionou-lhe energicamente o corpo, insufflou-lhe ar nos pulmões, e teve, por fim, a ventura de descobrir-lhe signaes de vida.

Ao cabo de alguns momentos, Robinson abriu os olhos, e perguntou com voz debil e estremecida:

— Onde estou eu?

— Em meus braços, meu caro senhor, exclamou Sexta-feira, derramando agora lagrimas de alegria.



CAPITULO XV.

Bem estar devido ao naufragio.

Robinson, graças á sua boa natureza e a um bom somno dado na barraca e n'uma boa cama, recuperou em poucas horas todas as suas forças.

Sentiu um prazer indizível com a lembrança de que a Providencia havia dado a Sexta-feira occasião de pagar a divida, salvando por sua vez a vida a quem anteriormente lh'a salvára. Era mais um vinculo entre os dous moços, já tão intimamente ligados.

Durante toda a noite a tempestade havia continuado, uivando na floresta e açoutando o mar; só com os primeiros raios do sol cessára o furor dos elementos.

A primeira cousa que Robinson fez ao sahir de sua tenda, foi procurar com os olhos o navio naufragado; havia desaparecido, e algumas taboas e fragmentos de mastros arrojados á praia, mostravam que o vendaval havia destroçado completamente o casco.

Robinson e Sexta-feira recolheram cuidadosamente estes despojos, que podiam ser-lhes de grande utilidade; em seguida, occuparam-se do transporte dos objectos salvados á fortaleza.

Como não seria prudente abandonarem ambos ao mesmo tempo a praia, resolveram que alternariam no serviço de conducção e de vigia.

De manhã, um delles trabalharia com o carrinho de mão, enquanto o outro ficaria de sentinella perto dos objectos amontoados na praia; de tarde, trocariam as occupações.

Robinson carregou as peças de artilharia, apontando-as para o mar; accendeu uma grande fogueira, e, dando a Sexta-feira o morrão acceso, confiou-lhe a primeira vigia, com ordem de dar um tiro em caso de perigo.

Revestindo um trajo de marinheiro, e substituindo as suas armas antigas por uma faca de matto e um par de pistolas carregadas, principiou a remover primeiro a polvora, mais exposta a perigar ao ar livre. O cão o acompanhou, e prestou o seu contingente de trabalho, puchando o carrinho e levando nos dentes uma pequena trouxa.

Ao voltar para a praia, Robinson trouxe todos os lhamas costumados a servirem de bestas de carga, que fôram de grande auxilio, visto que cada um delles podia transportar um quintal de peso.

Como todos os objectos não cabiam na gruta e na adega, construiu-se depressa uma tenda no terreiro, para servir de deposito dos objectos de mais vulto.

Em oito dias achava-se tudo recolhido, tendo ficado apenas na praia, abrigado debaixo das arvores, um montão de taboas e de páos. A cabra estava encorporada ao rebanho dos lhamas, com os quaes depressa se familiarizou.

Tinha chegado para Robinson e Sexta-feira uma epoca de actividade tal, que mal sabiam por onde principiar. Comtudo, aferrado ao seu systema de ordem, Robinson classificou rapidamente os trabalhos em mais urgentes e menos urgentes, occupando-se naturalmente logo dos primeiros.

Tratava-se em primeiro lugar da construcção d'um alpendre seguro e espaçoso, para substituir a tenda de pouco abrigo.

Nenhum dos dous moços era carpinteiro; mas possuíam agora grande numero de superiores utensilios, e haviam, sobretudo, exercitado grandemente o espirito inventivo nos tempos de penuria.

Com facilidade relativa cortaram e falquejaram os troncos encontrados, levantaram as paredes de tijolo, e construíram o tecto de taboas e folhas de coqueiro. Ao cabo de pouco tempo o galpão estava prompto, apresentando o aspecto das casas rusticas dos habitantes do campo.

De grande utilidade se mostraram nesta construcção as vidraças do navio, que davam a luz sufficiente ao galpão, causando os vidros, por sua transparencia, subida admiração ao nosso amigo Sexta-feira.

Depois de haverem recolhido tudo no galpão, Robinson tratou de dar á sua fortaleza uma entrada commoda, sem prejudicar a segurança. Discutiram largamente o projecto, e cortando parte da trincheira, construíram um portão e uma ponte levadiça, achando no seu deposito, com fartura, correntes, dobradiças, pregos e fechaduras. A ponte levantada cobria o portão, flanqueado de duas peças carregadas, postas em bateria no alto da trincheira. Os quatro canhões restantes fôram collocados de modo que cobriam os outros lados da fortaleza. Preparados assim, os dous moços puderam pensar sem susto em algum desembarque dos selvagens, tendo ao mesmo tempo uma entrada commoda e regular para a sua habitação.

Entretanto havia chegado a epoca da colheita, que desta vez quasi não offereceu difficuldade, graças aos instrumentos apropriados, como enxadas e espadas transformadas em fouces.

Tendo colhido grande provisão de milho, apezar de possuírem bolacha em abundancia, Robinson resolveu-se a cozer pão.

Com um moinho de mão, encontrado no navio, moeu milho e centeio, e peneirou a farinha do melhor modo possivel n'um pedaço de panno de linho.

Convenientemente preparada a massa, utilizou-se do forno construido para a louça, e obteve pães regulares, dos quaes, porém, os de centeio lhe pareceram mais saborosos que os de farinha de milho, razão pela qual projectou semear de preferencia centeio.

Passando em revista todas as suas ferramentas, Robinson viu que se tornava mister compôr algumas e completar mesmo a collecção. Mas para isto era indispensavel uma forja.



Robinson fez-se ferreiro, como se havia feito carpinteiro, e o seu amigo Sexta-feira aprendeu conjuntamente com elle.

Tinham quasi todo o necessario para a sua nova profissão: uma bigorna, um folle, tenazes, martellos, limas e ferro em abundancia. Alargaram a cozinha, para aggregar-lhe a fragua, e utilizaram parte da

estação chuvosa, para fabricarem pás, ferros de arado e outros objectos, com mais ou menos perfeição.

Quando mais tarde experimentaram o arado, Robinson lembrou-se que os lhamas, assim como serviam para cargueiros, podiam ageitar-se ao tiro. Fez uma experiencia, que deu optimo resultado, podendo deste modo lavrar agora as suas terras com maior descanso. Semeou duas quartas de centeio, uma de cevada e meia de ervilhas, que lhe deram colheita tão abundante, que chegou para os seus gastos durante mais de um anno. Esta abundancia, porém, obrigou os moços a construirem um celleiro regular, para que as suas provisões não perigassem, e tambem este trabalho foi executado em pouco tempo.

A cabra havia tido dous cabritos; o cachorro servia de guarda fiel, e o *louro* de companheiro tagarella nas refeições e nos trabalhos caseiros.

Que faltava, pois, para completar o bem estar de Robinson?

A presença de seus pais, dos quaes se lembrava sempre com mais saudades. Além disto martyrizava-o muitas vezes o pensamento de que a sua ilha só era habitada por duas pessoas, das quaes uma podia morrer, deixando a outra triste e solitaria. Mas por fim comprehendeu que era insensato envenenar-se a existencia com taes reflexões, e, confiado na Providencia, não duvidou que o dia chegaria em que se realizassem os seus mais caros desejos.

CAPITULO XVI.

Novo desembarque dos selvagens. — Robinson e Sexta-feira salvam duas victimas, sendo uma o pai do joven indio.

Pouco a pouco os nossos dous amigos tinham alcançado uma habilidade relativa em muitos officios, taes como os de carpinteiro, pedreiro, alfaiate, ferreiro, lavrador, oleiro, sem que tivessem outro mestre que a sua reflexão, actividade e paciencia; chegando assim a se crearem entre os dous um bem estar, que nos paizes civilizados depende da cooperação de muitos. E nesta vida activa, ao passo que adquiriam conhecimentos uteis, ganhava muito a sua saude, pois que de dia em dia crescia a sua robustez.

Robinson bem percebia que no peito de Sexta-feira continuava a lavrar intensamente a saudade de seu pai, posto que durante os trabalhos indispensaveis o joven indio não houvesse feito allusão á viagem.

Mas como estivessem terminados estes trabalhos, Robinson tratou do projecto, e lembrou que havia chegado o momento de construir um barco, para ir buscar o pai de seu amigo. Grande foi a alegria de Sexta-feira, quando já no dia seguinte puzeram mãos á construcção. O trabalho rendia maravilhosamente, graças aos instrumentos aperfeiçoados, dos quaes agora dispunham, e já

se achava muito adiantada a obra, quando teve lugar um acontecimento de grande alcance para os nossos jovens constructores navaes.

Sexta-feira, tendo ido uma manhã á praia em busca de alguma tartaruga, voltou correndo, gritando já de longe:

— Elles ahi estão! elles ahi estão!

E, respondendo a uma interrogação de Robinson assustado, accrescentou:

— Tres, quatro, cinco, seis canôas! — não atinando logo com o numero seis de tão agitado que estava.

Robinson subiu ao outeiro, e do seu observatorio viu que effectivamente seis canôas se achavam na praia, estando os selvagens occupados no desembarque.

Firmeemente resolvido a não permittir mais que em sua ilha se repetissem scenas de canibalismo, Robinson desceu, e com a annuencia decidida e valorosa de Sexta-feira, começou a tratar das medidas de repulsão.

Baixaram uma das peças de artilharia da trincheira, e armando-se de pistolas, espingardas e espadas, pucharam a peça em direcção ao lugar do desembarque dos antropophagos, tendo cuidado de levantar depois de sua sahida a ponte levadiça, afim de cobrir a sua fortaleza contra um golpe de mão do inimigo, caso não fôsem bem succedidos em seu ataque.

Para não serem presentidos pelos selvagens, Robinson e Sexta-feira contornaram a montanha na parte mais coberta da floresta, que lhes permittia acercar-se bastante da praia, sem serem vistos. Alcançando um ponto favoravel, queriam dar um tiro de peça, contando assustar com o ruido descommunal os indios, e obriga-los a fugir para as suas canôas:

— Assim, — dizia Robinson, — teremos o prazer de salvar os prisioneiros sem derramar sangue humano. Comtudo, — accrescentou, — se, fazendo-se fortes na sua superioridade numerica, resistirem, então o céo nos ha de perdoar, se fizermos uso mais eficaz das nossas armas.

Sexta-feira concordou em tudo, e prometteu combater até á morte.

Estavam agora muito perto do lugar da reunião. Robinson indicou a Sexta-feira que se arrastasse até á beira da floresta para observar o inimigo. Effectuada esta manobra com a habilidade que caracteriza os filhos da selva, ao cabo de poucos momentos Sexta-feira voltou, e contou que os selvagens se achavam ao redor do fogo occupados em devorar uma das victimas, permanecendo outra atada no chão. Este preso, porém, era um homem branco, de longas barbas encanecidas.

Electrizou esta noticia o nosso Robinson. Munido de um oculo de alcance encontrado no navio, foi ter ao posto de observação. Viu com effeito cincoenta a sessenta selvagens em roda da fogueira, e no preso atado reconheceu um europeu.

Principiou-lhe a bater o coração com grande vehemencia, e se tivesse obedecido ao primeiro impulso, teria saltado só ao meio dos inimigos, para salvar aquelle infeliz.

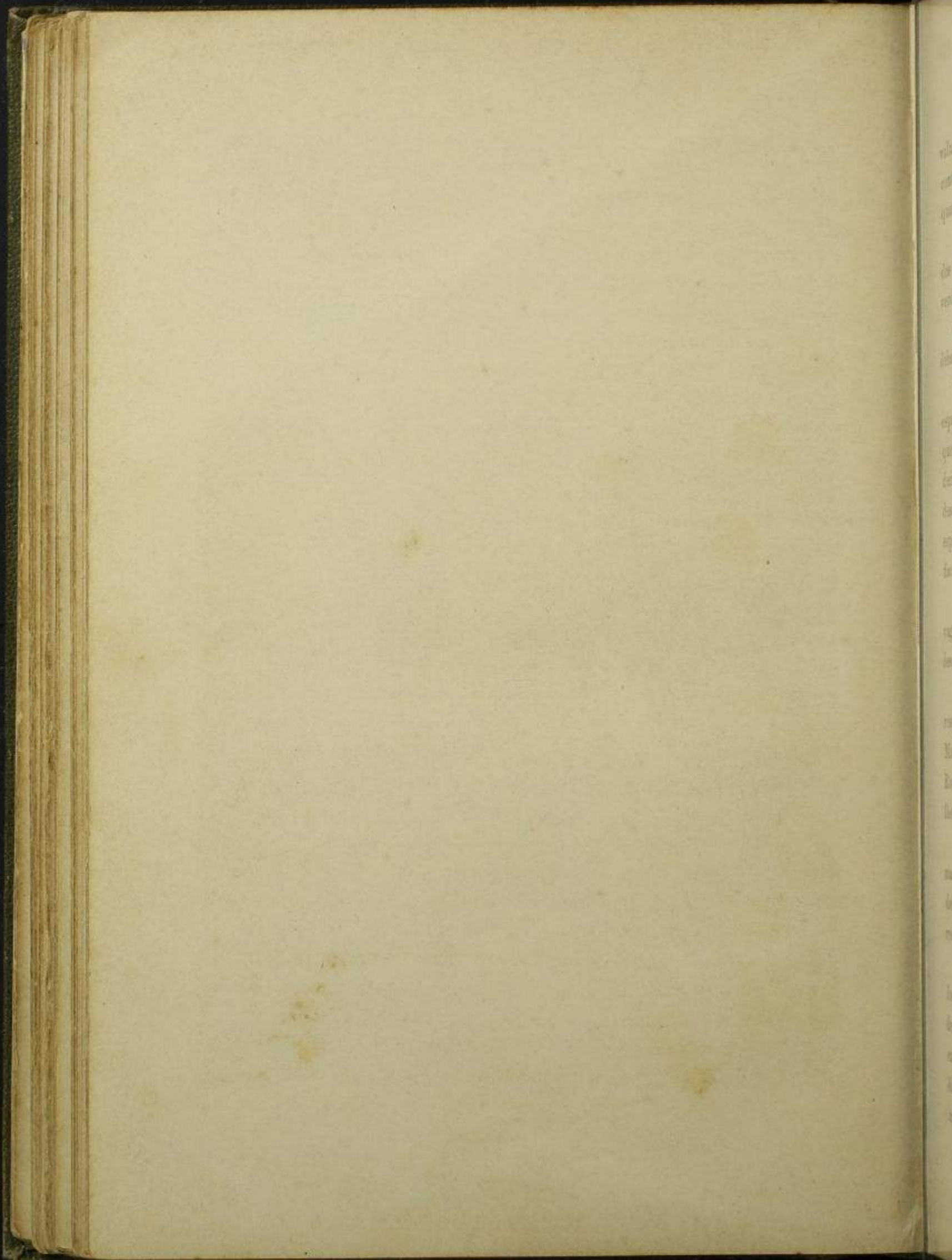
Felizmente acudiu a razão. Voltou e arrastou, auxiliado por Sexta-feira, a peça para o limite extremo do matto, apontando de modo que a bala devia passar por cima da cabeça dos antropophagos. Indicando á Sexta-feira que lhe seguisse o exemplo, deitou duas espingardas ao chão, ficando com a terceira na mão. Em seguida pôz a mecha ao ouvido do canhão.

No momento em que se fez ouvir o estrondo da detonação, os selvagens cahiram de susto ao chão. Depois os mais timoratos correram ás canôas; mas os mais valentes, que infelizmente não haviam percebido nem o fogo, nem a bala que sibilava pelos ares, pegaram em suas armas para resistir.

Não vendo, porém, apparecer ninguem, todos recuperaram o animo, e, formando roda imponente, principiaram a executar terrivel danza de guerra aos clamores estrondosos de horriveis imprecações.

Robinson acompanhou anciosamente este espectaculo estranho. Quando, porém, viu que ao cabo de alguns momentos os selvagens





voltaram ao seu banquete, mandando buscar o europeu, não se conteve mais. Ordenou a Sexta-feira que tomasse á esquerda, emquanto que elle, avançando pela direita, desfechou a sua espingarda.

Sexta-feira tinha apontado melhor; de seu lado cahiram cinco dos inimigos, emquanto que á direita só fôram prostrados tres, havendo tres mortos e cinco feridos.

Seria impossivel descrever o panico que se apoderou dos indios; debandaram-se completamente com alaridos de espanto.

No momento, entretanto, em que Robinson, armado de sua espada, quiz saltar á frente para libertar o seu compatriota, viu que se formava um grupo dos mais valorosos selvagens, com a decisão de resistir. Não teve remedio, pois, senão dar segunda descarga. Em seguida saltou do matto, armado com a terceira espingarda, e, correndo para perto do europeu, cortou com a sua faca os cipós que lhe ligavam os membros.

Apenas havia conseguido isto, percebeu que alguns dos selvagens, ao vê-lo apparecer, fizeram ameaça de ataca-lo. Outra descarga de Sexta-feira dispersou de novo o inimigo.

Robinson perguntou em inglez ao europeu quem era; este respondeu em latim: — *Christianus, hispanus* (christão, hespanhol). Mas estava demasiado debilitado para acrescentar outra informação. Robinson deu-lhe um trago de vinho para reconforta-lo, e offereceu-lhe uma das suas pistolas e a espada.

O hespanhol, electrizado com o contacto das armas, e reanimado pelo vinho generoso, atacou furiosamente os seus inimigos, derrubando immediatamente um delles, emquanto que Sexta-feira recolhia as espingardas, para carrega-las de novo.

Um dos indios havia feito, entretanto, frente ao hespanhol e luctado heroicamente com elle. O europeu, que tinha presumido demasiado de suas forças debilitadas no captiveiro, teve de succumbir. Prostrado no chão, ia morrer sob o machado de pedra do indio, quando Robinson acudiu a tempo, mettendo uma bala no craneo do selvagem. Foi esta ultima morte o signal da derrota

completa dos antropophagos. Os sobreviventes correram para as suas canôas, e fizeram-se ao mar.

Sexta-feira e o hespanhol queriam persegui-los n'uma das canôas, que havia ficado na praia.

Robinson, porém, horrorizado com a carnificina havida, impediu-lhes a partida.

Sexta-feira objectou que voltariam em maior numero; mas Robinson, batendo-lhe no hombro, disse-lhe:

— Neste caso encontrarão o nosso exercito augmentado, — e apontou para o hespanhol. Nós tres saberemos fazer face a quantos venham, principalmente no nosso forte.

Tranquillizou-se Sexta-feira, e os tres vencedores percorreram o campo de batalha, para ver se podiam salvar alguns dos feridos; mas foi em vão. Os selvagens haviam perdido na luta vinte mortos, em quanto que dos vencedores, apenas o hespanhol tinha recebido um ferimento leve no encontro com o indio heroico.

Robinson dirigiu-se á praia, para examinar os dous botes que os selvagens haviam abandonado. Ficou grandemente admirado ao descobrir n'um destes botes um indio prisioneiro atado de pés e mãos. Robinson apressadamente cortou-lhe as ligaduras; mas o infeliz estava tão prostrado, que não teve forças para levantar-se.

Robinson chamou Sexta-feira, para fallar com o indio em seu idioma.

Apenas Sexta-feira tinha encarado o preso, quando se deu uma scena impossivel de descrever, e que arrancou lagrimas de commoção a Robinson e ao hespanhol.

Sexta-feira abraçou o indio, beijou-o, soltou gritos inarticulados, interrompidos com risadas estridentes; corria, chorava, golpeava-se a face e o peito, e estorcia as mãos como um louco. Por fim pôde exclamar:

— É meu pai.

E mais de dez vezes Sexta-feira pulou do bote para a terra, da terra para o bote; tomava seu pai entre os braços, encostava-lhe



a cabeça ao peito, esfregava carinhosamente os membros machucados, e cobria-o de beijos.

Robinson entregou a Sexta-feira a garrafa de vinho para restaurar o pobre do velho, e depois retirou-se para deixar os dous sem constrangimento entregues ás suas expansões.

Ao cabo de algum tempo, Robinson lembrou a Sexta-feira queurgia alimentar seu pai, entregando-lhe as provisões que trazia na saccola.

Sexta-feira deu de comer a seu pai, e correu a buscar agua fresca para matar-lhe a sede ardente, ao passo que Robinson se occupava do hespanhol, que, exaustão, se havia recolhido á sombra d'uma arvore frondosa.

O hespanhol agradeceu com olhares sentidos; quiz erguer-se, mas não pôde: tanto lhe doiam os membros entumecidos pelas ligaduras. Sexta-feira applicou-lhe fricções de vinho, que em breve lhe alliviaram as dôres; mas durante esta obra de caridade, o filho piedoso voltou mais de vinte vezes a cabeça para o lado de seu pai, ao qual sorria carinhosamente.

Quando os dous salvados se acharam um pouco restaurados, Robinson e Sexta-feira embarcaram com elles n'um dos botes, e em pouco tempo todos chegaram á praia fronteira á fortaleza. Mediante uma padiola, os dous enfermos fôram transportados ao terreiro, onde, n'uma boa cama macia, em breve cahiram n'um somno reparador.

Emquanto dormiam, Robinson e Sexta-feira preparavam uma refeição succulenta para os seus queridos hospedes. O coração de Robinson trasbordava de alegria, pois que agora não só havia conseguido salvar dous infelizes, como via destruido para sempre o receio de recahir n'uma vida solitaria, com este accrescimo de companheiros. Todos os seus subditos lhe deviam a vida, — e bem poucos reis haverá, que possam dizer isto.

Além disto, bruxoleava-lhe na alma um outro pensamento:

Se Sexta-feira conseguira tornar a ver seu pai, por que não lhe caberia a elle a mesma ventura?

E as lagrimas de commoção que lhe sulcavam as faces, fôram acompanhadas d'uma prece ardente, dirigida mentalmente ao céo, para que permittisse que se realizasse este piedoso anhelos.

CAPITULO XVII.

A narração do hespanhol.

O somno de algumas horas e a refeição que se havia seguido tinham reparado as forças dos dous novos commensaes de Robinson, a ponto de poder ter lugar a explicação da presença do hespanhol nessas paragens e do seu captiveiro em companhia do pai de Sexta-feira.

Durante os seis mezes que o hespanhol tinha passado no meio dos indios, se havia apropriado de um vocabulario sufficiente para fazer a narração seguinte, servindo Sexta-feira de interprete:

«Era o capitão do nosso navio um famigerado negreiro. Vinhamos de volta da costa d'Africa, onde tinhamos vendido productos europeos em troca de pó de ouro, marfim e escravos. Destes conduziámos um cento destinados a serem vendidos em Barbadas; mas durante a viagem, em consequencia do pessimo acondicionamento, tinham morrido uns vinte. Um temporal dilatado e violento desnor-teou-nos, e viemos parar na costa do Brazil, onde procurámos um abrigo para repararmos as avarias. Nesse comenos fômos sorprendidos por novo temporal, que nos impelliu novamente para o mar alto, até que uma noite escura naufragámos nesses recifes perto d'uma ilha desconhecida. Soltámos varios tiros de

peça, mas ninguém veio em nosso soccorro; e como o navio fazia bastante agua, demos a liberdade aos negros, para que estes nos auxiliassem no intento de salvar o nosso esquife. Estes, porém, mal se viram livres, apoderaram-se do armamento e dos botes, nos quaes se embarcaram tumultuosamente. Ameaçados de ficarmos sem recursos a bordo do navio naufragado, descemos a dirigir supplicas áquelles que ha pouco ainda tinham sido nossos escravos, e elles, mais generosos do que se devia esperar, consentiram em levarnos comsigo. Os botes, entretanto, ficaram tão carregados, que a cada momento ameaçavam ir a pique nas ondas encapelladas.

«Naturalmente nos esforçavamos em alcançar a ilha que nos ficava perto. O vento, porém, mudou de repente, e levou-nos para o alto mar; era imminente a morte. E comtudo os botes resistiram, e depois de longas horas cruciantes, fômos arrojados á praia arenosa d'uma ilha, cujos habitantes pacificos nos acolheram hospitaleiramente.

«Os africanos se separaram então de nós, indo estabelecer-se no extremo opposto da ilha, emquanto que nós preferimos conviver com os indigenas, que de bom grado repartiram comnosco o que tinham. Infelizmente era pouco o que possuíam, pois que viviam apenas da caça e da pesca, nem sempre abundantes, mas, emfim, a boa vontade dos nossos hospedes mitigava a penuria, emquanto que a esperança de ver surgir algum navio salvador impedia que o desespero se apoderasse de nós.

«Assim passaram-se seis mezes sem trazer modificação á nossa sorte, quando de repente, ha quatro dias, desembarcou uma horda de selvagens inimigos dos nossos hospedes, e atacaram as nossas habitações. Este, meu companheiro, a cujo lado combati, lutou heroicamente, mas fômos subjugados, e ambos cahimos prisioneiros dos nossos aggressores, que nos trouxeram a esta ilha para servirmos, com outro preso, de victimas sangrentas em seu banquete horrivel.

«Já havia renunciado a esperança de salvar a vida, quando ouvi o ribombo do canhão, vendo passar por cima de nós a bala

sibilante. Era Deus que nos mandava soccorro na hora suprema, enviando-nos dous salvadores valentes e generosos.»

E ao terminar assim a sua narração, o hespanhol estendeu as duas mãos a Robinson e Sexta-feira com grande sentimento de gratidão.

Robinson indagou então quem era o proprietario do navio naufragado, e soube que pertencêra a dous negociantes de Cadiz, e dos quaes apenas um se envolvia no trafico dos negros, emquanto que o outro só exigia em troca de suas fazendas marfim e pó de ouro.

Ao ouvir esta declaração, Robinson conduziu o hespanhol ao seu armazem, e mostrou-lhe tudo quanto havia salvado do navio.

— Folgo muito, — disse o nosso joven e nobre amigo, — ter recolhido a propriedade do negociante humano, que quiçá algum dia lhe possa ser restituída. Mas de quem é esta caixa com joias e pedras preciosas?

O hespanhol informou que estes objectos eram o espolio de um official inglez, que, vindo como passageiro, fallecêra em viagem, e que o capitão do navio levava o encargo de entregar o legado á viuva, cujo domicilio facilmente se encontrou indicado nos papeis recolhidos por Robinson a bordo.

Esta nova descoberta alegrou ainda mais o nosso amigo, que antevia a possibilidade de melhorar a sorte da pobre mulher, graças á providencia que tivera de arrecadar esses objectos a principio tão desprezados, e dos quaes d'ora em diante tratou com maior cuidado ainda.

CAPITULO XVIII.

Crece o numero de subditos de Robinson.

No dia seguinte, Robinson, junto com os seus tres companheiros, emprehendeu a tarefa dolorosa de fazer desaparecer os cadaveres dos vencidos, que, decompondo-se ao ar livre, podiam infestar a ilha de miasmas pestiferos.

Munidos de machados, cortaram muitos páos para fazer uma grande fogueira e queimar os corpos, procedimento muito mais expeditivo e mais racional do que o enterro.

Durante este triste trabalho, Sexta-feira esforçou-se em fazer comprehender a seu pai quão horrorosa era a pratica de comer carne humana. Não foi facil convencer o indio, em cujo espirito ainda estavam demasiado arraigados os costumes selvagens; mas vendo o horror do filho, absteve-se de satisfazer o desejo vehemente, que sentia, de devorar pelo menos algum dos seus inimigos.

De volta ao castello, Robinson deu o nome de Quinta-feira ao pai do seu joven amigo, e convocou um conselho pleno, no qual fez a exposição seguinte:

— Temos agora todo o necessario para passarmos uma vida commoda e isenta de cuidados. Comtudo, nunca me resolveria a gozar tranquillamente desta existencia, emquanto ha quem, vivendo

na penuria, necessite do nosso auxilio. Refiro-me aos naufragos hespanhóes. Quero ouvir a opinião de cada um dos meus companheiros acerca do melhor modo de fazer participar aquelles infelizes do nosso bem estar.

Fallou em primeiro lugar o hespanhol, offerecendo-se a ir em um dos botes conquistados buscar os seus companheiros.

O mesmo offerecimento fez em seguida Quinta-feira.

Sexta-feira, porém, opinou que seu pai devia ficar na ilha, emquanto que elle acompanharia o hespanhol.

Houve uma luta de generosidade para ver quem conseguiria expôr a sua vida no trabalho de salvamento; Robinson, porém, cortou as duvidas, determinando que Quinta-feira e o hespanhol seguiriam, porque o primeiro conhecia melhor os mares que Sexta-feira, e que o hespanhol era indispensavel para infundir confiança aos seus compatriotas.

Antes desta expedição, porém, e em vista do augmento de bocas, tornava-se mister proceder a novas plantações; trabalho que foi empreendido com grande afan, de modo que quinze dias depois já se achava roteada e plantada uma grande extensão das terras adjacentes á fortaleza.

Nada, pois, se oppunha á partida dos emissarios. O hespanhol, porém, quiz dar a Robinson uma garantia de sua sinceridade e boa fé. Ponderou que os seus compatriotas pela maior parte erão simples e rudes marinheiros, sem educação alguma, e que, portanto, não se atrevia a responder por elles. Aconselhou que Robinson, como senhor da ilha, puzesse as suas condições de admissão, e que ninguem seria trasladado sem acatar previamente estas disposições.

Robinson, penhorado pela fidelidade do seu novo amigo, estipulou o seguinte:

«Quem quizer viver na ilha de Robinson e ter parte nas commodidades que offerece, terá de sujeitar-se ás obrigações seguintes:

«1.^a Obedecer em tudo e por tudo á vontade do legitimo dono, e acatar todas as medidas prescriptas para o bem estar geral.

«2.^a Levar uma vida activa e virtuosa, porque não será tolerado na ilha nenhum preguiçoso ou vicioso.

«3.^a Não altercar com os companheiros, e em caso de duvidas, recorrer ao senhor da ilha, e respeitar a sua decisão ou a do seu preposto.

«4.^a Effectuar sem reluctancia os trabalhos necessarios para o bem estar geral, e em caso de guerra, defender com a propria vida a ilha e seus habitantes.

«5.^a Auxiliar Robinson na justa corecção daquelles que infringirem as disposições presentes, reconduzindo o delinquente ao bom caminho ou banindo-o para sempre da ilha.

Aconselha-se a todos que reflectam maduramente antes de assignar estes estatutos, visto que a firma obrigará ao estricto cumprimento das mesmas.

«*Robinson.*»

O hespanhol traduziu este codigo em seu proprio idioma, e muniu-se de tinta e pennas, para faze-lo assignar a todos quantos quizessem embarcar. Em seguida prepararam convenientemente a melhor das duas canôas conquistadas, que aliás só devia servir para a ida, visto que para a volta tinham os botes do navio.

Providos de mantimentos, e sobrevindo um vento favoravel, os dous emissarios se despediram dos seus companheiros e embarcaram.

Sexta-feira estava completamente prostrado pela separação de seu pai. Toda a noite havia chorado, e agora, no momento da partida, não podia consolar-se, nem desprender-se dos braços do velho.

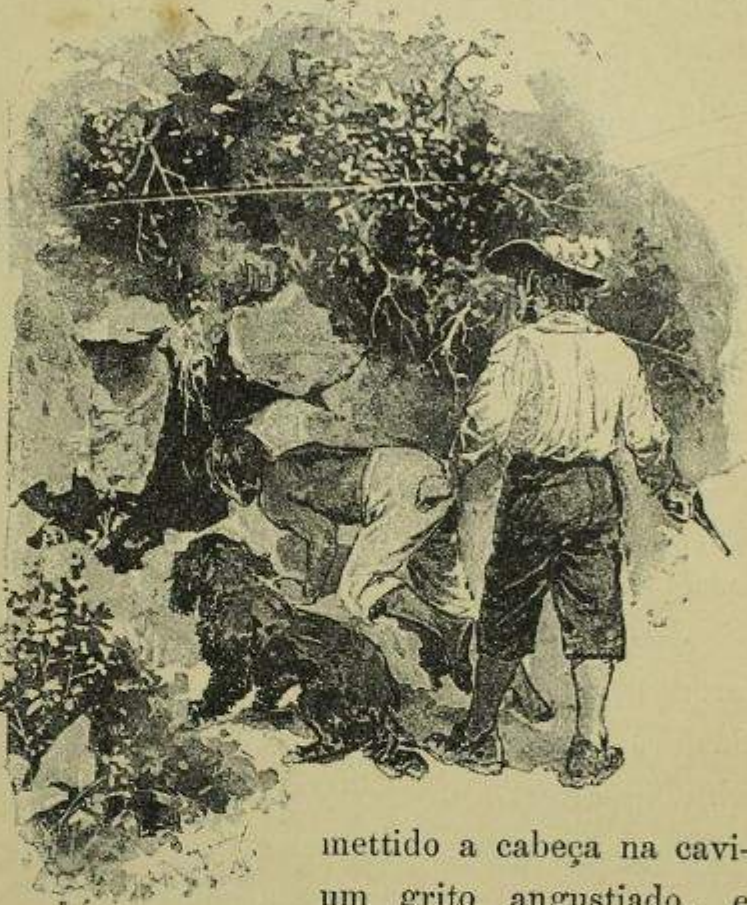
Por fim este conseguiu libertar-se, e saltou na canôa, que rapidamente se afastou da praia.

Sexta-feira, porém, atirou-se ás ondas, e nadando ao lado do esquife, tornou a despedir-se de Quinta-feira. Obedecendo, finalmente, ao chamado peremptorio de Robinson, voltou á terra, subiu a um outeiro, e seguiu a canôa com vistas humedecidas, até que desapareceu no horizonte.

Para distrahir o seu fiel companheiro, Robinson dedicou o maior tempo á caça e excursões na ilha. N'uma destas, penetrando nas montanhas, de repente o cão deu grandes latidos defronte d'uma fenda do rochedo, meio encoberta pelas brenhas. Era esta fenda tão diminuta, que só podia dar accesso a quem nella penetrasse de rasto.

Robinson, costumado a familiarizar-se com todas as cousas, mandou que Sexta-feira visse aonde conduzia aquella fenda.

Mal, porém, o joven indio havia dado, quando deu



mettido a cabeça na cavi-
um grito angustiado, e

sem attender ao chamado de Robinson, deitou a correr como louco.

Robinson o seguiu immediatamente, e depois de have-lo alcançado, indagou da causa do seu terror.

— Corramos, meu rico senhor, — disse Sexta-feira, todo tremulo; — corramos, que naquella gruta ha um monstro, com olhos de fogo e fauces tão horrendas, que pode tragar-nos ambos de uma só vez!

— Seria um bocado grande demais, — respondeu Robinson com calma; — quero ver esta monstruosidade.

— Não, não! — exclamava Sexta-feira, abraçando Robinson; — pelo amor de Deus, não vai! Ha de comer-te sem duvida alguma, e eu fico sem meu senhor.

Robinson perguntou-lhe sorrindo:

— E como não te comeu a ti?

Sexta-feira não soube responder a esta pergunta, e Robinson ordenou-lhe que corresse á casa em busca d'um lampeão.

No intervallo forçado, Robinson collocou-se de sentinella á entrada da cavidade.

— Que poderá ter visto Sexta-feira? — meditava o nosso amigo. Um leão, um tigre, qualquer outro animal feroz?

Neste caso seria imprudente se me arriscasse a penetrar ahí. Mas, se houvesse animaes destes na ilha, ha muito teriamos descoberto os seus vestigios, pelo menos. Não ha de ser isto.

Sem duvida alguma o medo infantil do meu pobre Sexta-feira pregou-lhe nova peça. Não ha remedio, pois, senão tirar a cousa a limpo, ainda que fôsse só para cura-lo de suas crendices insensatas. —

Neste comenos voltou Sexta-feira com o lampeão acceso, e conjurou novamente Robinson com as lagrimas nos olhos que renunciasse ao seu intento. Este, porém, tratou de tranquillizar Sexta-feira, e armado do lampeão e d'uma pistola engatilhada, mettu a cabeça na abertura ominosa.

No primeiro momento achou-se por sua vez fortemente impressionado, vendo ao clarão incerto do pharol um objecto estranho. Mas, longe de recuar, firmou a vista, e percebeu um velho lhama, que se havia recolhido a este logar solitario para morrer em paz. Arrastou-se então para o interior da cavidade, que cedo se alargou offerecendo o aspecto d'uma bella gruta, cujas paredes lizas brilhavam á luz do lampeão como milhares de diamantes.

Chamou Sexta-feira, que ainda tremia como varas verdes, e só obedeceu ao chamado, para não deixar o seu senhor só e abandonado. Naturalmente convenceu-se do seu engano depois de ter penetrado na caverna.

— Bem vês, disse-lhe Robinson, como fôstes insensato, obedecendo ao primeiro impulso d'um terror immotivado. Onde

estão os olhos chammejantes, onde estão as fauces, que nos deviam tragar?

— Pareceu-me vê-los, — disse Sexta-feira envergonhado.

— Não duvido, — retrucou Robinson; — mas ninguém deve julgar só pelas apparencias. O medo é um grande mentiroso, que faz de um argueiro um cavalleiro. Todos os contos de fantasmas nasceram pelo medo. Mulheres ou mesmo homens timoratos julgaram ter visto uma cousa, que entretanto só existia em sua imaginação exaltada, mas cuja existencia real affirmavam. Sê reflectido d'ora em diante, e indaga seriamente das cousas.

Robinson e Sexta-feira arrastaram o corpo do lhama para fóra da caverna; e comprehendendo a utilidade que podia ter para elles esta nova gruta, muniram-se de instrumentos apropriados, alargaram a entrada até dar facil accesso, e adaptaram-lhe uma porta reforçada; transformando-a assim em celleiro seguro e muito fresco, onde podiam armazenar os seus productos de facil deterioração em temperaturas altas.

Mal sabiam elles que destino diverso devia ter em breve esta nova descoberta.

CAPITULO XIX.

Navio á vista. — Façanhas de Robinson e Sexta-feira.

Oito dias já haviam decorrido sem que os emissarios tivessem voltado, de modo que Robinson principiava a sentir serias apprehensões acerca da sorte delles.

Todas as manhãs Sexta-feira corria ao ponto de vigia, e devorava o espaço com os olhos, e sempre voltava triste e abatido, porque nada conseguia descobrir.

Uma manhã, porém, era no nono dia depois da partida do hespanhol e de Quinta-feira, o nosso joven indio veio correndo, annunciando já de longo com voz jubilosa:

— Elles ahi vêm, elles ahi vêm!

Robinson armou-se com o oculo de alcance, e subiu ao outeiro, donde avistou a alguma distancia uma embarcação grande, que se approximava velejando. Ao cabo de alguns momentos de seria attenção, Robinson sacudiu a cabeça, dizendo a Sexta-feira:

— Não são os nossos amigos. A gente daquella chalupa pelo traje mostra pertencer a algum navio inglez. Cuidado, pois, que não podemos saber com que intenção se dirigem a esta ilha tão fóra do curso ordinario da navegação.



Sexta-feira ficou abatido com a notícia, e seguiu cabisbaixo seu amo para

uma outra elevação, donde podiam abraçar horizonte maior.

Apenas haviam chegado ao cume, quando Robinson deitando um olhar ao mar, quasi estatico parou. Via diante de

si um navio de alto bordo, ancorado á pouca distancia da ilha.

Admiração, alegria e terror succediam-se na mente do nosso amigo: alegria, porque este navio podia leva-lo do seu degredo á patria; terror, porque podia ser tripulado por corsarios, arribados por qualquer motivo.

E certo que nos primeiros tempos de seu captiveiro, mesmo corsarios teriam sido bem vindos; hoje, porém, o bem estar de que gosavam os habitantes da ilha, só podia ser prejudicado por gente mal intencionada.

Mandava, pois, a prudencia proceder com grande reserva, e Robinson escondeu-se com Sexta-feira n'uma moita, donde podia observar commodamente o bote sem ser visto.

Aproou a chalupa á praia, e a tripulação desembarcou. Havia onze pessoas, entre as quaes só oito estavam armadas, achando-se as outras tres com as mãos atadas. Depois do desembarque, os homens armados tiraram os laços aos seus prisioneiros; e enquanto estes, com ademanes de tristeza, se sentaram á sombra d'uma

arvore, os outros se dispersaram pela praia, depois de haverem feito signaes de ameaça aos presos.

Robinson não sabia que pensar desta scena; mas Sexta-feira disse com uma especie de triumpho:

— Bem vêes que teus patricios tambem comem os seus inimigos.

Robinson reprehendeu-o brandamente, e continuou a observar os recém-chegados.

A attitude dos tres recordou a Robinson as horas de amargura que elle mesmo passara, quando se viu abandonado na ilha, e desde logo resolveu fazer tudo quanto pudesse para salvar aquelles infelizes.

Mandou que Sexta-feira fôsse buscar quantas espingardas, pistolas e espadas pudesse carregar; uma vez armados, viram com satisfação que os oito marinheiros se haviam deitado á sombra do arvoredado em grupos distinctos, para dormirem a sésta.

Robinson approximou-se cautelosamente dos tres prisioneiros, e lhes disse:

— Quem sois vós? — E vendo que, assustados, queriam fugir, accrescentou: — Não tenham medo; venho para offerecer-lhes o meu auxilio.

— Então é o céo que te enviou, — disse um delles.

— Todo o soccorro vem de Deus, — replicou Robinson; — mas depressa digam como lhes posso servir.

Indicando então o navio, um dos tres respondeu:

— Sou o capitão daquelle navio, e estes dous são o meu piloto e um passageiro. Os meus marujos se revoltaram contra mim, e apoderaram-se da embarcação. A principio quizeram matar-nos, por fim cederam aos nossos rogos, e, perdoando-nos a vida, vieram abandonar-nos nesta ilha.

— Em troca de duas condições, arriscarei a minha existencia para salva-los, disse Robinson.

— Quaes são então estas condições? — perguntou o capitão.

— Emquanto estiverem nesta ilha não de sujeitar-se á minha vontade, e, se conseguirmos rehaver o navio, dar-me-ha passagem para a Inglaterra, a mim e aos meus companheiros.

— Nós, o navio e tudo quanto contem, estamos á sua disposição.

— Pois bem, tomem estas armas, das quaes só não de servir-se quando eu mandar. Os rebeldes estão dormindo, separados uns dos outros; vamos ver se podemos apoderar-nos delles sem derrarmos sangue.

Moveu-se com grande prudencia o grupo, composto dos nossos dous amigos e dos tres europeos ha pouco ainda presos; chegaram perto do primeiro marinheiro que dormia de cara na relva, e rapidamente o sujeitaram, mettendo-lhe um lenço na boca e atando-lhe pés e mãos com todo o cuidado. Em seguida o ameaçaram com uma bala, caso intentasse fazer o menor movimento.

O mesmo processo, mais ou menos, foi seguido com um segundo marinheiro, e depois com mais quatro dos rebeldes. Não foi, porém, possivel evitar todo e qualquer ruido, de modo que os ultimos dous acordaram, e, pegando nas armas, trataram de resistir.

Robinson, porém, lhes bradou:

— Pobres miseraveis, não estão vendo a nossa superioridade numerica? Entreguem-se immediatamente, senão pagarão com a vida a sua resistencia!

— Misericordia, Sr. commandante! — exclamaram os dous, vendo-se perdidos; e atiraram para longe as suas armas.

Foram atados, então, como os outros, e Robinson mandou levar todos os presos á caverna ultimamente descoberta. Pelo caminho, o capitão do navio fez ver que tres dentre os captivos sempre haviam mostrado boa conducta, e que, provavelmente, só cedendo ás ameaças dos outros, haviam entrado na rebellião. Robinson, em consequencia desta revelação, depois de ter recolhido os outros na prisão, mandou tirar as ataduras aos tres mencionados, e admittiu-os no numero dos defensores, ao que elles responderam com grandes demonstrações de gratidão e ardentes protestos de submissão.

Robinson mandou, em seguida, que todos recolhessem a chalupa á terra e que abrissem no fundo della um grande rombo, para inutiliza-la por emquanto.

Era de prever que do navio despachassem um segundo bote, vendo que o primeiro se demorava. Nesta circumstancia Robinson baseou o seu plano de reconquistar o navio, como adiante veremos.

Ao cabo de algumas horas, deram um tiro de peça a bordo, para chamar os tripulantes que estavam em terra; e, tendo-se repetido ainda duas vezes inutilmente este signal, desceu outro bote, e veio approximando-se da praia.

Desembarcaram os recém-vindos e correram á chalupa, que com grande admiração encontraram perfurada. Chamaram com grandes clamores pelos companheiros, e como estes não respondessem pelos motivos que conhecemos, deram varios tiros de espingarda; por fim, ao pôr do sol, receiando por sua propria segurança, embarcaram e levaram o bote a cem passos da praia.

Para impedir que se retirassem para o navio, Robinson ordenou a um dos marinheiros acolhidos que fôsse com Sexta-feira ao bosque mais perto do mar, e despertassem a attenção dos tripulantes do bote por gritos de soccorro, sem se mostrarem. Pouco a pouco deviam afastar-se da praia, para attrahir aquelles ao matto.

Teve superior exito este stratagem.

Os do bote, mal ouviram os gritos, voltaram para terra, e deixando dous de guarda no esquife, entranharam-se na selva, em direcção aos gritos ouvidos.

Durante isto a noite havia vindo. Robinson com os seus companheiros acercou-se do bote, e conseguiu surprender as duas sentinellas, que, vendo-se cercadas por todos os lados, entregaram sem resistencia as mãos ás algemas.

Rapidamente encalhou-se o bote, e Robinson retirou-se com os seus auxiliares e os dous presos para a floresta, á espera da volta dos outros.

Pouco a pouco, e de um em um, estes chegaram cansados de sua expedição infructifera, e fôram sem grande trabalho subjugados e atados, resistindo apenas um com grande denodo, e este porque sabia que não podia esperar perdão, visto que era o cabeça do motim. Comtudo elle tambem cahiu preso sem derramamento de sangue.

Com o consentimento de Robinson, o commandante do navio ainda soltou outros tres menos comprometidos deste segundo grupo de prisioneiros, e o resto foi levado á caverna.

Robinson reuniu em seguida os



perdoados no seu terreiro, e annunciou-lhes que nada teriam que receiar, se contribuissem a reaver o navio.

Todos juraram solemnemente inteira dedicação ao seu commandante, e receberam armamento para a expedição.

Concertou-se rapidamente o bote arrombado, e o commandante, dividindo a sua gente em dous grupos, pôz-se á testa d'um elles, enquanto que o piloto capitaneava o outro.

Assim seguiram para o navio para ver se sorprendiam o resto da tripulação rebellada.

Robinson, cujo destino pendia agora do bom exito desta expedição arriscada, ficou com Sexta-feira na ilha. Tão agitado se achava, que não podia parar n'um ponto certo. Corria da sua gruta ao outeiro, do outeiro á praia, prestando uma attenção febril a qualquer ruido, que vinha do mar.

Tres tiros de canhão deviam annunciar a victoria do capitão, e as horas se passavam sem que se fizesse ouvir este signal tão anhelado.

No meio de suas ancias, Robinson lembrou-se de um preceito por elle exposto a Sexta-feira:

— Em casos duvidosos, — havia dito, — prepara-te sempre para a peor solução, mas espera pela melhor. Se não tiver lugar aquella, tanto melhor para ti; se vier, já não te surprende.

Assim afigurou-se-lhe pouco a pouco a empreza do capitão ir-realizavel, e já ia renunciar a ultima esperanza, quando de repente o estrondo d'um tiro rompeu o silencio da noite.

E bum! bum! segundo e terceiro!

Não havia mais duvida: o navio estava reconquistado.

Ebrio de alegria, Robinson deixou-se escorregar pela escada abaixo, sacudiu freneticamente Sexta-feira, que havia adormecido, estreitou-o ao peito, e regou-lhe as faces de lagrimas abundantes, lagrimas de ventura!

Sexta-feira pensou um momento que seu pobre amo havia enlouquecido.

— Vai dormir, meu caro senhor! — disse-lhe carinhosamente, querendo leva-lo de braço á gruta.

Robinson, porém, exclamou:

— Dormir, meu caro Sexta-feira, dormir no instante em que o céo preenche a mais cara das minhas esperanças? Não ouviste, pois, os tres tiros de peça? não sabes que o navio é nosso, que chegou o momento da salvação?

Sexta-feira comprehendeu por fim; tambem elle alegrou-se, não tanto, porém, como seu amo, porque previa, que teria de deixar a

sua patria para acompanhar Robinson, para uma terra cheia de maravilhas, mas que, por fim, não era a sua.

Apezar da certeza obtida, Robinson não recuperou a tranquillidade de espirito; antes crescêra-lhe a agitação.

Corria de um lado para outro, agradecia ao céu o seu salvamento.

Fallava nas delicias da patria, e principiava já a juntar os objectos que pretendia levar.

Passou toda a noite assim, sem dormir um só instante.

Mal apontou o primeiro clarão do dia, Robinson olhou para o lado onde deixára o navio para ver se já vinha chegando para leva-lo.

Mas, que horrorosa impressão recebeu, quando viu que o navio havia desaparecido!

Soltou um grito estridente, e abraçou-se com uma arvore para não cair.

Nesta instante cruel se lhe haviam aniquilado todas as esperanças e todas as crenças na boa fé dos homens: o capitão, ao qual restituira, ao risco de sua propria vida, liberdade e fortuna, o havia abandonado vilmente.

Assim pelo menos pensava Robinson no primeiro momento de susto, e grande foi o seu desespero.

De repente, porém, ouviu passos na sua retaguarda, e, ao voltar-se, viu já perto de si o capitão, que vinha renovar-lhe todas as promessas da vespera.

Robinson atirou-se-lhe aos braços, e abraçou-o estreitamente, pedindo-lhe mentalmente perdão da cruel suspeita ha pouco alimentada.

Em poucas palavras o capitão explicou-lhe que aproveitára a noite bonançosa para trazer o seu navio a uma enseada onde achára um abrigo completamente seguro.

Em seguida narrou-lhe como conseguira surprender o resto dos rebeldes e sujeita-los a bordo.

— Ei-lo ahí o navio que lhe devo. Pode fazer delle o que quizer; porque, por mais serviços que eu lhe preste, nunca poderei pagar sufficientemente o que nos prestou, salvando-nos de um degredo mil vezes peor que a morte.

Durante a refeição, que se seguiu á volta feliz do capitão, Robinson contou a este novo amigo as aventuras que tivera na ilha, e muito admirado ficou o capitão ao saber quão engenhosa e activamente Robinson tinha conquistado pouco a pouco os commodidades da vida.

Tratando-se depois dos projectos do nosso amigo, Robinson pediu ao capitão que demorasse a partida do navio até que tivessem regressado Quinta-feira e o hespanhol; ao que, naturalmente, accedeu com a melhor vontade possivel.

Os naufragos hespanhóes deviam seguir com Robinson até Cadiz, onde o capitão se comprometteu a arribar; quanto aos rebeldes mais culpados, permaneceriam na ilha, afim de rehabilitarem-se, por uma vida laboriosa e activa, dos crimes que haviam commettido.

CAPITULO XX.

Volta á patria.

Estavam ainda deliberando Robinson e o commandante acerca dos preparativos da viagem, quando Sexta-feira acudiu com gritos jubilosos, annunciando a chegada de Quinta-feira e do hespanhol.

Correram todos ao encontro dos recém-desembarcados, e Robinson viu com admiração que havia na comitiva duas indias, casadas com dous dos marinheiros hespanhóes.

Apenas souberam estes que Robinson partia, e deixava algumas pessoas na ilha, declararam que tambem desejavam ficar com as suas mulheres.

Robinson não tinha motivos de oppôr-se a este desejo; querendo, porém, melhorar a sorte destes dous homens e deixar estabelecida na ilha uma especie de autoridade, mandou vir á sua presença todos os presos, participou-lhes que a pena de morte, que haviam merecido pela sedição a bordo, lhes era perdoada em troca de sua permanencia na ilha e da estricta obediencia que teriam de prestar em tudo e por tudo aos dous hespanhóes, nomeados governadores do territorio.

Naturalmente os presos acataram esta determinação com grande alegria, porque sabiam quão severas erão as leis maritimas, e em lugar do castigo merecido, ficavam participando das commodidades que então a existencia na ilha já offerecia.

Determinado assim o futuro modo de vida dos habitantes do seu reino, Robinson designou os objectos que queria levar para a patria. Consistiam no traje de pelles fabricado com suas mãos, no guarda-sol e no armamento com que primitivamente se munira, no seu papageio e em dous lhamas; e além disto, nos papeis do navio naufragado, no barril de pó de ouro, na caixa de pedras preciosas, e finalmente na pedra de ouro que havia encontrado cavando em sua cozinha.

Fôram embarcados todos estes objectos, e como o vento era favoravel, a partida foi marcada para a manhã seguinte.

Durante a primeira parte da noite Robinson recolheu-se só ao alto do seu outeiro, e, abraçando, ao debil clarão dos astros, com a vista grande parte do dominio que ia deixar quiçá para sempre, recapitulou na mente toda a longa existencia que ali passára.

Só e abandonado, foi arrojado pelo mar sobre as rochas desta ilha, só e reduzido aos seus proprios recursos, nullos então, pois que nem sequer conhecia o habito do trabalho. Quantas horas de amargura, quantos momentos de desespero, quantos remorsos sangrentos lhe haviam flagellado a alma! Mas as exigencias da luta pela existencia, não só pouco a pouco haviam conduzido a imitar inconscientemente os homens primitivos, a crear-se uma habitação, a armar-se para a sua defesa e para subjugar os animaes dos quaes precisava para viver, a rodear-se mesmo de certas commodidades; mas ainda nessa luta encontrára os elementos de purificar a sua alma, de ennobrecer os seus sentimentos! Cada palmo desta ilha havia impresso em seu espirito reminiscencias indeleveis, e agora ia deixar tudo isto, para affrontar novamente os mares, que sempre se lhe haviam mostrado hostis. A patria, os seus pais! — eis o iman que o attrahia. Conseguiria tornar a ver as paragens onde havia sido criança, os sêres queridos, que nunca, nunca lhe haviam sahido da memoria?

Confiou em Deus, que tão visivelmente o havia protegido, e que agora não o privaria da ventura de indemnizar os seus



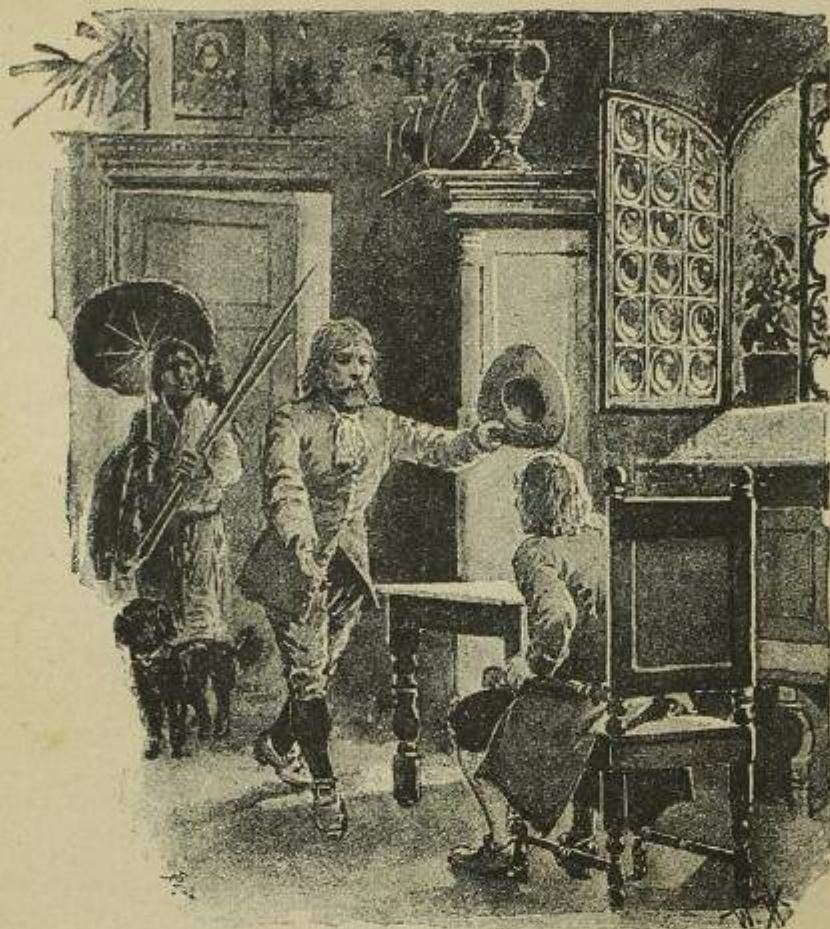
pais, por uma vida de
terna submissão, das
máguas que de certo
deviam ter sofrido
pela ausência do filho.

.....
.....

Com vento fresco e favoravel o navio afastou-se da praia. Na pôpa achava-se Robinson, Sexta-feira e seu velho pai, e acenavam com os lenços um último adeus aos que haviam ficado em terra. Pouco a pouco a ilha mergulhou-se no horizonte, e ao cabo de duas horas o navio achava-se só na vastidão do mar, cortando alegremente as ondas lisas como um crystal.

Foi muito feliz a travessia; em vinte dias alcançaram Cadiz, onde desembarcaram os marinheiros hespanhóes, e com elles Robinson, que foi procurar o negociante a quem pertencia o barril de pó de ouro.

Grande foi a alegria deste homem, que tão milagrosamente readquiria grande parte de sua fortuna, que já julgava perdida. Quiz recompensar Robinson generosamente, mas este negou-se a aceitar a menor cousa; para mitigar, porém, o desgosto que a sua recusa causou visivelmente ao negociante, pediu-lhe que empre-



gasse parte do seu ouro para melhorar a sorte dos naufragos.

Maior satisfação ainda teve Robinson quando, chegado em Portsmouth, depois de longas pesquisas, descobriu a viuva da official inglez, cuja herança conduzia.

Encontrou - a com dous filhos, mergulhada na mais cruel miseria;

que alegria para o nosso amigo, entregar á misera a fortuna que lhe salvára, e que para sempre a punha a coberto das privações!

Comprehendeu os gozos que a riqueza pode dar, e nunca mais em sua vida esqueceu-se desta lição eloquente, repartindo com os necessitados o que a elle havia cabido em quinhão.

Em Portsmouth Robinson embarcou-se com os seus companheiros para a sua cidade natal, onde chegou sem contratempo.

Descreveremos a scena tocante do encontro de Robinson com seu pai, que tantos annos o havia chorado como morto? A palavra seria impotente para reproduzir emoções profundas e sagradas, como as que agitaram os dous homens ao estreitaram-se ao peito.

No calix da ventura de Robinson cahiu uma gotta de mágua amarga: sua santa mãe havia baixado ao tumulo sem tornar a abraçar seu filho, mas abençoando-o de longe, porque para ella não era duvidoso que estivesse ainda entre os vivos.

Grande alvoroço causou a volta de Robinson na sua cidade natal. Havendo-se espalhado noticia acerca de suas aventuras estranhãs, milhares de pessoas acudiram para ver os indios e os utensilios que tão paciente e engenhosamente o nosso amigo havia fabricado.

Robinson pediu venia a seu pai para não aceitar o convite que este lhe fizera de seguir a carreira commercial. A vida activa ao ar livre adquirira demasiado encanto para elle, para poder encerrar-se entre quatro paredes. Comprou grandes terrenos á pouca distancia da cidade, e montou um estabelecimento rural, onde, em companhia de seu fiel Sexta-feira e do velho pai deste, se entregou á sua occupação favorita de arrancar do seio da terra os thesouros que nunca nega ao homem laborioso.

E para manter sempre vivas na memoria as reminiscencias da sua ilha, construiu, no meio de sua bella propriedade, uma gruta artificial com o seu competente terreiro, a escada de cordas e a parede viva de arvores verdejantes.

Muitas vezes, e principalmente em momentos difficeis de sua nova vida, Robinson recolhia-se nesse recinto para meditar acerca da solução dos problemas que o preocupavam; e, vencida a difficuldade, dizia a Sexta-feira com um sorriso de satisfação:

— Foi nessa escola, lá, em nossa ilha, que aprendi a reflectir e a conhecer o poder da vontade e a prodigiosa fertilidade do trabalho intelligente, paciente e aturado.



120324

2

3500

Abri de 1975

Porto

Comprado por
Leiriana Lense

